

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

ALISSON ANDRÉ JESUS DE ALMEIDA

**O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES DO ICOFOM DURANTE A DÉCADA DE 1980
NA CONSTRUÇÃO DE UMA MUSEOLOGIA CIENTÍFICA:**

o caso do boletim informativo *Museological News*

Porto Alegre

2022

ALISSON ANDRÉ JESUS DE ALMEIDA

**O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES DO ICOFOM DURANTE A DÉCADA DE 1980
NA CONSTRUÇÃO DE UMA MUSEOLOGIA CIENTÍFICA:
o caso do boletim informativo *Museological News***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção de título de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Orientadora:

Profa. Dr^a Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Carlos André Bulhões

Vice-Reitora Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Ana Maria Moura

Vice-Diretora Vera Regina Schmitz

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Coordenadora Fernanda Carvalho de Albuquerque

Coordenadora substituta Ana Carolina Gelmini de Faria

CIP - Catalogação na Publicação

Almeida, Alisson André Jesus de
O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES DO ICOFOM DURANTE A DÉCADA
DE 1980 NA CONSTRUÇÃO DE UMA MUSEOLOGIA CIENTÍFICA: o
caso do boletim informativo Museological News /
Alisson André Jesus de Almeida. -- 2022.
167 f.
Orientadora: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e
Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Ciência. 2. Museologia. 3. Teoria Museológica.
4. ICOFOM. 5. Museological News. I. Faria, Ana
Carolina Gelmini de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Rua Ramiro Barcelos, 2705, sl. 203

Bairro Santana - Porto Alegre - RS

CEP: 90035007

Telefone 51 3308-2163

E-mail: ppgmuspa@ufrgs.br

ALISSON ANDRÉ JESUS DE ALMEIDA

**O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES DO ICOFOM DURANTE A DÉCADA DE 1980
NA CONSTRUÇÃO DE UMA MUSEOLOGIA CIENTÍFICA:**

o caso do boletim informativo *Museological News*

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profº Drº Daniel Maurício Viana de Souza (PPGMSPC/UFPEL)

Profª Drª Leticia Julião (PPGMusPa/UFRGS)

Profª Drª Luciana Menezes de Carvalho (UNIRIO)

Profª Drª Ana Carolina Gelmini de Faria (PPGMusPa/UFRGS) - Orientadora

Para minha filha Sofia, pelo amor ao conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Ana Carolina Gelmini de Faria, pela constante disponibilidade em ajudar e por seu revigorante bom humor. Agradeço aos professores membros da banca examinadora, Daniel Maurício Viana de Souza, Letícia Julião, e Luciana Menezes de Carvalho, pela generosidade em dispor de seu tempo e energia para ler e avaliar este trabalho. Agradeço ao Bruno Brulon Soares, que participou da banca de qualificação e nos ofereceu seu valioso parecer. Agradeço à Suzanne Nash, viúva de Vinos Sofka, pela gentileza em responder nossa mensagem quando tivemos dúvidas sobre o processo de digitalização das publicações. Agradeço a todos que trabalharam para tornar disponíveis as publicações que serviram como fontes documentais desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores e professoras, não apenas do PPGMusPa, mas também do curso de Graduação em Museologia da UFRGS, por todo o aprendizado que deles recebi. Por fim, agradeço a todos os funcionários da UFRGS que indiretamente trabalharam para que esta pesquisa, e tantas outras, fossem possíveis.

“Cada cabeça tem sua justiça,
cada justiça traz sua razão,
cada flor traz o seu perfume,
e cada Amor tem o seu coração.”

Hino do Santo Daime

RESUMO

Esta dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), tem como objetivo compreender quais foram as funções exercidas pelas publicações do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), e em especial o boletim informativo *Museological News*, no processo de construção de uma Museologia teórica e científica durante a década de 1980. Para essa análise, fizemos uso dos conceitos de campo e de capital científico, de Pierre Bourdieu, além do conceito de espiral da cultura científica de Carlos Vogt. A revista *Museological Working Papers (MuWoP)*, a revista *ICOFOM Study Series (ISS)*, e o boletim informativo *Museological News* foram analisados sob a perspectiva da produção e difusão de conhecimento científico no campo museológico. O boletim *Museological News* foi o principal objeto de estudo desta pesquisa, especialmente os dez volumes publicados entre 1983 e 1989, período em que teve como editor-chefe Vinos Sofka, que inicialmente considerava o boletim como um meio de manter os membros do ICOFOM informados sobre as atividades do Comitê, e no qual foram publicados muitos documentos relativos à gestão do ICOFOM, mas que durante cinco edições também publicou textos de caráter científico. As análises demonstraram que o boletim informativo *Museological News* foi um importante mecanismo de fortalecimento do ICOFOM a partir de 1983, contribuindo na troca de experiências e conhecimentos entre seus membros, além de ter, ao longo de suas edições e através das escolhas editoriais, adquirido um caráter de revista científica que não estava inicialmente previsto como objetivo da publicação. Além disso, consideramos que, quatro décadas após a publicação de sua primeira edição, o boletim informativo *Museological News* tornou-se um suporte da memória científica e institucional da Museologia, podendo ser visto como um patrimônio do campo museológico.

PALAVRAS-CHAVE

Ciência. Museologia. Teoria Museológica. ICOFOM. *Museological News*.

ABSTRACT

This dissertation, presented to the Postgraduate Program in Museology and Heritage at the Federal University of Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), aims to understand the functions performed by the publications of the International Committee for Museology (ICOFOM), and in particular the newsletter *Museological News*, during the process of building a theoretical and scientific Museology during the decade of 1980. For this analysis, we made use of the concepts of field and scientific capital, by Pierre Bourdieu, in addition to the concept of spiral of scientific culture, by Carlos Vogt. The *Museological Working Papers* (MuWoP), the *ICOFOM Study Series* (ISS), and the *Museological News* publications were analyzed from the perspective of the production and dissemination of scientific knowledge in the museological field. The *Museological News* bulletin was the main object of study of this research, especially the ten volumes published between 1983 and 1989, a period in which its editor-in-chief Vinos Sofka, who initially considered the bulletin as a means of keeping ICOFOM members informed about the activities of the Committee, and in which many documents related to the management of ICOFOM were published, but which during five editions also published texts of a scientific nature. The analyzes showed that *Museological News* was an important mechanism for strengthening ICOFOM from 1983 onwards, contributing to the exchange of experiences and knowledge among its members, in addition to having, throughout its editions and through editorial choices, acquired a character of a scientific journal that was not initially foreseen as the objective of the publication. In addition, we consider that, four decades after the publication of its first edition, the *Museological News* newsletter has become a support for the scientific and institutional memory of Museology, and can be seen as a heritage of the museological field.

KEYWORDS

Science. Museology. Museological Theory. ICOFOM. *Museological News*.

LISTA DE FIGURAS

1	A espiral da cultura científica	25
2	Capa da revista <i>Museological Working Papers</i> n. 1	74
3	Capa da revista <i>Museological Working Papers</i> n. 2	85
4	Capa da primeira edição da revista <i>ICOFOM Study Series (ISS)</i>	97
5	Capa da oitava edição do boletim <i>Museological News</i>	109
6	Página 7 de <i>Museological News</i> n. 11, mostrando a ausência do editorial	116

LISTA DE QUADROS

1	Termos e resultados da pesquisa sobre o Estado da Arte	18
2	Nome e procedência dos autores cujos artigos foram publicados na revista MuWoP n. 1	82
3	Nome e procedência dos autores que publicaram artigos na MuWoP n. 2 sobre o tema da MuWoP n .1	91
4	Nome e procedência dos autores que publicaram artigos na MuWoP n. 2 sobre o tema da interdisciplinaridade	92
5	Número, ano de publicação e tema das edições de ISS que foram editadas por Vinos Sofka	99
6	Datas de publicação e número de páginas das quinze primeiras edições do boletim informativo Museological News	110
7	Textos ausentes em Museological News	116
8	Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em Museological News n. 8	130
9	Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em Museological News n. 9	132
10	Seção, títulos e autores dos textos relativos aos Estudos de Caso publicados em Museological News n. 10	134
11	Seção, títulos e autores dos textos científicos relativos aos Seminários publicados em Museological News n. 10	135
12	Seção, títulos e autores dos textos relativos ao Painel de Debates publicados em Museological News n. 10	137
13	Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em Museological News n. 11	138
14	Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em Museological News n. 12	139
15	Quantificação das páginas com conteúdo científico em edições de Museological News	140
16	Documentos relativos ao ICOFOM e que foram publicados em Museological News	144

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ICOFOM - Comitê Internacional para a Museologia

ICOFOM LAM - Subcomitê do ICOFOM para a América Latina e o Caribe

ICOM - Conselho Internacional de Museus

ICTOP - Comitê Internacional para Treinamento de Pessoal

ISS - ICOFOM Study Series

MuWoP - Museological Working Papers

PPGMusPa - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A CONSTRUÇÃO DA MUSEOLOGIA COMO UMA DISCIPLINA CIENTÍFICA	31
2.1	A condição da ciência no século XX	33
2.2	A proposta de uma Museologia científica	46
3	O PAPEL DAS REVISTAS CIENTÍFICAS NO CAMPO MUSEOLÓGICO: as publicações do ICOFOM	68
3.1	<i>Museological Working Papers (MuWoP)</i>	73
3.2	<i>ICOFOM Study Series (ISS)</i>	97
4	O BOLETIM INFORMATIVO <i>MUSEOLOGICAL NEWS</i>	109
4.1	As palavras do editor	114
4.2	O conteúdo científico no boletim <i>Museological News</i>	129
4.3	O aspecto arquivístico e museal do boletim <i>Museological News</i>	142
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
	REFERÊNCIAS	160

1 INTRODUÇÃO

Considerando que os museus são instituições notadamente interdisciplinares, não é de se espantar que nos cursos de graduação ou pós-graduação em Museologia¹ se encontrem pessoas formadas, por exemplo, nas áreas da Biologia, Turismo, Educação, Artes ou Arquitetura, mas a disciplina que mais habitualmente tem se relacionado com a Museologia é provavelmente a História. Ainda me lembro de ter ouvido, em uma das aulas iniciais da pós-graduação, uma professora dizer algo que já havia me ocorrido e que certamente outros também devem ter pensado ao refletir sobre os museus: “Todo museu é museu de história”. Ou seja, mesmo em museus não declaradamente históricos, como os museus de ciências naturais, por exemplo, há sempre um aspecto histórico. A escrita da história é, de certa forma, uma narrativa sobre as mudanças provocadas e sofridas por um objeto² ao longo de certo período de tempo. Sendo assim, percebe-se que é impossível, para qualquer ente, escapar da dimensão histórica simplesmente porque, no mundo em que vivemos, é impossível não estar à mercê do inexorável fluxo do tempo.

No meu caso, foi precisamente através de minha formação em História que cheguei até o interesse pelos museus. Meu primeiro contato direto com um acervo museológico ocorreu no primeiro semestre de 2013, quando realizei, durante o último ano de minha formação como bacharel em História, um estágio curricular em pesquisa histórica no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Naquela ocasião, tive a oportunidade de fazer uma atividade simples, mas que serviu para ampliar meus horizontes. Ao fazer o inventário de uma parte do acervo, a curiosidade, esse motor fundamental da busca pelo conhecimento, tomou conta de mim. Eu nunca sabia o que iria encontrar dentro de cada uma das caixas daquele acervo quando as abrisse. Apesar de que, depois de certo tempo e de muitas caixas abertas e inventariadas, o conteúdo começasse a parecer cada vez mais banal, repetitivo e previsível, eu mantinha as esperanças de que sempre poderia surgir algo inesperado e interessante, como quando encontrei esboços originais de desenhos feitos durante

¹ Ao longo desta dissertação, utilizamos o termo Museologia com inicial maiúscula, denotando uma área específica de conhecimento científico. Contudo, o termo aparecerá com inicial minúscula nas citações em que os autores, mesmo quando se referindo à Museologia enquanto ciência, optaram por escrevê-la com inicial minúscula.

² Objeto entendido em sentido amplo, desde um pequeno objeto material e individualmente musealizável, até objetos de estudo como uma instituição, uma nação, ou até mesmo um objeto abstrato de estudo, como o desenvolvimento de uma ideia ao longo do tempo.

o processo de criação da atualmente bem conhecida marca promocional da UFRGS, com sua característica chama vermelha tripartida sobre a sigla da Universidade.

É raro encontrar um historiador que um dia não sonhou, mesmo que ingenuamente, em fazer uma grande descoberta material que pudesse trazer novos conhecimentos para a humanidade. Em cada canto inexplorado e esquecido de um acervo empoeirado há sempre o potencial de uma nova descoberta. Em cada simples caixa de polipropileno azul que eu abria havia a esperança de que ali estivesse um tesouro há muito esquecido, como ainda os deve haver nos solos das pirâmides.

Uma vez passada a “síndrome de Indiana Jones”, ou seja, a empolgação inicial do pesquisador de acervos por encontrar algo raríssimo e valioso, tive uma experiência que me mostrou uma via menos gloriosa para a construção de conhecimento, mas igualmente respeitável, provavelmente mais eficiente em resultados práticos, mas diametralmente oposta ao heroísmo da descoberta singular: em vez do objeto único e inédito, examina-se uma longa série repetitiva da mesma tipologia. Eu pude fazer algo assim no segundo semestre de 2013, quando tive uma experiência que serviu para atrair e sensibilizar definitivamente meu olhar em relação à importância da conservação e divulgação de acervos.

Em minha monografia de conclusão de curso, pesquisei sobre as notícias de linchamentos que foram publicadas no jornal carioca “Gazeta de Notícias”, no período final do regime monárquico brasileiro (1875-1889). Essa pesquisa só foi possível porque pude ter acesso àqueles jornais centenários através do portal da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional³. Não pude deixar de me sentir agradecido, afinal, se não fosse todo o trabalho de organização, conservação e digitalização daquele volumoso material, realizado pelos profissionais da Biblioteca Nacional, minha pesquisa jamais teria sido possível. Não foi preciso que eu remexesse papéis antigos e agitasse ao ar, para infelicidade de minhas vias respiratórias, o inevitável acúmulo de pó com o qual os acervos históricos costumam nos presentear. Na desempoeirada tela do computador, todos aqueles jornais mostravam-se nítidos, limpos e imediatamente acessíveis. Como se isso não bastasse, ainda era possível pesquisar, em meio àquele mar de palavras que os jornais ofereciam, por termos específicos que facilitavam o encontro da “agulha no palheiro”, através do uso da tecnologia de reconhecimento óptico de caracteres. Era como se eu possuísse, à minha disposição,

³ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 1 fev. 2021.

um estagiário sempre solícito e perfeitamente eficiente, que fizesse toda a parte cansativa e mecânica do trabalho de pesquisa, deixando ao pesquisador somente o encargo da análise humana consciente e crítica que os computadores não são capazes, ainda, de realizar. Imaginemos o que sentiriam os historiadores pretéritos se soubessem que um dia as pesquisas poderiam ser feitas com tanta comodidade e eficiência. Eles provavelmente veriam nisso uma espécie de utopia da pesquisa histórica e invejariam as oportunidades que toda essa tecnologia nos oferece.

E foi assim, através da minha formação em História e do trabalho com acervos físicos e digitais, que meu interesse pela Museologia foi crescendo até que, em 2017, decidi realizar uma segunda graduação e fiz novamente o vestibular da UFRGS, dessa vez para o curso de Museologia, que comecei a frequentar no primeiro semestre de 2018. Um ano depois, no primeiro semestre de 2019, a semente a partir da qual germinou o problema deste projeto de pesquisa foi plantada em minha consciência durante a escrita de um artigo que serviu como atividade avaliativa para a disciplina de Teoria Museológica. Naquela ocasião, talvez pela minha formação em História, quis investigar as origens das ideias sobre teoria museológica, analisando a primeira publicação periódica do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (ICOM): a revista *Museological Working Papers* (*MuWoP*), publicada no ano de 1980 e cujo tema era: “Museologia - ciência ou apenas trabalho prático de museu?”⁴.

A capa da revista trazia uma inquietante ilustração na qual um homem, com a parte superior do crânio estranhamente ausente, carregava um objeto de museu. Essa ilustração poderia ser interpretada como uma provocação aos profissionais de museu para que tomassem consciência de que algo importante lhes faltava, acrescida da ironia de que, sem um cérebro, jamais poderiam ter a capacidade reflexiva necessária para perceberem em si mesmos sua própria deficiência cognitiva. A ilustração permite ainda uma interpretação metamuseológica se entendermos que aquela figura não representaria apenas supostos descerebrados profissionais de museu, mas a própria Museologia reduzida a trabalhos práticos e desprovida de uma consciência que pudesse, através de uma visão mais ampla, otimizar e guiar seus esforços práticos, ampliando os horizontes da disciplina e permitindo a seus profissionais que fossem além da preocupação com os problemas práticos das instituições e assim pudessem

⁴ Tradução livre do original “Museology: Science or just practical museum work?”

vislumbrar formulações teóricas sobre a própria natureza dos museus e suas funções dentro da sociedade.

A análise dos textos de dezenove professores e profissionais de museu, incluindo curadores, pesquisadores e diretores que se manifestaram sobre o tema, revelou que apenas três autores negaram à Museologia qualquer tipo de estatuto científico, de modo que a opinião majoritária se mostrava favorável à ideia de que a Museologia já poderia ser considerada uma ciência, senão em estado maduro, pelo menos em estágio embrionário.

Durante a escrita desse artigo várias questões surgiram, mas que não poderiam ser respondidas naquele momento: Por que a necessidade de uma teoria museológica só se cristalizou em um Comitê do ICOM em 1977? O que poderia ter mudado na sociedade ou no campo museológico para que preocupações teóricas anteriormente ausentes finalmente recebessem atenção especial em um debate internacional?

Essas eram as perguntas iniciais que me inquietavam quando, ao trancar o curso de Graduação em Museologia no quinto semestre, em meio à pandemia, apresentei meu anteprojeto de pesquisa para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da UFRGS. No entanto, as ideias contidas no anteprojeto foram amadurecendo ao longo dos meses de estudo e de orientação através de uma delimitação mais precisa do problema e de sua abordagem até que decidimos analisar uma fonte ainda pouco explorada quando comparada com outras publicações do ICOFOM: o boletim informativo *Museological News*, que foi uma publicação semestral do ICOFOM iniciada em maio de 1981 e distribuída gratuitamente a todos os seus membros. Naquele tempo em que a internet ainda não era de uso generalizado, o objetivo inicial da publicação era manter os membros do ICOFOM informados sobre eventuais novidades na gestão do Comitê, além de orientações relativas aos encontros anuais que eram organizados e nos quais eram realizados colóquios, simpósios e palestras sobre temas de interesse do ICOFOM. Com esse objeto de estudo, assim como já havia ocorrido durante minha monografia para o bacharelado em História, novamente me deparei com fontes de pesquisa que só se tornaram hoje facilmente disponíveis mediante a digitalização desse material e sua disponibilização na internet.⁵

⁵ Disponível em: <http://icofom.mini.icom.museum/icofom-news/museological-news/>. Acesso em: 6 nov. 2021. Entretanto, durante o término da escrita desta dissertação (31/10/2022) verificamos que as edições digitalizadas de *Museological News* não estavam mais disponíveis nesse endereço.

Através de uma análise preliminar dos primeiros quinze números de *Museological News*, publicados entre 1981 e 1992, percebemos que a publicação teve um progressivo aumento no número de páginas ao longo de suas edições, e passou a apresentar textos de caráter científico que não estavam inicialmente planejados para uma publicação cujo objetivo anunciado era ser apenas um boletim informativo.

Sendo assim, o **problema** poderia ser formulado através das seguintes três questões: Quando, onde e através de quais meios a Museologia se legitimou como um ramo do conhecimento científico ocidental? Quais são as funções exercidas pelos periódicos na construção e disseminação do conhecimento científico, e considerando o ICOFOM, como esse fenômeno ocorreu internacionalmente no campo museológico na segunda metade do século XX? Qual foi o papel desempenhado pela publicação *Museological News* durante a consolidação da Museologia como campo científico durante a década de 1980? A cada uma dessas questões dedicamos um dos capítulos desta pesquisa.

O **objetivo geral** é compreender, dentro do contexto amplo das funcionalidades das publicações científicas, e mais precisamente, no âmbito das publicações do ICOFOM, de que forma o periódico *Museological News* pode ter contribuído para o processo de construção, consolidação e disseminação da ideia de uma Museologia teórica e científica durante a década de 1980.

Os **objetivos específicos** consistem em:

- Compreender o processo de incorporação da Museologia às ciências humanas no Ocidente;
- Compreender o papel desempenhado pelas publicações científicas na disseminação e consolidação do conhecimento científico;
- Examinar as outras publicações feitas pelo ICOFOM na década de 1980 e sua relação com o boletim *Museological News*;
- Analisar o papel específico desempenhado pelo boletim informativo *Museological News* na dinâmica do campo museológico da década de 1980 a partir do ICOFOM.

A relevância desta pesquisa consiste em seu caráter de originalidade ao trabalhar com uma fonte ainda relativamente pouco explorada pela bibliografia atualmente existente. Além disso, esperamos que ela seja útil para a compreensão dos mecanismos do processo de formação de um discurso científico que embasou o estabelecimento da Museologia como uma disciplina científica, revelando parte da dinâmica comunicacional através da qual o diálogo internacional entre profissionais

de museu veio a conformar a Museologia científica icofomiana⁶ da década de 1980. Por fim, esperamos que os resultados desta pesquisa forneçam elementos que instiguem e subsidiem outras pesquisas que futuramente possam ampliar ou aprofundar o tema.

Antes de iniciar qualquer empreendimento epistemológico, é sempre recomendável realizar um levantamento sobre o material bibliográfica disponível e o atual estado da questão a ser investigada. Assim, ao nos beneficiarmos da produção científica historicamente acumulada, podemos evitar a ilusão de trilhar caminhos inéditos enquanto repisamos veredas já conhecidas.

Além disso, conhecer o estado da arte permite identificar os consensos e disputas em torno das questões pertinentes ao assunto, possivelmente revelando quais pontos precisariam ser mais bem esclarecidos para dirimir dúvidas ou romper eventuais consensos baseados em equívoco. O estado da arte permite estabelecer bases referenciais seguras que servirão para definir não apenas o ponto de partida da pesquisa, mas também o de sua chegada, pois ao identificarmos o atual ponto-limite da investigação de nosso objeto, estaremos mais aptos a oferecer uma contribuição que seja relevante ao nosso campo de estudo.

Sendo assim, foram pesquisados trabalhos que abordassem a atuação do ICOFOM no processo de emergência e consolidação de uma Museologia científica. Outro bloco de interesse se concentrou sobre o papel desempenhado pelas publicações científicas no campo museológico.

Como uma das formas de consulta para a revisão bibliográfica, inicialmente realizamos buscas no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no repositório Hórus da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) utilizando onze termos e obtivemos resultados conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Termos e resultados da pesquisa sobre o Estado da Arte

PORTAL	TERMO PESQUISADO	RESULTADOS
CAPES	ICOM	26
CAPES	ICOFOM	6
CAPES	MuWoP	1

⁶ Relativa ao ICOFOM.

CAPES	“Museological News”	0
CAPES	“ICOFOM Study Series”	0
CAPES	“museologia científica”	2
CAPES	“museologia teórica	0
CAPES	“teoria museológica”	7
CAPES	“ciência museológica”	2
CAPES	“campo museal”	17
CAPES	“campo museológico”	18
HÓRUS/UNIRIO	ICOM	12
HÓRUS/UNIRIO	ICOFOM	9
HÓRUS/UNIRIO	MuWoP	433
HÓRUS/UNIRIO	Museological News	136
HÓRUS/UNIRIO	“ICOFOM Study Series”	2
HÓRUS/UNIRIO	“museologia científica”	1
HÓRUS/UNIRIO	“museologia teórica”	0
HÓRUS/UNIRIO	“teoria museológica”	2
HÓRUS/UNIRIO	“ciência museológica”	0
HÓRUS/UNIRIO	“campo museal”	4
HÓRUS/UNIRIO	“campo museológico”	4

Fonte: Autor, 2021.

Notamos que, apesar de alguns termos apresentarem dezenas ou até centenas de resultados, os únicos considerados relevantes foram aqueles provenientes de Programas de Pós-Graduação em Museologia. Sendo assim, verificamos, por meio de seus respectivos sítios eletrônicos, as teses e dissertações, conforme disponibilizadas até outubro de 2021, dos seguintes cursos: Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia (PPACT/MAST)⁷, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMus/USP)⁸, Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA)⁹, Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (PPGAPM/UFPI)¹⁰,

⁷ Disponível em: <http://site.mast.br/ppact/trabalhos.html>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁸ Disponível em: <https://sites.usp.br/ppgmus/dissertacoes-ppgmus/>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁹ Disponível em: <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/pt-br/teses-dissertacoes>. Acesso em: 4 out. 2021.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ppgmuseu.ffch.ufba.br/pt-br/teses-dissertacoes>. Acesso em: 4 out. 2021.

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS)¹¹, e Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPG-PMUS/MAST/UNIRIO)¹². Aos trabalhos provenientes da produção acadêmica desses cursos se somam também, para compor o estado da arte desta pesquisa, referências localizadas por outros meios, como as bibliografias de disciplinas realizadas no curso de Museologia, ou até mesmo gentis indicações pessoais de professores e colegas.

Ao longo desta dissertação utilizaremos alguns conceitos oriundos de outros autores e que serão úteis como ferramentas epistêmicas nas análises que serão empreendidas durante a abordagem dos problemas desta pesquisa. Destacamos aqui o conceito de **campo**, e mais especificamente, **campo científico**, conforme definidos por Pierre Bourdieu (2004), e também o conceito de **capital científico**, do mesmo autor e que se relaciona com seu conceito de campo. Além destes, utilizaremos também o conceito de **espiral da cultura científica**, conforme apresentado pelo linguista Carlos Vogt.

Pierre Bourdieu elaborou seu conceito de campo para escapar de um antagonismo analítico que, segundo ele, surge frequentemente quando uma área do conhecimento é analisada com pretensões científicas (BOURDIEU, 2004). Essa oposição ocorre entre uma interpretação “internalista” e outra “externalista”. No primeiro caso, a interpretação de determinado setor da produção cultural – seja artístico ou científico – pode ser feita utilizando-se apenas os seus elementos internos, isto é o que Bourdieu chama de “fetichismo do texto autonomizado” (BOURDIEU, 2004, p. 19), no qual nada haveria para ser conhecido além da letra do texto que é interna ao próprio campo. Por outro lado, a interpretação externalista, frequentemente associada ao marxismo e suas variantes, tenta relacionar o texto ao contexto, analisando a produção cultural não de forma autônoma, mas em relação com o mundo social e econômico no qual ela está inserida. Para Bourdieu, nenhuma dessas duas abordagens é capaz de compreender plenamente o fenômeno da produção cultural artística ou científica, pois para atingir esse fim não seria suficiente referir-se exclusivamente ao conteúdo textual interno, e tampouco bastaria fazer relações

¹¹ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgmuspa/Teses>. Acesso em: 4 out. 2021.

¹² Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/dissertacoes> e <http://www.unirio.br/ppg-pmus/teses>. Acesso em: 4 out. 2021.

diretas – e às vezes simplistas – entre texto e contexto. A hipótese de Bourdieu é a de que

[...] entre esses dois polos existe um universo intermediário que chamo o *campo literário, artístico, jurídico ou científico*, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20, grifos do autor)

Sendo assim, o conceito de campo permite ao pesquisador escapar da alternativa dicotômica entre uma ciência pura submetida apenas a suas próprias leis internas e uma ciência totalmente escrava de determinações socioeconômicas externas.

Uma característica importante do campo é a sua autonomia relativa, ou seja, a independência de cada campo, entendido como um microcosmo social, é relativa e seu grau de autonomia em relação ao macrocosmo social varia em cada caso e ao longo do tempo. Essa autonomia se revela quando percebemos que mesmo as influências externas não chegam de forma direta ao campo, mas são mediadas pelas dinâmicas internas de cada campo, de modo que uma mesma pressão externa se manifestará com intensidades e formas diferentes em cada campo de acordo com a capacidade de refração exercida por cada um deles sobre o elemento externo que o adentra. Aliás, segundo Bourdieu (2004), esse poder de refração é um indicativo direto do grau de autonomia de um campo, pois quanto maior for seu poder de refração, ou seja, seu poder de retraduzir as imposições macrossociais em formas especificamente moldadas pelo campo, maior é a sua autonomia. Sendo assim, campos altamente autônomos poderiam até mesmo, em casos extremos, transfigurar as imposições externas em formas internas próprias que tornariam suas origens quase irreconhecíveis.

Além disso, é importante compreender o papel desempenhado pelos agentes que atuam no campo, cuja posição ocupada na estrutura determina ou orienta suas tomadas de posição. Isso significa que para compreender as manifestações de um agente é preciso identificar a partir de onde ele fala. Contudo, Bourdieu adverte que a interpretação da posição ocupada pelo agente não deve se limitar à tradição marxista de apontar a condição de classe do sujeito, mas, para além disso, deve compreender toda a estrutura das relações objetivas entre os agentes, que, em última instância, é

o que determina o que cada agente pode ou não fazer (BOURDIEU, 2004). Por sua vez, essa estrutura é determinada pela distribuição do capital científico dentro de certo campo num determinado momento. Quanto maior o volume de capital científico concentrado por um agente individual ou por uma instituição, maior é a sua capacidade de influenciar o campo ao seu redor, mas isso não acontece de forma direta e facilmente manipulável, pois como adverte o autor: “[...] nada é mais difícil e até mesmo impossível de ‘manipular’ do que um campo” (BOURDIEU, 2004, p. 25).

Por fim, um último aspecto do conceito de campo que cumpre salientar é o fato de que um campo é sempre um espaço de lutas e disputas. Nesse sentido, é possível comparar a dinâmica interna de um campo com um jogo, com a diferença de que o campo, neste caso, seria um jogo no qual suas próprias regras não seriam totalmente fixas, mas estariam elas próprias também em disputa e passíveis de serem alteradas por uma revolução científica causada por um agente, como fez, por exemplo, Albert Einstein no campo das ciências físicas com sua teoria da relatividade no início do século XX. Ao falar especificamente sobre o campo científico, Bourdieu afirma:

O mundo da ciência, como o mundo econômico, conhece relações de força, fenômenos de concentração do capital e do poder ou mesmo de monopólio, relações sociais de dominação que implicam uma apropriação dos meios de produção e de reprodução, conhece também lutas que, em parte, têm por móvel o controle dos meios de produção e reprodução específicos, próprios do subuniverso considerado. (BOURDIEU, 2004, p. 34)

Uma das ferramentas utilizadas nessas lutas que ocorrem no campo é o capital científico acumulado pelos agentes e instituições. Bourdieu (2004, p. 26) define capital científico como uma “espécie particular do capital simbólico [...] que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”. O sociólogo francês distingue entre dois tipos de capital científico: um capital científico institucional, que está ligado à ocupação de cargos importantes dentro de instituições; e um capital científico pessoal mais ou menos independente do precedente (BOURDIEU, 2004, p. 35). A esses dois tipos de capital científico correspondem duas formas distintas de acumulação.

O capital científico institucional pode ser acumulado através de participações em comissões, bancas, colóquios, cerimônias e reuniões convencionais do meio científico. Por sua vez, o capital científico pessoal adquire-se pelas contribuições reconhecidas ao progresso das ciências, como invenções, descobertas, e pesquisas

relevantes. Além de apresentarem diferenças nos métodos de aquisição, os dois tipos de capital científico também se diferem na sua forma de transmissão. O capital científico institucional pode ser transmitido de forma burocrática, ou seja, um documento como uma portaria de nomeação pode transferir, por exemplo, o capital científico de um chefe de departamento universitário para o seu sucessor formal. Por outro lado, o capital científico pessoal tem um aspecto carismático, por estar ligado aos talentos e habilidades pessoais do cientista, e por isso mesmo sua transmissão não pode ocorrer de maneira burocrática, mas exige um longo e lento trabalho de formação e colaboração entre o cientista detentor desse capital e o seu pretendido herdeiro científico.

Bourdieu (2004) afirma que, embora seja difícil para um agente acumular, ao mesmo tempo, essas duas formas de capital científico, elas podem ser, pelo menos parcialmente, convertidas de uma forma para outra. O capital científico institucional pode se converter parcialmente em prestígio pessoal através de estratégias políticas baseadas em seu poder sobre as instâncias de produção e reprodução do campo, como participações em bancas de formação e recrutamento. Por sua vez, o capital científico pessoal também pode ser convertido em capital institucional, embora o autor afirme que esta conversão é mais difícil de ser realizada do que a outra (BOURDIEU, 2004). Uma importante consequência dessa distinção entre as duas formas de capital científico é a de que, em um campo, nem sempre os mais prestigiados – os que detêm mais capital científico pessoal - serão os mais poderosos, ou seja, os que ocupam as posições institucionais mais importantes dentro da estrutura do campo. Disso decorre que em um campo os conflitos intelectuais revelam sempre algum aspecto de conflito de poder, e as estratégias dos agentes costumam levar em conta tanto uma forma de capital científico quanto a outra, de modo que uma explicação de suas ações deve considerar esses dois aspectos conjuntamente.

Para os fins desta dissertação, faremos uso do conceito de “campo museológico”, entendido como o campo científico específico da área museológica, dentro do qual operam os agentes e as instituições da Museologia e que, por sua vez, fazem uso de seus capitais científicos quando atuam no campo. O uso do conceito de campo científico aplicado à Museologia não é inédito. Podemos encontrá-lo, por

exemplo, em um artigo publicado em 2014 e no qual os autores¹³ afirmam que, no caso do Brasil, os agentes antecederam o campo museológico, uma vez que a formação de profissionais levou à definição das posições acadêmicas e políticas pois, segundo os autores, apenas quando já se tinha museólogos formados é que

“[...] passou a existir uma ‘Museologia’ como *campo independente* para além do universo do Curso de Museus – onde ela existiu como um campo de estudos e pesquisas em primeiro lugar.” (SOARES; CARVALHO; CRUZ, 2014, p. 257, grifo nosso).

Os conceitos de campo e capital científico devem também nos ajudar a compreender a dinâmica própria do campo museológico através da análise da atuação de seus agentes e instituições como, por exemplo, Vinos Sofka¹⁴ e o ICOFOM. Ademais, com esses conceitos buscamos compreender como o acúmulo e o investimento de capital científico influenciou a construção e a difusão da ideia de uma Museologia científica através de publicações institucionais geridas por agentes específicos do campo e que imprimiram sua marca pessoal nessas publicações, promovendo a divulgação de uma Museologia teórica através do uso combinado de capital científico institucional e pessoal.

Além desses dois conceitos extraídos de Pierre Bourdieu, utilizaremos também o conceito de espiral da cultura científica, conforme proposto pelo linguista e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Carlos Vogt. Esse conceito foi também utilizado na tese de Suely Ceravolo (2004) para analisar as revistas MuWoP e ISS, ambas do ICOFOM, além da revista *Museum*, produzida pela UNESCO. O conceito de espiral da cultura científica divide o processo de produção e divulgação da ciência em quatro fases que são denominadas por Vogt como “quadrantes”: o primeiro quadrante seria dedicado à produção e difusão da ciência entre pares, o segundo consistiria no ensino da ciência e a formação de cientistas, o terceiro seria o

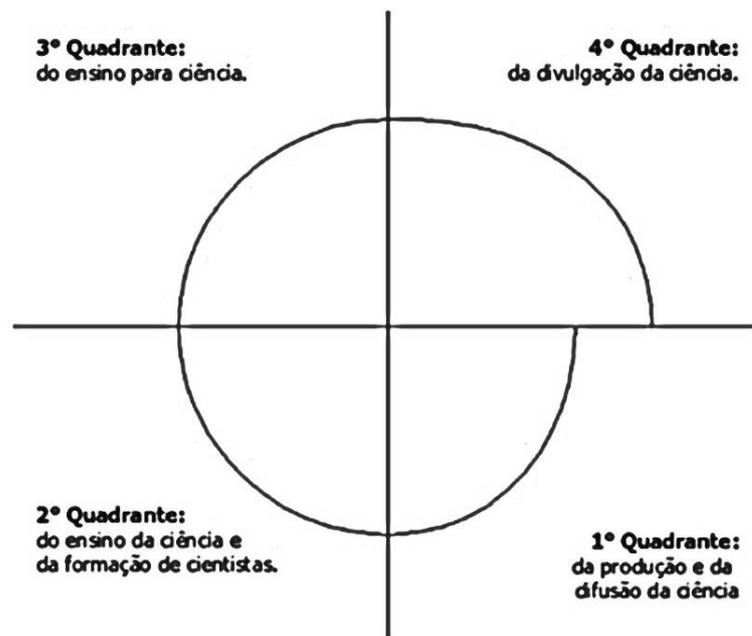
¹³ Contudo, Luciana de Carvalho revisou sua ideia sobre a Museologia como campo, tecendo algumas críticas ao uso desse conceito aplicado à Museologia, conforme se vê nas considerações finais de sua tese (CARVALHO, 2017).

¹⁴ Vinos Sofka (1929 – 2016) nasceu na Tchecoslováquia e se formou em Direito na Universidade de Praga em 1952, antes de se exilar na Suécia por motivos políticos após a Primavera de Praga em 1968. Em 1976, obteve a cidadania sueca e se definiu como um “cidadão sueco de origem tcheca” (SOFKA, 1995, p. 1). Ele foi presidente do ICOFOM de 1982 até 1989 e atuou, aproximadamente pelo mesmo período, como editor das três publicações do Comitê: *Museological Working Papers* (MuWoP), *Museological News*, e *Icofom Study Series* (ISS).

ensino para a ciência, e a última fase seria a divulgação da ciência para o público leigo.

Sendo assim, as revistas científicas que são produzidas por cientistas e destinadas a um público também de cientistas se encontram no primeiro quadrante de produção e difusão da ciência, enquanto que as revistas de tema científico que tem como destinatário o público leigo em geral, ou seja, publicações que promovem a ampla divulgação científica, se localizam no quarto quadrante. Vejamos um diagrama que representa a espiral da cultura científica:

Figura 1 – A espiral da Cultura Científica



Fonte: VOGT, 2003.

É importante notar que ao final de uma circulação completa da espiral por todos os quadrantes, ela não volta mais ao mesmo ponto de partida anterior, mas retorna ao primeiro quadrante em um ponto mais alargado do conhecimento, o que permite que a próxima circulação seja enriquecida pelos conhecimentos adquiridos durante as espirais anteriores, ou seja, trata-se de um processo de retroalimentação da cultura científica. Fazendo uso desse conceito da espiral da cultura científica, pretendemos analisar as publicações do ICOFOM e, em especial, o boletim informativo *Museological News*, e compreender de que forma elas puderam desempenhar um papel de produção, difusão ou divulgação da ciência museológica. Identificamos que o periódico *Museological News*, embora não tenha se originado com esse propósito,

acabou adquirindo características que poderiam, pelo menos parcialmente e durante cinco de suas quinze edições, situá-lo no primeiro quadrante da espiral da cultura científica, ou seja, aquele da produção e difusão da ciência entre pares.

Portanto, são estes os conceitos centrais que utilizaremos durante as análises desta pesquisa: **campo museológico**, entendido como uma aplicação específica do conceito de campo científico; **capital científico** e **espiral da cultura científica**.

Esta pesquisa é de natureza básica, cujas análises se fazem sobre fontes documentais e bibliográficas a partir de uma abordagem qualitativa, a fim de realizar um estudo de caso sobre o boletim informativo *Museological News*, nossa principal fonte de pesquisa, objetivando compreender o papel exercido por essa publicação no campo museológico da década de 1980.

Em relação à metodologia utilizada nesta pesquisa, fizemos uso da Análise Documental, compreendida como um método de investigação científica que “[...] utiliza procedimentos técnicos e científicos específicos para examinar e compreender o teor de documentos de diversos tipos, e deles, obter as mais significativas informações, conforme os objetivos de pesquisa estabelecidos” (LIMA JÚNIOR et al., 2021, p. 36). Os autores reiteram:

[...] a pesquisa documental é aquela em que os dados logrados são absolutamente provenientes de documentos, com o propósito de obter informações neles contidos, a fim de compreender um fenômeno; é um procedimento que utiliza de métodos e técnicas de captação, compreensão e análise de um universo de documentos, com bancos de dados que são considerados heterogêneos. Ademais, conforme entende Flick (2009), uma pesquisa é caracterizada como documental quando ela for a única abordagem qualitativa, sendo usada como método autônomo. Entretanto, é possível aproveitar documentos e análise de documentos como estratégias complementares a outros métodos. (LIMA JÚNIOR et al, 2021, p. 42).

Para Cellard (2008) há duas etapas para a realização da Análise Documental: a análise preliminar e a análise propriamente dita. A primeira envolve a compreensão do contexto, do autor ou os autores – e no caso de nosso objeto de estudo, o editor também -, da autenticidade e a confiabilidade do texto, da natureza do texto, dos conceitos-chave e sua lógica interna. O segundo momento consiste na obtenção de informações significativas que irão possibilitar a elucidação do objeto de estudo e contribuir na solução dos problemas de estudo propostos, considerando que

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte, das precauções de ordem crítica tomadas pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise. (CELLARD, 2008, p. 305).

Também para fins de análise documental, faremos uso de algumas proposições teórico-metodológicas do autor Roger Chartier (1996; 1998) que nos auxiliam a compreender o lugar da escrita na produção dos saberes, tendo como diretriz um conjunto de pressupostos para a interpretação da história da cultura escrita, por exemplo: os sujeitos envolvidos, os suportes e usos, os protocolos de leitura, as maneiras de ler. Por fim, para nosso estudo aplicado, duas posições que constroem o sentido do texto serão destacadas: o autor e, especialmente na pesquisa proposta, a figura do editor. Sobre a importância do autor, Chartier (1996, p. 96) afirma:

Com efeito, podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido.

As orientações que o autor produz no texto para a condução da leitura são relevantes para a investigação do papel atribuído ao texto. Mas, nesse processo, Chartier (1998, p.53) afirma que o papel do editor é tão importante quanto o do autor e descreve aquele como um “[...] empreendedor singular que se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores; daí, aliás, suas relações frequentemente difíceis e tensas”. Ainda sobre o editor:

[...] a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto. (CHARTIER, 1996, p. 97).

Pensar o papel desempenhado por esses sujeitos - autor e editor - contribui na análise da intenção desses agentes sobre determinado conteúdo e na edição como uma forma de elaboração de um protocolo de leitura.

Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. (CHARTIER, 1996, p. 20).

Os protocolos de leitura podem ser internos ao texto, elaborados pelo autor estimulado por uma vontade disciplinante, ou atribuídas no impresso pela sua edição, composição, impressão, por meio da tipografia, e conferidas pela intenção editorial. Portanto, os protocolos de leitura podem ser concebidos tanto pelo autor como pelo editor. Encontra-se um protocolo de leitura, por exemplo, nas citações, em termos conclusivos, em notas de rodapé, na didatização do texto, ou em uma ilustração. Com essa metodologia buscamos identificar o protocolo de leitura concebido pelo editor da publicação *Museological News* enquanto uma estratégia, por meio da apropriação pela leitura, de legitimação do campo museológico enquanto disciplina científica.

O periódico *Museological News* foi uma publicação do ICOFOM que teve sua primeira edição publicada em maio de 1981 e cujo principal objetivo era levar aos membros do Comitê informações atualizadas sobre questões concernentes à gestão do ICOFOM, como seu estatuto, regimento interno, objetivos, programa trienal, programa de longo prazo, regras de procedimentos para os encontros, formulários para participação em encontros, orientações para os participantes dos simpósios, relatórios das atividades do Comitê, organogramas, resultados de eleições realizadas para composição do quadro administrativo do ICOFOM, agendas de conferências, listas de membros, anúncios das adesões de novos membros e ficha para seu cadastro, questionário para os membros, apresentação de relatórios sobre os eventos passados e anúncios dos encontros vindouros organizados pelo Comitê. O boletim *Museological News* se apresentava como uma publicação que deveria servir para estimular o “pluralismo, compreensão mútua e solidariedade” e para um “crescimento saudável da Museologia”¹⁵ (JELÍNEK, 1981, p. 2).

Segundo Vinos Sofka, editor de *Museological News* da terceira até a décima segunda edição, ele era “[...] acima de tudo um fórum para uma discussão democrática sobre todas as minutas de documentos concernentes à política, estrutura e programas

¹⁵ Tradução livre do original: “[...] pluralism, mutual comprehension and solidarity, as would and should be the case for a healthy growth of museology.” (JELÍNEK, 1981, p. 2).

do Comitê.”¹⁶ (SOFKA, 1995, p. 22). Tivemos acesso ao boletim *Museological News* através de versões digitalizadas das quinze primeiras edições, originalmente publicadas entre 1981 e 1992, e que encontramos disponíveis em versão de arquivo em formato PDF no site do ICOFOM.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. Nesta introdução apresentamos uma exposição geral sobre o objeto de estudo, o problema de pesquisa, os objetivos da dissertação, as referências teóricas, além de sua metodologia e estrutura textual.

O segundo capítulo apresenta uma descrição do cenário histórico e epistemológico no qual a Museologia emergiu como uma disciplina científica na segunda metade do século XX, por meio de uma exposição das principais ideias que moldaram o moderno conceito de ciência, do cartesianismo fundador da Revolução Científica, passando pelo positivismo de Auguste Comte até o mais recente paradigma holístico. Abordamos as ideias de alguns autores da área da filosofia da ciência como Thomas Kuhn, Karl Popper e Paul Feyerabend. No segundo subcapítulo, discorremos sobre a aplicação do conceito de campo à área da Museologia, conformando assim o que entendemos como o campo museológico e o modo como o ICOFOM participou do processo de construção da Museologia nesse campo.

No terceiro capítulo, além de uma visão geral e de um breve histórico sobre as publicações do ICOFOM, buscamos uma compreensão da função desempenhada pelas publicações no campo científico e sua atuação no campo museológico, através de uma análise das publicações *Museological Working Papers* e *ICOFOM Study Series*, visando identificar a função desempenhada por essas publicações no campo museológico, sua posição na espiral da cultura científica, e sua relação com o boletim *Museological News*.

No quarto capítulo, o foco se concentra sobre o objeto central de nossa pesquisa, e por isso oferecemos inicialmente uma visão geral sobre o boletim informativo *Museological News* antes de apresentar uma análise sobre o tipo de conteúdo publicado ao longo de suas edições. Abordamos o boletim sobre três perspectivas. Inicialmente abordamos as palavras do editor, ou seja, uma análise do modo como Vinos Sofka escolhia usar seu espaço autoral na publicação e o tipo de mensagem que ele tentava passar para seus leitores. No segundo subcapítulo

¹⁶ Tradução livre do original: “[...] first of all a forum for a democratic discussion on all draft documents concerned with the Committee’s policy, structure and programmes.” (SOFKA, 1995, p. 22).

examinamos o aparecimento e crescimento do conteúdo científico nas páginas do boletim e as possíveis causas que podem ter contribuído para esse fenômeno. Na terceira perspectiva, identificamos os documentos institucionais que foram publicados em *Museological News* e que conferem a ele um aspecto arquivístico de preservação da memória científica e institucional do campo museológico. Com esse exame, buscamos identificar sua posição na espiral da cultura científica e a função exercida por essa publicação no campo museológico durante a década de 1980.

Por fim, no quinto e último capítulo apresentamos algumas considerações finais fazendo um balanço reflexivo de todo o desenvolvimento desta pesquisa, seus objetivos, métodos, resultados e perspectivas futuras. Desse modo, com esta pesquisa pretendemos contribuir para uma melhor compreensão sobre o papel desempenhado pelas publicações científicas no campo museológico, e em especial o boletim informativo *Museological News*.

2 A CONSTRUÇÃO DA MUSEOLOGIA COMO UMA DISCIPLINA CIENTÍFICA

Em sentido amplo, ciência significa conhecimento. Dessa forma, é possível dizer que a ciência, entendida como o conjunto - ainda que não formalizado - de conhecimentos adquiridos pelo ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia, é algo que acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Todas as atividades humanas, mesmo as mais básicas, dependem de alguma forma de conhecimento: caçar, coletar, cozinhar, construir e tecer são apenas alguns exemplos de formas práticas de conhecimento que acompanham a humanidade há muito tempo e sobre as quais se desenvolveram, cada uma a seu modo, as mais diversas culturas humanas.

A busca de conhecimento está, desde o início, associada à necessidade de saciar a curiosidade intelectual e à de ter algum tipo de controle sobre a ambiência. Fosse o mundo um paraíso, talvez o homem não tivesse se deparado com a urgência de trilhar a pedregosa e incerta estrada do conhecimento. Talvez pudesse ter se entregado exclusivamente ao prazer de usufruí-lo. Mas desde tempos imemoriais o homem se vê confrontado com desafios que põem em risco sua própria sobrevivência. Aos poucos foi desenvolvendo a capacidade de dar respostas inteligentes aos problemas. E tal evolução intelectual culminou com a busca sistemática de conhecimento. (OLIVA, 2003, p. 7)

Apesar de poder ser entendida em sentido amplo, a partir da Revolução Científica no século XVI, o termo “ciência” passou a ser utilizado para designar uma forma específica de conhecimento que só é considerado como científico quando obtido através de certos procedimentos relacionados à metodologia científica moderna, como pesquisas com observação empírica sistemática, controlada e repetível, auxiliadas por medições e análise lógica dos resultados que permitam conhecer e interpretar os fenômenos estudados. Ao se diferenciar do saber antigo e medieval, essa manifestação histórica e localizada de uma forma específica de produzir conhecimentos pode ser chamada de “ciência moderna ocidental”, termo que indica o tempo histórico e a localização geográfica onde essa prática científica teve início.

O método científico foi um dos elementos da cultura europeia que foi transplantado para os novos territórios coloniais e suas áreas de influência, e assim se expandiu no tempo e no espaço desde o século XVI, de modo que a metodologia científica moderna se tornou uma forma predominante de produção de conhecimento

em todo o mundo, chegando inclusive a ser vista, senão como o único método legítimo de produção de conhecimento, pelo menos como o melhor¹⁷ e que, na sua máxima expressão, poderia chegar a um totalitarismo epistemológico, inviabilizando ou deslegitimando todas as outras formas de conhecimento (SANTOS, 2008). De maneira sintética, podemos definir ciência da seguinte forma:

É o saber produzido através do raciocínio lógico associado à experimentação prática. Caracteriza-se por um conjunto de modelos de observação, identificação, descrição, investigação experimental e explanação teórica de fenômenos. O método científico envolve técnicas exatas, objetivas e sistemáticas. (FONSECA, 2002, p. 11 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 14)

Considerando que um dos objetivos desta dissertação consiste em compreender o processo que gradualmente levou à incorporação da Museologia às ciências humanas no Ocidente, na primeira parte deste capítulo buscamos verificar quais eram as principais ideias que agitavam o debate da filosofia da ciência no século XX e que poderiam, portanto, ter influenciado, de algum modo, o processo de desenvolvimento da Museologia científica na segunda metade do século.

No segundo subcapítulo, buscamos entender como se deu o processo de afirmação da Museologia como uma disciplina científica. Identificamos algumas ações individuais realizadas ainda antes da criação do ICOFOM e que demonstram a existência de inquietações museológicas surgidas no contexto europeu posterior à Segunda Guerra Mundial, e que motivaram a fundação de um Comitê do ICOM dedicado à Museologia. Notamos que o ICOFOM, a partir de sua fundação em 1977, protagonizou, com sua ação institucional, os esforços para concretizar a proposta de uma Museologia científica. O ICOFOM declarava que um de seus objetivos era tornar a Museologia uma disciplina científica com lugar nas universidades. Um dos instrumentos utilizados para atingir esse objetivo foram as publicações que seriam editadas pelo Comitê e que teriam a função de desenvolver o pensamento museológico necessário para obter uma adequada cientificação da Museologia.

¹⁷ Essa crença pode levar ao cientificismo, que alguns autores definem como uma ideologia segundo a qual a racionalidade científica poderia oferecer soluções para todos os problemas humanos (CROCHÍC; MARTINELLI; SVARTMAN, 2022). Um exemplo desse discurso no âmbito da divulgação científica pode ser visto em um site da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos da América, disponível em <https://thesciencebehindit.org/why-can-we-trust-the-information-produced-by-scientific-research/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

2.1 A condição da ciência no século XX

Considerando que a partir da segunda metade do século XX a Museologia passou a ser pensada por um determinado grupo de pesquisadores e profissionais de museu como uma disciplina científica, então se faz necessário termos uma suficiente compreensão sobre o que se entendia pelo termo “ciência” naquele momento histórico. Ou seja, trata-se de identificar os traços fundamentais do clima intelectual dominante na filosofia da ciência no período em que ocorreu a emergência do campo museológico como um subcampo científico. Consideramos que os próprios elementos que definem a forma como se entende a ciência em uma determinada época são historicamente contingentes, de modo que o conceito de ciência não era o mesmo no *Novum Organum* de Francis Bacon, escrito no século XVII, e as obras dos filósofos da ciência do século XX. Sendo assim, abordaremos as características do paradigma científico dominante, que teve uma de suas expressões mais significativas no positivismo¹⁸ de Auguste Comte, e a reação a esse positivismo que se manifestou em alguns filósofos da ciência do século XX, desde a tentativa conciliadora de reforma vinda de um pós-positivista como Karl Popper¹⁹, até o rompimento radical de Paul Feyerabend²⁰, passando pelas críticas de viés histórico de Thomas Kuhn²¹.

Quando a maioria das ciências sociais se institucionalizaram²² no século XIX, elas foram - em maior ou menor grau, a depender do caso - influenciadas pelo paradigma dominante da ciência moderna que já havia sido modelado por séculos de prática científica no domínio da matemática e das ciências naturais. O idealismo da

¹⁸ O positivismo é a ideia de que todo conhecimento genuíno deve ser derivado da lógica racional, e no caso das proposições que se relacionam com o mundo material, aliada a uma criteriosa experiência empírica. Na prática, isso equivale a dizer que apenas o conhecimento produzido com uso da metodologia científica pode ser considerado verdadeiro, o que termina por negar a legitimidade de qualquer outra forma de conhecimento. A transposição dessa ideia para o campo das ciências sociais se deu principalmente através do positivismo de Auguste Comte.

¹⁹ Karl Popper (1902 - 1994) nasceu na Áustria, mas teve sua vida acadêmica no Reino Unido. Ele foi um dos mais influentes filósofos da ciência no século XX, sua contribuição mais difundida é a ideia de falsificacionismo, e sua teoria é conhecida como racionalismo crítico.

²⁰ Paul Feyerabend (1924 - 1994) foi um filósofo austríaco que teve sua vida acadêmica nos Estados Unidos. Ele é conhecido por ter rompido com a tradição da filosofia da ciência ao interpretar a prática científica como essencialmente anárquica em sua obra intitulada “Contra o método: esboço de uma teoria anárquica do conhecimento”, publicada em 1975.

²¹ Thomas Kuhn (1922 - 1996), nascido nos Estados Unidos, foi um filósofo da ciência que introduziu a ideia de mudança de paradigma como um propulsor essencial do desenvolvimento científico, em sua obra “A estrutura das revoluções científicas”, publicada em 1962.

²² Por formalização entendemos não apenas a criação de cursos universitários, mas também a formação de sociedades de estudiosos e pesquisadores que, em muitos casos, precederam os cursos superiores.

abstração numérica fez da matemática uma ciência ainda mais “dura” do que as ciências naturais cujos objetos de estudo estão sujeitos às possíveis variações da matéria e dos instrumentos de medição. Sendo assim, o papel da matemática na conformação do paradigma científico foi fundamental: “A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria”. (SANTOS, 2008, p. 27).

Uma importante consequência disso foi a relação que se produziu entre o conhecimento científico e a possibilidade de quantificação dos fenômenos, e que acaba por conceder um lugar privilegiado à busca por uma crescente exatidão das medições nos experimentos. Em último grau, a excessiva valorização de uma mensurabilidade matematicamente exprimível como elemento fundamental das ciências poderia levar a considerar como não científico tudo aquilo que não pode ser mensurável e quantificado. Em alguns casos, essa quantificação pode levar à observação de regularidades nos fenômenos estudados e que, por sua vez, permitem prever resultados futuros de ocorrências semelhantes através da formulação de leis que explicam de que modo o experimento resulta igual quando as condições determinantes são as mesmas, ou como o resultado se altera de forma previsível em função da variação daquelas mesmas condições. Uma ênfase e otimismo excessivos nesse poder de previsibilidade oferecido pela formulação de leis científicas baseadas em observações quantificáveis acabou levando ao mecanicismo.

Um conhecimento baseado na formulação de leis tem como pressuposto metateórico a ideia de ordem e de estabilidade do mundo, a ideia de que o passado se repete no futuro. Segundo a mecânica newtoniana, o mundo da matéria é uma máquina cujas operações se podem determinar exatamente por meio de leis físicas e matemáticas [...] Esta ideia do mundo-máquina é de tal modo poderosa que se vai transformar na grande hipótese universal da época moderna: o mecanicismo. (SANTOS, 2008, p. 30)

A mecânica é uma área de estudo da Física e, não por acaso, o mecanicismo é mais adequado para as ciências físicas quantificáveis, nas quais conhecidas todas as condições determinantes iniciais, o resultado final é obtido com certa previsibilidade. No entanto, nas ciências sociais, dada a variabilidade dos comportamentos sociais e a complexidade da psicologia humana, uma previsibilidade do tipo mecanicista, em geral, não pode ser obtida. Ainda assim, alguns praticantes

das ciências sociais tentaram aplicar em suas pesquisas, tanto quanto possível, os princípios e métodos em uso nas ciências físicas, pois isso permitiria fortalecer o argumento em favor da cientificidade de seu campo de estudos. Um dos melhores exemplos desse esforço foi expresso pela física social do positivista Auguste Comte: “Já agora que o espírito humano fundou a física celeste; a física terrestre, quer mecânica, quer química; a física orgânica, seja vegetal, seja animal, resta-lhe, para terminar o sistema das ciências de observação, fundar a física social”. (COMTE, 1978, p. 8)

Apesar da expectativa otimista contida nessa declaração, Comte reconhecia as limitações epistemológicas da física social, cujas concepções “[...] não poderiam pretender dar imediatamente à física social o mesmo grau de perfeição que possuem os ramos anteriores da filosofia natural, o que seria evidentemente quimérico [...]” (COMTE, 1978, p. 8). Contudo, era esperado que essa limitação seria apenas de ordem quantitativa e não qualitativa, ou seja, os experimentos da física social poderiam se revelar menos precisos, mas o modelo básico de conhecimento seria o mesmo. O sociólogo francês Émile Durkheim, que foi aluno de Comte e um dos fundadores da sociologia acadêmica, propunha que, para serem estudados cientificamente, a complexidade dos fenômenos sociais deveria ser reduzida a uma escala que permitisse sua mensuração. Porém, os problemas para que se pudesse obter, nas ciências sociais, o mesmo grau de precisão das ciências físicas seriam muitos:

[...] as ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; as ciências sociais não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele se adquire; os fenômenos sociais são de natureza subjetiva e como tal não se deixam captar pela objetividade do comportamento; as ciências sociais não são objetivas porque o cientista social não pode libertar-se, no ato de observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista. (SANTOS, 2008, p. 36)

Diante de tantas dificuldades, houve aqueles que escolheram não seguir o mesmo caminho metodológico das ciências naturais, e preferiram assumir um estatuto epistemológico independente para a prática das ciências sociais, assumindo seu caráter subjetivo e qualitativo, em contraste com a suposta objetividade quantitativa

das ciências naturais. Ao negar a rigorosa objetividade do modelo científico dominante, essa postura se mostrou como antipositivista. Segundo Santos (2008) a crise provocada pelas críticas ao positivismo foram consequência do próprio avanço do conhecimento, que ao se aprofundar, permitiu ver suas próprias fragilidades. Nem mesmo a Matemática, concebida como modelo de exatidão e racionalidade, conseguiu permanecer inabalada:

[...] é possível não só questionar o rigor da matemática como também redefini-lo enquanto forma de rigor que se opõe a outras formas de rigor alternativo, uma forma de rigor cujas condições de êxito na ciência moderna não podem continuar a ser concebidas como naturais e óbvias. (SANTOS, 2008, p. 46)

Burke (2012) aponta a primeira metade do século XX como essa época de crise do conhecimento que teria sido marcada por uma revolta - antecipada por Nietzsche no campo da Filosofia - contra o positivismo até então reinante na metodologia científica. Contra as pretensões da objetividade positivista, se opunha o perspectivismo de Nietzsche²³, segundo o qual não haveria um único modo verdadeiro de ver o mundo, mas uma variedade de pontos de vista. Se as proposições filosóficas de Nietzsche não foram capazes de abalar a Física, ciência considerada “exata”, em 1915 a Teoria Geral da Relatividade de Einstein, e o Princípio da Incerteza de Heisenberg, formulado em 1927, não deixariam incólumes, tanto no micro quanto no macro, a imagem de objetividade e exatidão de uma ciência tão “exemplar” como a Física²⁴. “Einstein constitui o primeiro rombo no paradigma da ciência moderna [...]” (SANTOS, 2008, p. 41).

Essa época de crise do conhecimento é, portanto, um período de fortalecimento de uma visão relativista e de um maior ceticismo em relação à capacidade do método

²³ A crítica de Nietzsche à falsa esperança de que a ciência pudesse compreender todos os aspectos da realidade pode ser vista na seguinte frase: “Uma interpretação ‘científica do mundo’ [...] seria, por conseguinte, ainda uma das mais *estúpidas* interpretações do mundo, isto é, das mais pobres de sentido.” (NIETZSCHE, 2013, p. 250, grifo do autor).

²⁴ A Física teve um lugar privilegiado entre as ciências ditas “duras” ou “exatas” e que pretendia representar um exemplo de objetividade científica com bases empíricas. A obra geralmente considerada como inaugural do renascimento científico em 1543, “Das revoluções das esferas celestes”, de Copérnico, era um livro de Astronomia, ou seja, um ramo da Física. Até mesmo no imaginário popular, a Física se destacou como representante exemplar da ciência moderna, através da imagem da maçã que cai sobre o gênio adormecido sob a árvore e que assim descobre o fenômeno físico da gravidade. Sendo assim, o abalo causado na Física pelos trabalhos de Einstein e Heisenberg teve uma repercussão especialmente ampla precisamente por afetar uma ciência tão basilar da estrutura científica moderna e da qual tantas outras disciplinas dependem, derivam, ou tomam por modelo.

científico em produzir verdades objetivas. Além disso, uma visão ingênua sobre a possibilidade de a ciência trazer o bem e o desenvolvimento saudável da sociedade como se essas consequências positivas fossem inerentes à prática científica, foi abalada diante dos horrores de duas guerras mundiais que apenas foram possíveis devido aos avanços científicos e tecnológicos aplicados à tecnologia bélica do século XX.

Mas ainda antes desse mal uso da ciência, uma crise já havia se instalado no cerne teórico de um de seus principais fundamentos: o método indutivo, que durante a Revolução Científica, havia sido sistematizado nas obras de Francis Bacon, e desde então havia se tornado um elemento fundamental do paradigma científico dominante. A indução científica consiste na ideia de que é possível elaborar leis gerais a partir da observação de fenômenos individuais, em um movimento que parte do caso particular e se desenvolve em direção à generalidade do fenômeno estudado (POPPER, 2013). O problema da indução tem uma longa tradição na história da filosofia da ciência e um de seus representantes mais célebres foi o filósofo escocês David Hume, que viveu no século XVIII.

Hume formulou uma distinção entre as relações de ideias, que seriam proposições obtidas a partir da lógica dedutiva, como ocorre na matemática; e questões de fato, que seriam verificadas através da experiência sensível. Neste caso, com a observação repetida de experiências, infere-se uma relação de causa e efeito em relação ao fenômeno e que o torna relativamente previsível. No entanto, a relação entre a causa e o efeito não seria de ordem exclusivamente racional, mas um produto mental da crença numa uniformidade da natureza que faria com que os eventos sempre ocorressem sob uma mesma lei. Como ocorre no famoso exemplo de Hume, só acreditamos que há uma relação de lei física necessária quando uma bola de bilhar começa a se mover ao ser atingida por outra bola em movimento porque estamos acostumados a ver esse fenômeno se repetir e nunca vimos outro resultado a partir da mesma causa material (HUME, 2004).

Quando vejo, por exemplo, uma bola de bilhar movendo-se em linha reta em direção a outra, mesmo supondo que o movimento da segunda bola seja acidentalmente sugerido à minha imaginação como resultado de seu contato ou impulso, não me seria porventura possível conceber uma centena de outros diferentes resultados que se seguem igualmente bem daquela causa? Não poderiam ambas as bolas permanecer em absoluto repouso? Não poderia a primeira bola recuar em linha reta ou saltar para longe da segunda em qualquer outro curso ou direção? Todas essas suposições são

consistentes e concebíveis. Por que, então, deveríamos dar preferência a uma suposição que não é mais consistente ou concebível que as demais? Todos os nossos raciocínios *a priori* serão para sempre incapazes de nos mostrar qualquer fundamento para essa preferência. (HUME, 2004, p. 58, grifo do autor)

Para as ciências empíricas, ou seja, que estudam questões de fato e não apenas relações de ideias, abandonar o método indutivo seria equivalente a desistir da prática da ciência: “[...] sem ele, a ciência perderia indiscutivelmente o direito de separar suas teorias das criações fantasiosas e arbitrárias do espírito do poeta.” (REICHENBACH, s.d., p. 67 apud POPPER, 2013, p. 28).

Uma outra abordagem desse problema, dessa vez em meio à crise epistemológica do século XX, foi feita pelo filósofo austríaco Karl Popper a partir da década de 1930. Diferente da filosofia de Hume, que tendia para um certo ceticismo, Popper ofereceu uma abordagem pós-positivista do problema. Ou seja, ele não nega, mas reconhece os pontos frágeis do método indutivo e busca, de certa maneira, reformá-los, de modo a reencontrar um critério de cientificidade que supere as críticas céticas e que consiga justificar racionalmente a defesa de uma relativa objetividade do método científico. A solução de Popper passa por desviar o foco de atenção da questão da verificabilidade das proposições das ciências empíricas, para o problema de sua falseabilidade (POPPER, 2013). Para Popper, o problema da demarcação científica – ou seja, o problema de definir um critério para distinguir a prática científica da não-científica – não passa tanto pelo problema da suposta verificabilidade das proposições, mas sim por uma falseabilidade da teoria:

[...] deve ser tomado como critério de demarcação, não a verificabilidade, mas a falseabilidade de um sistema. Em outras palavras, não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recursos a provas empíricas, em sentido negativo: deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico.” (POPPER, 2013, p. 38)

Consciente das limitações do método, o racionalismo crítico de Popper não afirma que os resultados da ciência se apresentam sempre necessariamente carregados de plenas certezas, mas apesar disso, evita enveredar pelo caminho do ceticismo de Hume ou do irracionalismo pós-moderno.

Apesar da proposição conciliadora de Popper, as pretensões positivistas da ciência sofreriam um novo abalo através das obras de Thomas Kuhn no início da década de 1960. A teoria das revoluções científicas de Kuhn contrariava a ideia de que o progresso da ciência se dava por conta de um acúmulo progressivo e harmonioso de conhecimento. Sobre “A estrutura das revoluções científicas”, publicado por Kuhn em 1962, Ian Hacking comentou:

Uma nova teoria não é escolhida para substituir uma antiga por ser verdadeira, mas, sim, bem mais por causa de uma *mudança de concepção de mundo*. O livro termina com o desconcertante pensamento de que o progresso na ciência não é uma simples reta que conduz à verdade. Trata-se mais de um progresso a *distanciar-se* de concepções, e de interações, menos adequadas do mundo. (HACKING, 2018 apud KUHN, 2018, p. 14, grifos do autor)

A abordagem de Kuhn destaca o caráter histórico da produção e da manutenção dos paradigmas científicos, enfraquecendo a ideia de uma ciência exclusivamente determinada por fatores racionais inerentes à própria ciência:

Um elemento aparentemente arbitrário, composto de acidentes pessoais e históricos, é sempre um ingrediente formador das crenças esposadas por uma comunidade científica específica numa determinada época. (KUHN, 2018, p. 62)

Em 1975, o filósofo austríaco Paul Feyerabend apresentou uma abordagem ainda mais radical do problema do método científico. Logo no título, sua obra apresenta claramente o caráter confrontacional de sua epistemologia: “Contra o método: esboço de uma teoria anárquica do conhecimento”.

O que Feyerabend pretende é demolir as concepções de lei e de ordem na ciência. Por negar que a ciência seja racional, ele não oferece uma teoria do desenvolvimento científico, regida por um processo de continuidade [...] Ao contrário, para Feyerabend, o movimento histórico da ciência é completamente desordenado, flexível, avesso a qualquer disposição limitadora ou controladora do próprio movimento. Assim é impossível, escrever uma metodologia científica. (VALLE; OLIVEIRA, 2010, p. 157)

Cumprir notar que o anarquismo epistemológico de Feyerabend não é de ordem prescritiva, mas descritiva, ou seja, seu anarquismo metodológico não se constitui como um método recomendável à prática científica – o que seria, de certa

forma, contraditório – mas como uma descrição do modo de funcionamento histórico da ciência (FEYERABEND, 1993). Sendo posterior ao pós-positivismo de Popper, Feyerabend se apresentou como um crítico da racionalidade epistemológica que aquele, com seu critério da falseabilidade, tentara apresentar com uma nova faceta, como se Popper buscasse proteger a ciência das críticas até então formuladas na forma do problema da indução. A solução oferecida por Popper não se mostrava satisfatória para Feyerabend, uma vez que este não criticava a pretensa objetividade científica apenas com base no problema da indução, mas de forma muito mais profunda, fundava sua crítica no racionalismo que subjaz toda busca científica:

Sem 'caos' não há conhecimento. Sem uma frequente renúncia à razão não há progresso. Ideias que hoje formam a base da ciência existem apenas porque houve coisas como presunção, vaidade, paixão; porque essas coisas se opunham à razão, e porque foi permitido que elas existissem. Devemos concluir, então, que mesmo na ciência, não se pode e não se deve permitir que a razão seja abrangente, e ela deve, muitas vezes, ser rejeitada ou eliminada em favor de outras agências.²⁵ (FEYERABEND, 1993, p. 158)

Desde os triunfos da Revolução Científica no século XVI até às mais ferrenhas críticas antipositivistas do século XX, a ciência percorreu uma longa estrada pavimentada por desenvolvimentos epistemológicos e aplicações tecnológicas que contribuíram para a legitimação social de seu conhecimento e de sua prática, de modo que alguns conhecimentos que em sua gênese eram circunscritos a um círculo restrito dos praticantes de uma determinada ciência, mais tarde se tornaram verdades aceitas pela maioria da população, vindo a ser entendidas como senso comum numa manifestação do triunfo social da ciência.

Quando a Museologia científica foi proposta no século XX, as ciências haviam ocupado terreno em todos os âmbitos das atividades humanas e obtido grande legitimação pública, mas por outro lado, as contestações ao método científico e à pretensão de sua objetividade cresceram proporcionalmente no campo da filosofia da ciência. Ou seja, de forma aparentemente contraditória, o conjunto das ciências e a

²⁵ Tradução livre do original: "Without 'chaos', no knowledge. Without a frequent dismissal of reason, no progress. Ideas which today form the very basis of science exist only because there were such things as prejudice, conceit, passion; because these things opposed reason; and because they were permitted to have their way. We have to conclude, then, that even within science reason cannot and should not be allowed to be comprehensive and that it must often be overruled, or eliminated, in favour of other agencies." (FEYERABEND, 1993, p. 158).

Big Science²⁶ encontravam seu momento de maior poder nos campos econômico e político exatamente enquanto ocorria, no campo intelectual, a mais completa e acusatória exposição de suas fraquezas. É como se a autoconsciência científica moderna tivesse passado pelas fases da ingenuidade infantil nos princípios da revolução científica, um otimismo juvenil no positivismo, e finalmente se encontrasse na fase de uma autocrítica madura e severa no século XX. As críticas à ciência hegemônica, que já vinham se avolumando desde o início do século, se intensificaram e se expressaram na forma de uma posição epistemológica antipositivista, como em Boaventura de Sousa Santos (2008, p. 9) quando defende “[...] que todo o conhecimento científico é socialmente construído, que o seu rigor tem limites inultrapassáveis e que a sua objetividade não implica a sua neutralidade.”

Além dessas críticas ao paradigma dominante, a crise científica também estimulou a emergência de um novo paradigma, dessa vez de característica holística. Embora essa ideia não fosse nova, ela ganhou novo impulso em meio às inquietações epistemológicas do século XX.

As origens do pensamento holístico, enquanto pensamento filosófico, podem se situar ainda na Antiguidade, com os pré-socráticos, especialmente com Heráclito. Posteriormente, teremos um eco desse pensamento com os estoicos e com os neoplatônicos, especialmente com Plotino, e, modernamente, com os Românticos, especialmente com Schelling e os idealistas alemães. Com a publicação do livro *Holism and Evolution*, em 1921, Jan Smuts pode ser considerado o teórico fundador do movimento holístico no século XX. Mas foi com a revolução extraordinária da Física das Partículas e, principalmente com a Teoria da Relatividade de Einstein, que o termo passou a ser aplicado com uma conotação mais paradigmática dentro da transformação conceitual da ciência. (GUIMARÃES, s.d., p. 8, grifo do autor)

Esse novo paradigma propõe que a ciência deve ser guiada por uma ética que busque promover a dignidade e o bem estar das pessoas, pois um desenvolvimento tecnológico desenfreado e destituído de valores humanos acaba por produzir apenas mecanismos cada vez mais eficientes de exploração econômica, pois uma ciência inescrupulosa e dominada pelo capital pode ser reduzida a um mero instrumento de dominação das elites sobre o restante da população. A aplicação industrial das tecnologias científicas, tendo como prioridade a maximização do lucro e o controle

²⁶ “Big Science” é um termo usado para se referir à prática científica altamente custosa, geralmente financiada por governos e que tende a atender interesses estratégicos predeterminados. Um exemplo disso são as usinas de energia nuclear ou os grandes colisores de partículas.

social, tem levado à diversas formas de poluição do planeta, gerando um desequilíbrio ambiental cujas últimas consequências ainda não foram conhecidas. Ademais, como pudemos ver na corrida armamentista e nuclear da Guerra Fria, os conhecimentos científicos, quando voltados para a destruição bélica, já teriam o potencial de destruir completamente a vida humana no planeta.

Diante desse cenário sombrio, o paradigma holístico considera que o conhecimento não se obtém apenas através de uma cartesiana divisão e especialização dos objetos de estudo para sua melhor compreensão, mas valoriza principalmente a atenção dada à interação entre os elementos da realidade e os processos em rede que configuram o universo de fenômenos estudados: “[...] a realidade física consiste principalmente de relações, como a música que se compõe de relações de sons e ritmos - e não de notas isoladas [...]” (GUIMARÃES, s.d., p. 9).

Essa atenção holística às relações, e não apenas aos objetos tomados isoladamente de forma cartesiana, foi uma das características da escola alemã de psicologia da Gestalt, elaborada no início do século XX. “Os gestaltistas lutavam por uma nova maneira de compreender os organismos, partindo inicialmente do todo e vendo como esse todo se relaciona com suas diversas partes.” (ENGELMANN, 2002, p. 8). Apesar de ter tido sua origem em estudos de psicologia, a Gestalt foi, ao longo dos anos, se transformando numa teoria ampla sobre o universo: “A Gestalt, apesar de nascer na psicologia, era demonstrada na biologia e também na física. Era uma maneira nova de abordar o problema.” (ENGELMANN, 2002, p. 8). Influenciada pelas também emergentes filosofias da fenomenologia²⁷ e do existencialismo²⁸ (BORIS; MELO; MOREIRA, 2017), a Gestalt, ao divergir do modelo científico tradicional, ofereceu aos cientistas sociais um novo caminho epistemológico que poderia ser encontrado na abordagem holística dos problemas científicos.

Um dos que seguiram esse caminho foi o filósofo francês Edgar Morin, que abordou o problema através de sua teoria da complexidade. Para Morin (2005), o paradigma científico tradicional tem um caráter simplificador, que ignora ou expulsa o elemento de desordem que está presente em todos os fenômenos para assim poder

²⁷ A fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) buscava realizar uma investigação filosófica sobre o fenômeno da experiência empírica no qual a ciência se baseia. Essa linha investigativa foi seguida por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

²⁸ O existencialismo afirma que a liberdade do ser humano o coloca acima das determinações de uma suposta natureza humana imutável, de modo que a existência precederia a essência. Seu mais célebre representante foi Jean Paul Sartre (1905-1980).

reduzi-los a um princípio ou lei de aplicação científica geral. Essa aversão dos cientistas à desordem os teria tornado cegos a esse importante elemento do universo e sem o qual o conhecimento produzido se torna deficiente, uma vez que ordem e desordem seriam, na verdade, opostos complementares e que às vezes operam de forma integrada: “[...] fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem.” (MORIN, 2005, p. 63).

O conceito de complexidade em Edgar Morin se funda em três princípios interligados: princípio dialógico, princípio da recursão organizacional, e princípio hologramático. O princípio dialógico estabelece que mais de uma lógica pode estar envolvida em um mesmo processo, como no caso da ordem e da desordem, que podem tanto suprimir o outro como colaborar e produzir a complexidade. “O princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade.” (MORIN, 2005, p. 74). O princípio da recursão organizacional propõe uma ruptura com a ideia linear de causa e efeito ao afirmar que os efeitos podem, em muitos casos, retroagir sobre as causas. Na esfera social, por exemplo, os seres humanos produzem uma sociedade que, por sua vez, também produz os seres humanos. Ou seja, nós transformamos o mundo que, uma vez transformado, acaba por nos afetar de volta de acordo com as transformações que nós mesmos inserimos nele. “Um processo recursivo é um processo onde os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz.” (MORIN, 2005, p. 74). O princípio hologramático afirma que, na realidade, não apenas a parte está no todo, como o todo também está na parte, como acontece em um holograma:

Num holograma físico, o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado. [...] No mundo biológico, cada célula de nosso organismo contém a totalidade da informação genética desse organismo. (MORIN, 2005, p. 74)

Esse novo paradigma científico, apesar de se distanciar de um racionalismo estritamente cartesiano, não rejeita a razão, mas a concebe de forma menos totalitária, concedendo espaço às outras formas de expressão do ser humano, pois este, apesar de comumente definido como um animal racional, não tem apenas a razão como expressão de sua humanidade. Sendo assim, entende-se que a criatividade artística e a sensibilidade emocional, que possuem uma lógica própria e

diversa da lógica racional, são também instrumentos capazes de construir alguns conhecimentos, ainda que os conhecimentos assim produzidos sejam vistos como não plenamente científicos quando considerados no sentido tradicional do termo. O paradigma científico emergente traz uma nova concepção de ciência que se funda sobre a integração de diversos saberes para construir um conhecimento que contemple a complexidade da estrutura holística da sociedade e do universo em que vivemos. O cientista russo e ganhador do prêmio Nobel, Ilya Prigogine, chamou essa mudança de “metamorfose da ciência”:

Nossa visão da natureza está sofrendo uma mudança radical em direção ao múltiplo, o temporal e o complexo. Curiosamente, a inesperada complexidade que foi descoberta na natureza não levou a uma diminuição no progresso da ciência, mas, ao contrário, à emergência de novas estruturas conceituais que agora aparecem como essenciais ao nosso entendimento do mundo físico – o mundo que nos inclui [...] Nós acreditamos que estamos indo em direção a uma nova síntese, um novo naturalismo. Talvez nós eventualmente estaremos aptos a combinar a tradição ocidental, com sua ênfase na experimentação e formulações quantitativas, com uma tradição tal como a chinesa, com sua visão de um mundo espontâneo que se auto-organiza.²⁹ (PRIGOGINE, 2017, p. 14)

Para designar esse novo modo de fazer ciência, o pesquisador francês Abraham Moles introduziu o termo “ciências do impreciso”, em oposição à preferência da ciência tradicional por objetos de estudo sobre os quais podem ser realizadas quantificações precisas. Em sua obra, Moles (1995) afirma que o mundo é repleto de aspectos variáveis e imprecisos que se colocam como obstáculos à inteligibilidade da ciência tradicional. Apesar disso, muitos desses objetos possuem alguma regularidade, ou seja, não são totalmente aleatórios, e assim poderiam ser objeto de estudo da ciência, desde que se conceba uma ciência apta a lidar com essa imprecisão que é típica das ciências humanas. Para isso, seria preciso elaborar uma epistemologia e uma metodologia das ciências do impreciso:

²⁹ Tradução livre do original: “Our vision of nature is undergoing a radical change towards the multiple, the temporal, and the complex. Curiously, the unexpected complexity that has been discovered in nature has not led to a slowdown in the progress of science, but on the contrary to the emergence of new conceptual structures that now appear as essential to our understanding of the physical world – the world that includes us [...] We believe that we are heading toward a new synthesis, a new naturalism. Perhaps we will eventually be able to combine the Western tradition, with its emphasis on experimentation and quantitative formulations, with a tradition such as the Chinese one, with its view of a spontaneous, self-organizing world.” (PRIGOGINE, 2017, p. 14).

[...] ao lado das ciências exatas, há ciências do inexato, do impreciso, do fluido, das correlações fracas que aproximam, mais do que as ciências da natureza, o conhecimento do real, tal como nós temos de nos confrontar com ele, e para as quais devemos construir uma epistemologia (regras para chegar à verdade), uma metrologia (ciências e técnicas de medição do impreciso) e uma metodologia (conhecimento dos procedimentos que permitem ao homem agir sobre as coisas vagas). (MOLES, 1995, p. 18)

Podemos notar que a proposta de Abraham Moles não se mostra como uma rejeição da ciência ou da razão, mas como uma ampliação de seu campo de estudos de modo a contemplar também aquelas áreas que têm sido consideradas, por conta da variável imprecisão de seus fenômenos, como avessos à abordagem científica tradicional. “Torna-se agora possível pensar novas relações entre superfície e substrato e valorizar a vida existente ‘atrás das coisas’, abrindo caminhos para direções perceptuais ainda não imaginadas” (SCHEINER, 2005, p. 19).

Desse modo, a emergência de um paradigma holístico - que se ofereceu como alternativa metodológica e conceitual para a produção epistemológica das ciências em contraposição à rigidez matematizante do modelo cartesiano – ofereceu novas e oportunas bases para a legitimação de disciplinas científicas que dificilmente poderiam se adequar com precisão a um modelo estritamente positivista de ciência, como era o caso da Museologia.

Por fim, convém notar que, apesar de algumas dessas obras que apresentavam um novo paradigma científico terem sido publicadas após os anos iniciais do ICOFOM, nem por isso sua presença nesta análise é anacrônica, pois parte da obra de Abraham Moles e Edgar Morin, publicada apenas na década de 1990, sintetizou os debates que já vinham ocorrendo no campo da filosofia da ciência desde a metade do século.

Sendo assim, considerando esse breve panorama do campo científico, entendemos que a Museologia, elaborada enquanto disciplina científica durante a segunda metade do século XX – ou seja, tardiamente, quando comparada com as outras ciências sociais – foi desenvolvida em meio à uma crise do paradigma científico dominante e a emergência de um novo paradigma que oferecia novas possibilidades epistemológicas. Isso significa que a Museologia tentava obter seu próprio espaço e fundar as suas bases científicas sobre um terreno epistemológico que já não parecia tão firme como no século passado ou mesmo como no início do século XX, quando as outras ciências sociais conquistaram sua legitimidade científica em um clima intelectual menos hostil, no qual o cientificismo e o positivismo ainda não haviam sofrido as duras críticas que a segunda metade do século XX lhe reservariam.

2.2 A proposta de uma Museologia científica

O estabelecimento de uma incipiente disciplina no campo científico é um processo histórico que depende, entre outros fatores, das condições oferecidas pela sociedade naquela época, incluindo a disponibilidade dos conhecimentos acumulados em registros, o nível de desenvolvimento das tecnologias, os recursos materiais disponíveis, e o ambiente intelectual predominante. Diferentes variáveis dessas condições podem dificultar, facilitar, permitir ou impedir o estabelecimento de uma nova disciplina científica.

[...] nós reconhecemos que o caráter das disciplinas científicas é determinado por, e contingenciado pela história. Elas tomam formas em contextos sociais e intelectuais variáveis, e têm limites que não são predeterminados, mas dependem das condições de sua constituição e da relação com outras disciplinas que também são historicamente contingentes. (CAPEL, 1989, doc. eletrônico).³⁰

Sendo assim, uma disciplina especializada não pode simplesmente surgir espontaneamente do campo científico³¹, mas resulta de um trabalho de construção empreendido por uma rede de atores que colaboram e competem entre si enquanto angariam e investem seu capital científico³² durante sua atuação no campo. A criação de departamentos acadêmicos, as associações de profissionais, e a publicação de periódicos científicos são alguns dos principais instrumentos através dos quais uma disciplina científica pode ser desenvolvida e legitimada como um campo relativamente autônomo de conhecimento. Dessa maneira, as características e o próprio sucesso do empreendimento científico tendem a ser influenciados pelos objetivos e pela forma de atuação dos agentes que nele operam.

³⁰ Tradução livre do original: “[...] we recognize that the character of the scientific disciplines is determined by, and contingent on, history; they take shape in changing social and intellectual contexts, and have boundaries that are not predetermined at all but depend both on the conditions of their constitution and also on the developing relationship with other disciplines that are also contingent on history.” (CAPEL, 1989, doc. eletrônico).

³¹ Um campo é um espaço social específico dedicado a um tipo de atividade (científica, econômica, artística, etc.). Cada campo possui suas próprias regras e agentes que nele atuam, e pode ter seus próprios subcampos. Apresentamos esse conceito na p. 20 desta dissertação.

³² Bourdieu (2004, p. 26) define capital científico como uma “espécie particular do capital simbólico [...] que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”. Abordamos esse conceito e apresentamos a distinção entre capital científico institucional e capital científico pessoal na p. 22 desta dissertação.

Consideremos as três condições que geralmente são necessárias para que possa ocorrer a formação de uma disciplina científica através da aceitação de um paradigma único, conforme apontadas por Thomas Kuhn:

Nas ciências (embora não em campos como a medicina, a tecnologia e o direito, que tem a sua *raison d'être* numa necessidade social exterior) a criação de publicações especializadas, a fundação de sociedades de especialistas e a reivindicação de um lugar especial nos currículos de estudo têm geralmente estado associadas com o momento em que um grupo aceita pela primeira vez um paradigma único. (KUHN, 2018, p. 82)

Em relação à Museologia, cumpre notar que ela pode ser considerada como uma dessas ciências que têm a sua razão de ser em uma necessidade social exterior. Isso equivale a dizer que a Museologia se justifica por uma necessidade de prestar um serviço à sociedade, assim como a Medicina não faria sentido sem a prática da cura dos doentes, e o Direito não teria razão de ser se não houvesse a aplicação das leis na sociedade. Contudo, toda ciência, por mais que possa parecer abstrata e aparentemente distante da realidade mais direta, guarda sempre alguma relação com fatores externos. Podemos interpretar a distinção feita por Kuhn não de modo absoluto, ou seja, entre disciplinas que possuiriam necessidades sociais exteriores e outras que simplesmente não a possuiriam, mas de modo relativo e gradual, entre disciplinas com uma vinculação social exterior mais direta e outras em que essa relação seria menos direta. Kuhn cita como exemplos a Medicina e o Direito, que teriam uma necessidade social exterior como razão de sua existência. O desenvolvimento dessas disciplinas foi indissociável de suas aplicações sociais, de modo que é difícil pensar que elas poderiam ter tido um desenvolvimento fechado em seu próprio campo sem apresentar aplicações sociais imediatas. Na verdade, os problemas de pesquisa dessas disciplinas costumam já ser captados a partir das necessidades sociais exteriores, como, por exemplo, uma nova doença que já se manifesta numa população ou uma situação de disputa legal que surge na sociedade e para a qual ainda não há solução nas leis ou na jurisprudência conhecida.

Como exemplo contrastante do outro tipo de disciplina, podemos citar a Matemática ou a Física, cujas pesquisas, em grande parte, são realizadas em nível teórico e experimental, e cujos resultados podem ou não ter alguma aplicação social direta. As ciências exatas teóricas podem realizar descobertas que, pelo menos em um momento inicial, afetam apenas o seu próprio campo de estudos, até que seja

encontrado um modo de aplicar utilmente aqueles conhecimentos na sociedade. Ou seja, os praticantes da Matemática e da Física não esperam que algo aconteça primeiro na sociedade para então pesquisar e oferecer respostas - embora isso também possa acontecer - mas se dedicam, principalmente em obter desenvolvimentos epistemológicos a partir de resultados prévios obtidos em seu próprio campo. Entendidos desse modo, podemos considerar que os campos da Matemática ou da Física seriam mais fechados que os da Medicina ou do Direito. Dito de outro modo, os campos das ciências exatas teóricas seriam mais autossuficientes do que os campos das ciências sociais aplicadas. A Museologia, por sua vez, estaria mais próxima dessas últimas disciplinas, pois suas pesquisas não são realizadas em um ambiente desvinculado da realidade social e que posteriormente podem vir a ter uma aplicação social, mas desde a origem seus estudos já se realizavam com forte vinculação às necessidades sociais exteriores, mesmo em seus estudos mais teóricos.

Sendo assim, consideramos que a Museologia, por ter uma forte vinculação às demandas sociais exteriores, seria uma dessas disciplinas nas quais não haveria uma associação clara entre “[...] a criação de publicações especializadas, a fundação de sociedades de especialistas e a reivindicação de um lugar especial nos currículos de estudo” (KUHN, 2018, p. 82) e o momento de aceitação de um paradigma único. Na verdade, é provável que a Museologia nunca tenha tido um paradigma único. Embora possa ter havido ideias e autores norteadores da teoria museológica em determinados períodos e que, de certa forma, tenham servido para conferir certa coesão teórica ao campo e favorecido o seu desenvolvimento epistemológico, sempre houve uma diversidade de correntes de pensamento em competição. Em geral, nas ciências sociais, o estabelecimento de um paradigma único é mais difícil de ser obtido do que nas ciências exatas, nas quais a própria natureza dos fenômenos estudados e a prevalência de métodos empíricos quantificáveis facilita a obtenção de dados provisoriamente irrefutados e sobre os quais pode ser construído um paradigma que, se não for aceito por um praticante daquela ciência, acaba por excluí-lo do próprio subcampo científico cujo paradigma ele recusa.

Apesar disso, consideramos que os três fenômenos apontados por Kuhn (2018), ou seja, a criação de publicações especializadas, a fundação de sociedades de especialistas e a reivindicação de um lugar especial nos currículos de estudo, apesar de não estarem associados, nas ciências sociais, à aceitação de um

paradigma único, não deixam de ser fatores que indicam a ocorrência de um processo de legitimação de uma disciplina científica. Dessa perspectiva, poderíamos identificar os primeiros passos de institucionalização da Museologia ainda no final do século XIX envolvendo esses três fatores. Em relação à reivindicação de um lugar especial nos currículos de estudo, em 1882 iniciou-se na *École du Louvre* o ensino de Museologia. A criação de publicações especializadas começou a se delinear quando foi publicado em 1883, na Alemanha, o primeiro periódico abordando questões museológicas³³. A fundação de sociedades de especialistas se deu tanto a nível profissional quanto institucional. Em 1889 foi fundada, no Reino Unido, a *Museums Association*, primeira entidade nacional de profissionais de museus. Já no início do século XX, em 1906, houve a criação da *American Association of Museums*, que reunia alguns museus dos Estados Unidos da América.³⁴ (VAN MENSCH, 1992).

Podemos indicar a ocorrência, nesses casos, dos três fatores identificados por Kuhn (2018) em sua análise da formação do paradigma único, e que consideramos fazer parte do processo de desenvolvimento e legitimação das disciplinas científicas. Ainda que não consideremos esses cursos, associações e publicações prototípicas, que datam do final do século XIX e começo do século XX, como exemplos modelares desses fenômenos que apenas se manifestaram de forma mais definida na segunda metade do século XX, talvez possamos reconhecê-los, no mínimo, como casos embrionários que se apresentaram ainda no início de uma linha de desenvolvimento da Museologia e que, de certa forma, renunciaram os seus sucessores que, décadas mais tarde, encontraram uma expressão consolidada em institutos como o ICOM, o ICOFOM, os departamentos universitários de Museologia, e as diversas publicações museológicas.

Contudo, não pretendemos, nesta dissertação, reconstruir toda a linha de desenvolvimento da Museologia científica desde suas primeiras manifestações até os institutos criados no século XX. Algumas pesquisas³⁵ já estabeleceram uma relação entre o aparecimento de uma Museologia científica institucionalizada e o ICOFOM, fundado em 1977. Apesar de não pretendermos afirmar que os esforços de construção

³³ Trata-se do periódico intitulado “*Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde sowie verwandte Wissenschaften*” de autoria de Johann Georg Theodor Graesse, cujos oito volumes foram publicados entre os anos de 1878 e 1885. Disponível em: <https://digital.slub-dresden.de/werkansicht/dlf/103228/1>. Acesso em: 2 maio 2022.

³⁴ Essa instituição mudou de nome e hoje é conhecida como “American Alliance of Museums”.

³⁵ Por exemplo: VAN MENSCH, 1992; CERAVOLO, 2004; BARAÇAL, 2008; CARVALHO, 2017; FRANÇA, 2017.

de uma Museologia científica foram uma exclusividade do ICOFOM, reconhecemos o incontornável protagonismo que esse Comitê teve nesse empreendimento. Sendo assim, e considerando que nosso principal objeto de estudo nesta dissertação é uma publicação do ICOFOM, destacamos, em nossa análise, a atuação desse Comitê no processo de cientificação da Museologia, de modo que supomos haver uma relação praticamente identitária entre a Museologia teórica desenvolvida no âmbito do ICOFOM e o que veio a se entender por Museologia científica nos anos 1980. Ainda assim, é possível identificar algumas ações que, embora tenham precedido o ICOFOM, já se direcionavam no sentido de desenvolver a Museologia como uma ciência ou, pelo menos, faziam uma prospecção do campo museológico para avaliar a viabilidade de construção desse empreendimento epistemológico.

Em relação à reivindicação de um lugar especial nos currículos de estudo para a Museologia no contexto europeu posterior à Segunda Guerra Mundial, identificamos a iniciativa pioneira de Jan Jelínek³⁶ na Tchecoslováquia. Formado em Antropologia, ele ingressou no Museu da Morávia como curador em 1951, e se tornou seu diretor em 1958. Na direção do Museu, ele buscou reformar a instituição, reformulando suas premissas e criando novos departamentos, incluindo um departamento de Museologia criado ainda em 1962. No ano seguinte, na posição de membro do Comitê Científico da Universidade Jan E. Purkine, na cidade de Brno, Jelínek obteve a criação de um departamento de Museologia também naquela universidade. Segundo Peter van Mensch (1992), o departamento de Museologia da Universidade Jan E. Purkine foi a primeira oportunidade de treinamento museológico universitário a aparecer na Europa do período pós-guerra. Os dois departamentos, tanto o do Museu quanto o da Universidade, foram inicialmente dirigidos por Jan Jelínek, até que Zbynek Stránský³⁷, que havia sido assistente de Jelínek, assumiu a direção de ambos em 1964 (MENSCH, 1992).

³⁶ O tchecoslovaco Jan Jelínek (1926 - 2004) se formou em Antropologia na Universidade de Brno em 1949. Convidado a ingressar no ICOM por Georges-Henri Rivière, foi presidente do ICOM entre 1971 e 1977, além de ter sido fundador e diretor do ICOFOM de 1977 até 1981. Jelínek foi um importante agente no processo de legitimação da Museologia científica através de sua ação institucional no ICOM e no ICOFOM.

³⁷ Zbynek Stránský (1926 - 2016) foi um museólogo tcheco, considerado um dos nomes mais importantes no desenvolvimento da teoria museológica ligada ao ICOFOM, que incluiu vários textos de Stránský em suas publicações. Ele foi diretor do Departamento de Museologia da Universidade Jan Evangelista Purkyne (Universidade Masaryk), sede de uma importante corrente museológica conhecida como Escola de Brno.

Em 1975, dois anos antes da criação do ICOFOM e também relacionado à preocupação com a formação profissional, o dinamarquês Villy Toft Jensen³⁸, diante da intensificação do debate sobre a implantação de alguma forma de treinamento formal em Museologia em seu país, onde isso ainda não existia, realizou uma pesquisa para tentar reduzir a incerteza sobre o que se entendia pelo termo “Museologia”. Para isso, ele enviou formulários em francês, inglês e alemão para cento e quarenta profissionais de museus cujos nomes foram obtidos a partir da lista dos participantes da Conferência do ICOM de 1974 em Copenhague. Ao fazer a seleção dessa forma, Jensen entendia que os destinatários seriam pessoas que já possuíam algum tipo de interesse em questões museológicas. Ao final do processo, ele recebeu 70 questionários respondidos, provenientes de dez países europeus (JENSEN, 1980). Apesar de reconhecer que, do ponto de vista estatístico, sua pesquisa pudesse não ser muito representativa, ainda assim ela seria significativa por representar a opinião de pessoas importantes e, portanto, de grande influência, no campo museológico. A primeira questão apresentada foi a seguinte:

O fato de que o treinamento em museologia foi estabelecido em algumas universidades etc, assim como em algumas atividades do ICOM mostra um crescimento do interesse em museologia. Você pode mencionar algumas razões principais para esse interesse crescente? (JENSEN, 1980, p. 7)³⁹

Entre algumas respostas apresentadas por Jensen na primeira edição da revista *MuWoP*, apareceram justificativas variadas como a crescente aceitação da existência de uma profissão específica dos museus e a necessidade de maior profissionalismo nesse trabalho, uma tomada de consciência sobre a importância cultural dos museus, uma tendência geral de cientificação, e até mesmo a possibilidade de otimização administrativa dos museus. Contudo, havia aqueles que viam esse crescente interesse com relativo desprezo, sugerindo que a Museologia fosse apenas uma “palavra atraente ou uma disciplina elegante” (JENSEN, 1980, p. 7)⁴⁰. Uma outra resposta revelava um pensamento pragmático para o qual o crescente interesse pela Museologia se devia a uma tendência em pensar sobre fazer, mais do

³⁸ Museólogo dinamarquês, chamado por Vinos Sofka de “um verdadeiro veterano do ICOFOM”. Tradução livre do original: “a real ICOFOM veteran”. (SOFKA, 1995, p. 3).

³⁹ Tradução livre do original: “The fact that training in museology has been established at some universities etc, as well as some ICOM-activities shows an enlarged in museology. Can you mention a couple of main reasons for this growing interest?” (JENSEN, 1980, p. 7).

⁴⁰ Tradução livre do original: “[...] catchword or some fashionable discipline”. (JENSEN, 1980, p. 7).

que em efetivamente fazer, acompanhada de “[...] uma crescente e prevalente inabilidade na nossa civilização para distinguir claramente entre fins e meios.” (JENSEN, 1980, p. 7)⁴¹. Apesar disso, Jensen informou que a maioria das respostas foram positivas.

Aceitar a ideia de uma Museologia científica era apenas o primeiro obstáculo para aqueles que se aventuravam nessa questão. Uma vez que se pensasse a Museologia enquanto uma ciência, surgia o problema sobre qual seria o seu objeto. Um outro ponto do questionário de Jensen lidava com essa questão: “Qual é o núcleo da Museologia, ou seja, quais temas principais e problemas pertencem, na sua opinião, à museologia teórica?” (JENSEN, 1980, p. 7)⁴². Como era de se esperar em um campo de conhecimento ainda não bem estabelecido, os profissionais que retornaram o questionário indicavam as mais diversas funções dos museus como sendo o objeto da Museologia. Houve enormes diferenças nos níveis de abstração apresentados como resposta, indo desde trabalhos práticos que já eram comumente realizados nos museus até às tarefas mais teóricas e ainda a se desenvolver. As respostas iam desde a praticidade de “preparação de novas e econômicas técnicas expositivas” até a abrangência de uma “pesquisa sobre o presente papel dos museus, sua função como instituições públicas com função de pesquisa, de educação, e de arquivo.” (JENSEN, 1980, p. 8)⁴³. Entre as respostas apresentadas, algumas apresentavam ideias que posteriormente seriam centrais nos debates promovidos pelo ICOFOM, como a questão da centralidade da instituição museu como objeto da Museologia:

A solução de problemas meta-teóricos deve também levar a um adequado entendimento das tarefas dos museus como instituições. Além disso, deve resultar em diferenciar a abordagem museológica da realidade como uma abordagem de conhecimento científico [...] a museologia se distingue da museografia [...] foi provado que o museu não pode constituir o objeto da museologia. (JENSEN, 1980, p. 8)⁴⁴

⁴¹ Tradução livre do original: “[...] an increasingly prevalent inability in our civilization to distinguish clearly between ends and means.” (JENSEN, 1980, p. 7).

⁴² Tradução livre do original: “What is the core of museology, i.e. which main themes and problems belong to theoretical museology in your opinion?” (JENSEN, 1980, p. 7).

⁴³ Tradução livre do original: “Preparation of new and economical exhibition techniques [...] research into the present role of museums, their functions as public institutions with educational, research and archive functions.” (JENSEN, 1980, p. 8).

⁴⁴ Tradução livre do original: “The solution of meta-theoretical problems must also lead to proper understanding of the tasks of museums as institutions. Besides, it must result in differentiating the museological approach to reality as an approach of scientific knowledge [...] museology is distinguished

Na última pergunta do questionário, os profissionais deveriam opinar se consideravam a Museologia como uma ciência aplicada, que se limitaria apenas a fazer uso de teorias e métodos de outras disciplinas científicas nos museus, ou uma ciência independente com teoria e métodos específicos. Jensen informou que esse questionamento resultou praticamente em um empate, mas além dessa simples opção entre ciência aplicada ou independente, foi solicitado que os respondentes caracterizassem a Museologia com suas próprias palavras, e com base nessas respostas, Jensen dividiu as posições apresentadas em três categorias.

Na primeira categoria estavam aqueles que acreditavam que a Museologia seria uma ciência aplicada, de modo que as profissões disciplinares⁴⁵ seriam a base da teoria museológica. Baseado nas respostas desse grupo, Jensen resumiu essa posição:

a) Uma teoria museológica deve ser desenvolvida através da coordenação de interesses, teorias, etc, das profissões disciplinares. b) Através do delineamento da teoria deve se chegar ao entendimento dos propósitos básicos do museu. c) A partir desses propósitos, critérios devem ser deduzidos para a aplicação da teoria e métodos das profissões disciplinares para o trabalho de museu.⁴⁶ (JENSEN, 1980, p. 9).

Diferente dessa posição que, dando ênfase às profissões disciplinares, reduziam a capacidade de autonomia científica da Museologia, a segunda e terceira categorias abrangiam aqueles que acreditavam que a Museologia fosse, ou pudesse ser, uma ciência independente. O ponto de divergência, indicado por Jensen, entre a segunda e a terceira categorias estava na forma como cada uma delas concebia as características específicas do trabalho de museu e da própria instituição. Na segunda categoria, Jensen identificou aqueles que se concentravam nos aspectos institucionais dos museus, de modo que a Museologia seria um tipo de teoria

from museography [...] it has been proved that the museum cannot constitute the object of museology.” (JENSEN, 1980, p. 8).

⁴⁵ Tradução livre do original: “disciplinary professions”. As profissões disciplinares seriam aquelas cujo objeto de estudo está presente, de algum modo, no acervo do museu. Por exemplo, em um museu de História, a profissão disciplinar seria a do historiador, e num museu de fauna e flora, seria o biólogo. Ou seja, a profissão disciplinar, apesar de encontrar no acervo do museu seus objetos de estudo, não se dedica às particularidades das atividades de um museu, como a conservação, a exposição, e a administração de um museu.

⁴⁶ Tradução livre do original: “a) A museological theory must be developed through coordination of the interests, theories, etc, of the disciplinary professions. b) Through framing of the theory one must arrive an understanding of the basic museum purposes. c) According to these purposes, criteria must be deduced for the application of the theory and methods of the disciplinary professions to the museum work.” (JENSEN, 1980, p. 9).

sociológica sobre os museus e seu trabalho (JENSEN, 1980). Dessa perspectiva, a base de uma teoria museológica deveria ser encontrada nas funções institucionais dos diferentes tipos de museus através de uma identificação das características únicas que os museus partilham entre si, mas que não compartilham com outras instituições.

Na terceira categoria foram colocados aqueles que acreditavam na Museologia como uma ciência independente, mas que, em vez de ter uma abordagem sociológica, como na segunda categoria, apresentavam uma abordagem baseada na teoria cognitiva ou na metateoria. Jensen resumiu essa posição do seguinte modo:

a) O estabelecimento do critério de “musealidade”, ou seja, o critério que torna possível decidir se um dado objeto deve entrar em um museu. Esses critérios teóricos então formam a base da atividade prática de coleção. b) Na sequência, deve se tentar - ainda no nível teórico - estabelecer critérios para preservação e armazenamento desses objetos. Esses critérios então formam a base do trabalho prático em relação ao registro, conservação, etc. c) Finalmente deve se tentar encontrar aqueles fatores ou elementos “que dão aos valores museais o maior efeito de disseminação”. Novamente, isso forma a base do trabalho prático em relação às atividades expositivas.⁴⁷ (JENSEN, 1980, p. 9).

Villy Toft Jensen identificou essas três categorias como três direções teóricas que a incipiente ciência museológica poderia seguir. Sua pesquisa, realizada em 1975 e publicada na primeira edição da revista *MuWoP* em 1980, é reveladora por mostrar o estado da questão da Museologia científica no panorama europeu ainda antes da criação do ICOFOM. Através do cenário prospectado pela pesquisa de Jensen, observamos que se apresenta uma diversidade de correntes de pensamento que é típica dos estados pré-científicos das disciplinas em formação, como apontado por Thomas Kuhn:

Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o consenso aparente que produz são pré-requisitos

⁴⁷ Tradução livre do original: “a) The establishing of criteria of “museality”, i.e. criteria which makes it possible to decide whether a given object is to be included in the museum or not. These theoretical criteria then form the basis of the practical collecting activities. b) In continuation of this one must try – still on a theoretical level – to establish criteria for the preservation and storage of these objects. These criteria then form the basis of the practical work in connection with registration, conservation, etc. c) Finally one must try to find those factors or elements, ‘which give the museum-like values the greatest effect of dissemination’. Again, this forms the basis of the practical work in connection with the exhibition activities.” (JENSEN, 1980, p. 9).

para a ciência normal, isto é, para a gênese e a continuação de uma tradição de pesquisa determinada. (KUHN, 2018, p. 72)

Para Kuhn (2018), assim como o período pré-científico de uma disciplina é marcado por uma variedade de abordagens concorrentes e até incompatíveis, a gênese de uma ciência exigiria a adoção de um paradigma compartilhado, senão por todos, pelo menos por uma maioria significativa do campo. Entendemos, contudo, que a adoção da teoria de Kuhn, embora proveitosa, exige as devidas adequações quando aplicada às ciências sociais, que não serviram de modelo e tampouco foram objeto das preocupações centrais do pesquisador alemão. De fato, não apenas seus críticos, mas o próprio autor estava consciente da limitação de sua teoria em relação às ciências sociais: “Permanece em aberto a questão a respeito de que áreas da ciência social já adquiriram tais paradigmas. A história sugere que a estrada para um consenso estável na pesquisa é extremamente árdua.” (KUHN, 2018, p. 77).

Apesar disso, há aspectos sociológicos da teoria de Kuhn que parecem descrever adequadamente algumas etapas históricas da formação das ciências sociais. Nesse sentido, poderíamos pensar em qual seria o paradigma teórico que permitiu a gênese da ciência museológica. Cabe, neste ponto, darmos atenção ao conceito de paradigma em Kuhn e como ele poderia ser aplicado ao caso da Museologia. Eis uma definição do autor:

Considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. (KUHN, 2018, p. 53).

Ao longo de sua obra, quando cita exemplos de paradigmas, eles aparecem em diversas áreas de pesquisa no campo da Física, como a ótica e a termodinâmica, além da química, astronomia e matemática. Nessas áreas, o paradigma se aproxima do que poderíamos entender como uma descoberta científica reconhecidamente comprovada sobre algum aspecto fundamental daquela ciência, e que assim se torna temporariamente irrefutada - embora potencialmente refutável - e incontornável para todos os praticantes daquela ciência, pelo menos até a próxima revolução científica que desloca o paradigma.

Visto dessa maneira, podemos notar que o conceito de paradigma pode não se aplicar muito bem às ciências sociais, como alguns críticos e analistas de sua teoria

já notaram: “Kuhn tomou a ciência física e sua história como seu modelo. Você terá que decidir, depois de ler este livro, acerca do alcance do que ele disse sobre as ciências físicas [...]” (HACKING, 2018, p. 12).

Sendo assim, entendemos que o conceito de paradigma pode servir como um elemento para a compreensão do processo de emergência da Museologia científica, desde que entendamos que o paradigma, neste caso, não é da mesma natureza dos paradigmas das ciências físicas, ou seja, ele não se baseia numa evidência empírica testável e geralmente realizada em laboratório, mas numa adesão a um modo de entender o lugar da Museologia dentro da estrutura das ciências e na sua relação com a sociedade. Nesse sentido, poderíamos dizer que, nas ciências sociais, os aspectos políticos expressados numa determinada visão de mundo teriam um peso mais significativo na formação de um paradigma do que nas ciências físicas, nas quais os critérios mais importantes seriam intrínsecos ao campo. A leitura que Ian Hacking (2018) faz da obra de Kuhn salienta o aspecto sociológico do paradigma e sua relação com o mundo exterior ao campo de pesquisa, mesmo nas ciências físicas:

Uma nova teoria não é escolhida para substituir uma antiga, por ser verdadeira, mas, sim, bem mais por causa de uma mudança de *concepção de mundo*. O livro termina com o desconcertante pensamento de que o progresso na ciência não é uma simples reta que conduz à verdade. Trata-se mais de um progresso a *distanciar-se* de concepções, e de interações, menos adequadas do mundo. (HACKING, 1980, p. 14, grifos do autor)

Portanto, ainda que os paradigmas, nas ciências sociais, geralmente não sejam tão fixos e facilmente identificáveis como no caso das ciências físicas, ainda assim ocorre a reunião de profissionais em torno de uma determinada concepção de mundo, de sociedade, e de ciência, e essa adesão, como no caso das três categorias identificadas por Jensen, serve como um referencial aglutinador para a construção de uma disciplina científica autônoma, de modo semelhante ao que um paradigma da ciência física seria capaz de promover para o desenvolvimento de um campo científico.

Também numa época prévia à criação do ICOFOM, Vinos Sofka já se mostrava preocupado com os problemas de uma Museologia científica. Em 1995, por ocasião de uma reimpressão da publicação *ICOFOM Study Series* (ISS), Sofka foi convidado

por Martin Schärer⁴⁸, então presidente do ICOFOM, a escrever as reminiscências de sua vida na Museologia. Daí se originou a publicação, em 1995, do relato de Sofka, intitulado “Minha aventurosa vida com o ICOFOM, a museologia, os museólogos e os anti-museólogos [...]”⁴⁹, no qual o autor, apesar de deixar claro o caráter notadamente pessoal e cientificamente desprezioso de seu relato⁵⁰, oferece um interessante ponto de vista sobre o cenário museológico europeu prévio ao ICOFOM e as condições na qual ocorreu a criação do Comitê.

Sofka (1995) afirma que, por volta do ano de 1947, quando ele terminou o ensino secundário, não havia em seu país, a Tchecoslováquia, qualquer treinamento ou educação profissional na área da Museologia. Além disso, as tensões da Guerra Fria não criavam condições favoráveis para que fosse possível estabelecer livres relações e promover as discussões internacionais que seriam necessárias para estruturar uma nova disciplina científica. Sofka (1995) escreveu que seu envolvimento com os museus começou em 1962 quando ele, trabalhando no Instituto Arqueológico em Brno, foi designado para organizar, liderar e executar uma grande e tripla exposição⁵¹ que celebrava o 1100º aniversário da literatura eslávica. Ele considerou que o trabalho, realizado com uma equipe multidisciplinar, foi de alta qualidade e inovador. Por conta desse sucesso, ao final da exposição na Tchecoslováquia foi decidido que ela seria levada para outros países do continente europeu.

Sofka alega que ele era o único especialista no campo dos museus que havia no Instituto Arqueológico, e assim ele teve de cuidar da reinstalação da exposição

⁴⁸ Martin Schärer, historiador e museólogo suíço, presidente da Associação dos Museus Suíços de 1985 a 1991; presidente do Comitê Nacional Suíço do ICOM entre 1993 e 1999; presidente do Comitê de Ética do ICOM de 2012 a 2016; presidente do ICOFOM entre 1993 e 1998; de acordo com o portal de dados da Biblioteca Nacional da França, disponível em: https://data.bnf.fr/12816814/martin_r_scharer/. Acesso em: 07 mai. 2022.

⁴⁹ O título completo é “My adventurous life with ICOFOM, museology, museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. A Very Personal View of a Very Small Piece of the Contemporary History of Museology, a Study Which Became, Due to the Unpredictable Events of the Second Half of the Twentieth Century, a Very Personal Concern that Evolved into a Pursuit in the Heart and Mind of Vinos Sofka Swedish Citizen of Czech Origin written down by himself in April of 1995 at the occasion of the reprint of all issues of ICOFOM Study Series 1983–1991”.

⁵⁰ Como pode ser notado no seguinte trecho: “Eu concordei em escrever - mas não um estudo histórico, baseado em pesquisa e análise crítica de todas as fontes disponíveis [...] Minha contribuição para a história do Comitê deve ser a *minha própria história*, relatando minhas próprias ideias, reflexões, reações, observações e experiências, conforme me lembrava delas.” Tradução livre do original: “I agreed to write – but not an historical study, based on research and critical analysis of all available sources [...] My contribution to the history of the Committee should be *my own story*, telling about my own ideas, reflections, reactions, observations and experiences, as I remembered them.” (SOFKA, 1995, p. 2, grifo do autor).

⁵¹ Sofka informou que a exposição ocorreu em três locais da Tchecoslováquia, sendo um deles o Castelo dos Reis da Boêmia, em Praga.

pelo seu percurso que passou pela Grécia, Áustria, Alemanha, Polônia e Suécia. O autor afirma que esse evento, fonte de conhecimento e experiência, desempenhou um papel central na sua metamorfose em museólogo. O trabalho exigiu uma base teórica e filosófica comum para a ação e a comunicação da equipe, e assim tornou-se o ponto de partida do pensamento museológico de Sofka. Segundo seu relato, teria sido no começo dos anos 1970 que, através de seu trabalho no Museu de Antiguidades Nacionais, em Estocolmo, ele se deu conta da necessidade do desenvolvimento de uma teoria museológica sem perder de vista sua utilidade prática: “Em relação à museologia, a necessidade de teoria no trabalho prático do museu se tornou cada vez mais aparente para mim agora que eu estava trabalhando no ramo, e eu tentei promover a museologia em meu museu e outros lugares.”⁵² (SOFKA, 1995, p. 7).

Essa tentativa de promoção da Museologia foi encarada com estranhamento e hostilidade ainda em sua primeira tentativa no ano de 1969, quando Sofka afirma ter tentado convencer o colegiado da diretoria do Museu de Antiguidades Nacionais sobre a necessidade da Museologia. Após apresentar um estudo analítico dos objetivos do museu, ele defendeu a inclusão de pesquisa em Museologia como uma das medidas a serem tomadas, ao que o diretor respondeu: “O que é essa museologia? Eu nunca ouvi essa palavra!” (SOFKA, 1995, p. 8)⁵³. Nessa mesma reunião havia outros que também desconheciam o termo, e uma das curadoras presentes teria recomendado a Sofka que esquecesse essas “excentricidades do continente” (SOFKA, 1995, p. 8)⁵⁴. Transparece nessa frase da curadora a ideia de que a Museologia seria um conceito importado de fora da península escandinava, e talvez a curadora se referisse à Tchecoslováquia de onde Sofka havia chegado há um ano e onde o Museu da Morávia tinha, desde 1962, um departamento de Museologia criado por Jan Jelínek e, a partir de 1964, chefiado por Zbynek Stránský.

Um ano antes da fundação do ICOFOM, em 1976⁵⁵, Sofka afirma ter percebido um sinal do despertar museológico quando foi convidado a escrever um artigo sobre

⁵² Tradução livre do original: “As for museology, the need for theory in the museum's practical work became more and more apparent for me now when working in the branch, and I tried to promote museology in my museum and elsewhere.” (SOFKA, 1995, p. 7).

⁵³ Tradução livre do original: “What is this museology? I never heard the word!” (SOFKA, 1995, p. 8).

⁵⁴ Tradução livre do original: “eccentricities of the continent”. (SOFKA, 1995, p. 8).

⁵⁵ A proposta de Jan Jelínek para a criação do ICOFOM foi aprovada pelo Comitê Consultivo do ICOM em junho de 1976, mas o primeiro encontro formativo do novo Comitê somente foi realizado na 11ª Conferência Geral do ICOM, realizada em Moscou no ano de 1977.

Museologia para um livro sobre técnicas de museu e que seria publicado para um curso da Universidade de Uppsala. Nessa ocasião reaparece a ideia de que a Museologia era algo novo e ainda estranho à Suécia, pois Sofka conta que o convite ocorreu precisamente por ele ter vindo do continente⁵⁶, e assim consideravam, portanto, que ele deveria conhecer melhor o fenômeno da Museologia. Porém, novamente, a Museologia de Sofka foi recebida com hostilidade: “Proteja-nos da ‘museologia’ e outras quase-ciências” (SOFKA, 1995, p. 8), foi a reação de um crítico que escreveu, no periódico da Associação Sueca de Museus, uma resenha do livro que continha o artigo de Sofka. No entanto, o cenário não era de total aridez para o crescimento das sementes museológicas que estavam sendo plantadas, uma vez que duas “personalidades eminentes dos museus”⁵⁷ (SOFKA, 1995, p. 8) haviam apoiado suas iniciativas.

As palavras de Sofka fazem lembrar uma atividade proselitista em prol da Museologia, na qual ele buscava “converter” os profissionais de museu para a nova ciência: “Eu não desisti e continuei a espalhar a mensagem museológica, encorajando a reflexão sobre ela. Eu fui mais e mais recepcionado com respostas crescentemente positivas.”⁵⁸ (SOFKA, 1995, p. 8). Ele chegou a dar o exemplo de um desses casos de conversão à Museologia: “O Prof. Singleton refletiu sobre nossa conversa, e seguiu rigorosamente o trabalho do ICOFOM, o que levou finalmente, aproximadamente um ano depois, ao seu anúncio de que ele estava se convertendo à Museologia.”⁵⁹ (SOFKA, 1995, p. 17).

Para entusiasmo de Sofka, essas respostas positivas deixaram de ser apenas verbais, e passaram a se materializar em iniciativas reais. Ele relata que foi convidado, no início de 1980, a participar de um planejamento para a criação dos programas de treinamento museológico em técnicas de museu⁶⁰, na Universidade de Umea; e

⁵⁶ Ou seja, da Europa Central, em contraste com a península escandinava onde fica a Suécia.

⁵⁷ Tradução livre do original: “two eminent museum personalities” (SOFKA, 1995, p. 8). Em seu relato, Sofka não informou o nome dessas duas personalidades, mas podemos supor que uma delas poderia ser Georges Henri Rivière, cujo importante apoio, após uma certa resistência inicial, foi registrado por Sofka (1995).

⁵⁸ Tradução livre do original: “I did not give up and continued to spread the museological message, encouraging reflection on it. I was met more and more with increasingly positive response”. (SOFKA, 1995, p. 9).

⁵⁹ Tradução livre do original: “Prof Singleton reflected about our talk, and followed thoroughly the work of ICOFOM, which led finally about a year later to his announcement that he was converting to museology.” (SOFKA, 1995, p. 17).

⁶⁰ Tradução livre do original: “Museikunskap’ (Museum skills)” (SOFKA, 1995, p. 9).

ciência do museu⁶¹ na Universidade de Gotemburgo. Além disso, os esforços de Sofka e do diretor do Museu de Antiquidades Nacionais, onde ele trabalhava, junto ao Conselho Nacional de Cultura da Suécia, tiveram o resultado de obter a criação de uma posição de pesquisador assistente em Museologia no Conselho Sueco de Pesquisa em Ciências Humanísticas e Sociais.⁶²

Podemos notar, portanto, através do questionário apresentado por Villy Toft Jensen e do breve relato biográfico e profissional de Vinos Sofka, que o ICOFOM, fundado em 1977, não surgiu num vácuo de inquietações teóricas, mas pelo contrário, sua gênese foi uma cristalização institucional, através do ICOM, de preocupações que já estavam circulando entre alguns profissionais de museu e que não eram apenas questões teoricamente abstratas, mas que se relacionavam com a necessidade concreta de um aprimoramento da formação dos profissionais de museu, problema que motivou tanto a pesquisa de Jensen quanto as iniciativas de Vinos Sofka. Não se tratava apenas de tentar resolver uma questão científica no campo teórico, mas de solucionar um problema que se entendia estar diretamente relacionado com a adequada formação dos profissionais da área dos museus. Dada a importância do ICOFOM no desenvolvimento da Museologia, pode parecer que não haveria Museologia sem o ICOFOM, – ou pelo menos não a Museologia como nós a conhecemos – mas talvez seria mais adequado dizer que o ICOFOM é que não existiria sem a Museologia, se entendemos que sem as inquietações museológicas que rondavam a consciência de alguns profissionais de museu nos anos anteriores à existência do ICOFOM, não haveria uma demanda suficiente entre os profissionais de museu, e principalmente aqueles que atuavam dentro do ICOM, que pudesse justificar a criação de um comitê internacional dedicado exclusivamente à Museologia, como ocorreu com a criação do ICOFOM durante a 11ª Conferência Geral do ICOM, realizada na cidade de Moscou em maio de 1977.

Pierre Bourdieu define uma das formas de capital científico como proveniente do poder político ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas. Nesse sentido, podemos dizer que Jan Jelínek acumulou capital científico considerável ao ter sido presidente do Comitê Consultivo do ICOM entre 1964 e 1970, e presidente do ICOM de 1971 a 1977. Ao escrever na primeira edição da revista

⁶¹ Tradução livre do original: “Museivetenskap’ (Museum science)” (SOFKA, 1995, p. 9).

⁶² Tradução livre do original: “Swedish Council for Research in Humanistic and Social Sciences” (SOFKA, 1995, p. 9).

MuWoP sobre como desenvolver a atividade profissional dos museus, ele considerou que haveria três etapas principais que precisariam ser realizadas para que essas instituições atendessem as necessidades culturais da sociedade contemporânea. A primeira etapa consistia na expansão e desenvolvimento do próprio ICOM, ao qual se seguiria

[...] criar e estabelecer a Museologia como uma atividade profissional específica. O objetivo final era estabelecê-la como uma disciplina científica tendo seu lugar nas universidades. [...] dessa forma a Museologia poderia ser estabelecida como uma disciplina científica. (JELÍNEK, 1980, p. 4)⁶³

Essas palavras destacam o papel do ICOM, e do próprio Jelínek, na concepção desse projeto de estabelecer a Museologia enquanto uma disciplina científica que receberia sua legitimação através de cursos universitários. Jelínek foi um dos agentes pioneiros nos esforços de realização desse projeto, uma vez que promovia a ideia de uma Museologia científica numa época em que essa visão ainda era relativamente inovadora, e não admitida por todos os agentes do campo. Ele defendia que a Museologia deveria existir enquanto uma disciplina científica, e justificava essa posição afirmando que seu campo de estudos não era e nem poderia ser duplicado por qualquer outro ramo científico. Contudo, assumindo uma posição que, no campo museológico atual, provavelmente teria pouca adesão – o que mostra o desenvolvimento e a diversificação da Museologia desde então – ele considerava que o campo de estudos da Museologia se centrava sobre as coleções: “A formação dessas coleções de objetos, que são fontes originais e inextinguíveis de informação, é o núcleo da museologia científica [...]” (JELÍNEK, 1980, p. 4)⁶⁴.

Uma vez que o campo havia sido preparado por Jelínek, uma iniciativa do Comitê Consultivo do ICOM em 1976 preparou o primeiro encontro constitutivo do ICOFOM, ocorrido em Moscou na 11ª Conferência Geral do ICOM em 1977. O novo Comitê teve como primeiro presidente o tcheco Jan Jelínek. Sofka ingressou no ICOM em 1978, mas ele afirmou que informações sobre a criação do ICOFOM já haviam

⁶³ Tradução livre do original: “[...] to create and establish museology as a specific professional activity. The final goal was to establish it as a scientific discipline having its place in universities. [...] in this way museology could be established as a scientific discipline. (JELÍNEK, 1980, p. 4).

⁶⁴ Tradução livre do original: “The formation of these collections of objects, which are original, inexhaustible sources of information is the core of scientific museology [...]” (JENSEN, 1980, p. 4).

chegado a ele em 1977, despertando seu interesse: “Aqui estava a ocasião longamente buscada de receber iluminação museológica!”⁶⁵ (SOFKA, 1995, p. 12).

No segundo encontro do ICOFOM, realizado na Polônia em 1978, Sofka ofereceu o seguinte relato de sua participação:

Eu destaquei a urgente necessidade de pesquisa museológica e treinamento baseado em seus resultados, e avancei a ideia de um instituto internacional para a museologia e uma publicação como um fórum para a discussão internacional sobre museologia. As pessoas estavam interessadas, e aprovaram minhas propostas entusiasticamente.⁶⁶ (SOFKA, 1995, p. 14)

Nessas palavras percebemos que a receptividade das ideias museológicas apresentadas por Vinos Sofka a outros profissionais de museu havia positivamente aumentado quando comparada com seus relatos anteriores nos quais ele sempre era confrontado com uma certa dose de estranhamento ou rejeição.

Apesar de Sofka (1995) ter afirmado que a sua participação no ICOFOM não teria sido o ponto inicial de seu envolvimento com a Museologia, ele reconheceu que o alcance internacional do Comitê fazia dele a única plataforma acessível para estudar a Museologia de uma maneira holística, considerando sua essência e conceito, sua relação com a sociedade e com o patrimônio natural e cultural. Sendo assim, o alcance internacional do ICOFOM permitia que ele tivesse uma oportunidade única de aprimorar as contribuições oferecidas pelos museus aos problemas que o mundo enfrentava naquela época e que enfrentaria no futuro.

Em setembro de 1979 foi realizado, na Inglaterra, um encontro do Comitê Internacional para o Treinamento de Pessoal⁶⁷ (ICTOP) para o qual Vinos Sofka foi indicado como representante do ICOFOM e no qual enfrentou resistências semelhantes àsquelas com as quais já havia se deparado quando tentara promover a Museologia antes do ICOFOM. Sofka registrou que, no início desse encontro, o

⁶⁵ Tradução livre do original: “Here was the long-sought occasion to receive museological enlightenment!” (SOFKA, 1995, p. 12)

⁶⁶ Tradução livre do original: “I stressed the urgent need for museological research and training based on its results, and forwarded the idea of an international institute for museology and of a journal as a forum for international discussion on museology. People were interested, and approved my proposals enthusiastically.” (SOFKA, 1995, p. 14)

⁶⁷ International Committee for the Training of Personnel (ICTOP).

diretor⁶⁸ da *Reinwardt Academie*⁶⁹ solicitou a abolição do ICOFOM, argumentando que o ICTOP poderia cumprir a mesma função. Além disso, outro participante do encontro fez uma proposição contra a necessidade de teoria museológica, e Georges Henri Rivière⁷⁰ se mostrou irritado com o fato de o ICOFOM ter estabelecido um programa de pesquisa e um projeto de publicação sem que tivessem entrado em contato com ele. Para Sofka (1995), aqueles que queriam liquidar com o ICOFOM tentaram se utilizar de métodos ditatoriais e não apresentavam argumentos válidos ou respeitavam o processo democrático dentro do ICOM, que deveria garantir liberdade de pensamento e opinião sobre questões museológicas. Essa resistência à atuação do ICOFOM pode ser explicada, pelo menos em parte, pela própria dinâmica competitiva no interior de cada campo científico, no qual as instituições e as posições institucionais conferem prestígio e capacidade de ação, na forma de capital científico, aos agentes que as ocupam. Sendo assim, o surgimento de um novo Comitê dentro do ICOM foi visto como uma ameaça à jurisdição científica de outros Comitês previamente existentes, como o ICTOP.

Posteriormente a esse encontro na Inglaterra, Vinos Sofka identificou um período de crise no ICOFOM entre os anos de 1980 e 1982. Em sua visão, essa adversidade era consequência de uma desproporção entre os objetivos do Comitê e sua real capacidade de realizá-los, caracterizando-se como uma crise não apenas administrativa, mas que afetava a própria identidade do Comitê. Sofka acreditava que, para superar essa crise, seria necessário convencer os trabalhadores de museu sobre a necessidade de teoria museológica, e a utilidade de se tornar um membro ativo do ICOFOM. Para Peter van Mensch (1992), essa crise teria sido causada por divergências de opiniões, entre os membros do Comitê, em torno de questões

⁶⁸ Vinos Sofka não informou o nome do diretor, mas Peter Van Mensch, em sua tese, informa que seria “[...] Giljam Dusee, primeiro diretor da então recém-fundada Reinwardt Academie”. (VAN MENSCH, 1992, p. 41).

⁶⁹ A *Reinwardt Academie*, fundada em 1976, é uma instituição holandesa que oferece cursos superiores na área do patrimônio cultural.

⁷⁰ Georges Henri Rivière (1897 - 1985) foi um dos mais influentes museólogos franceses do século XX, foi o primeiro diretor do ICOM, de 1948 até 1965, e foi Conselheiro Permanente do ICOM por toda a vida. Foi professor de Museologia na *École du Louvre*. “Foi graças a ele que a museologia se tornou uma disciplina universitária.” (BAGHLI; BOYLAN, HERREMAN, 1998, p. 81).

relacionadas à Nova Museologia⁷¹ e os Ecomuseus⁷². Diante disso, Sofka afirmou que o encontro do ICOFOM no ano de 1982 foi uma tentativa de ressuscitar o Comitê.

Resumindo a fase inicial do ICOFOM, a história do Comitê se parece, de muitos modos, com aquela de organismos similares: iniciado por um pequeno grupo de entusiastas, eles logo encontram dificuldades e frequentemente entram em uma crise da qual eles emergem ou desaparecem.⁷³ (SOFKA, 1995, p. 18)

O ponto crítico de inflexão dessa crise ocorreu no encontro de 1982 em Paris, quando o Comitê tentou se organizar para superar as dificuldades desintegradoras e revitalizar as suas ações, o que evitou o colapso naquele momento e criou uma nova atmosfera de esperança. Foi também nesse encontro que Jan Jelínek, que havia proposto a criação e presidido o ICOFOM desde sua fundação, renunciou por motivos de saúde. Vinos Sofka assumiu a presidência interina do Comitê até ser eleito como presidente efetivo no encontro do ano seguinte. Em seu relato, Sofka indicou o ano de 1983 como o início de uma nova e promissora fase da história do ICOFOM: “Não mais a luta pela existência do Comitê, mas o trabalho sistemático consciente para explorar a substância e a missão da museologia estavam agora no primeiro plano.”⁷⁴ (SOFKA, 1995, p. 22).

Contudo, o ICOFOM não foi capaz de absorver e solucionar internamente toda a crise. Havia um grupo de museólogos que estavam insatisfeitos com a inércia do ICOFOM em relação às propostas da Nova Museologia, e assim organizaram a Primeira Oficina Internacional de Ecomuseus e Nova Museologia⁷⁵ em um encontro

⁷¹ “A nova museologia influenciou amplamente a museologia dos anos 1980 [...] O seu interesse estava principalmente nos novos tipos de museus concebidos em oposição ao modelo clássico e à posição central que ocupavam as coleções nesses últimos: tratava-se dos ecomuseus, dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visavam à utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 62)

⁷² Propostas e experiências de ecomuseus começaram a se destacar na Museologia no começo da década de 1970. Os ecomuseus se propunham a envolver de forma mais integral as comunidades nas quais atuavam. Em vez do trinômio tradicional “Coleção - Prédio - Público”, os ecomuseus sugeriam trabalhar com base em “Patrimônio - Território - Comunidade”. (VARINE-BOHAN, 1979, p. 70-81 apud MAGALDI, 2020, p. 73).

⁷³ Tradução livre do original: “Summing up ICOFOM's early phase, the story of the Committee resembles in many ways that of other similar bodies: Started by a small enthusiastic group they soon face difficulties and often come into a crisis from which either they emerge or they disappear.” (SOFKA, 1995, p. 18)

⁷⁴ Tradução livre do original: “No longer the struggle for the Committee's existence, but conscious systematic work to explore museology's substance and mission were now in the forefront.” (SOFKA, 1995, p. 22)

⁷⁵ Tradução livre do original: “First International Workshop for Ecomuseums and New Museology”.

realizado na cidade canadense de Quebec em 1984. Ao final desse encontro foi elaborada a Declaração de Quebec, que estabelecia os princípios norteadores da Nova Museologia. No ano seguinte, o encontro desse grupo ocorreu em Lisboa, onde foi oficialmente fundado o *Mouvement International pour la Nouvelle Muséologie* (MINOM). Apesar disso, não houve uma ruptura completa entre o ICOFOM e a Nova Museologia, pois muitos membros fundadores do MINOM continuaram filiados ao ICOFOM. Isso permitiu que, apesar da resistência inicial, as preocupações da Nova Museologia e dos Ecomuseus fossem ganhando espaço dentro do ICOFOM ao longo da década de 1980, como demonstram as conferências específicas que foram realizadas sobre Ecomuseus nos encontros organizados pelo ICOFOM nos anos de 1984 e 1985.

Em relação ao período de sua gestão no ICOFOM, Sofka destacou a importância das publicações, consideradas como pilares indispensáveis para a ação do Comitê. Diante da dificuldade de encontrar financiamento para dar continuidade à revista *MuWoP*, que teve apenas duas edições publicadas, as publicações *Museological News* e *Icofom Study Series* (ISS) se tornaram as principais plataformas usadas pelo Comitê tanto para discussões científicas sobre Museologia quanto para reflexões democráticas sobre as atividades do ICOFOM. Vinos Sofka permaneceu na presidência do Comitê até 1989, ano no qual ele considera que também se encerrou, não coincidentemente, a primeira fase da vida do Comitê.

Na sua análise do ICOFOM, Carvalho (2017, p. 70) considerou Sofka como tendo sido “[...] um ator chave para o comitê.”. Em sua tese, o holandês Peter van Mensch escreveu que Jan Jelínek e Vinos Sofka foram duas fortes personalidades que deixaram suas marcas no ICOFOM. Ele notou que ambos tinham suas raízes pessoais e profissionais em Brno⁷⁶, na República Tcheca, local que tem desempenhado um papel especial na história do ICOFOM e da Museologia desde os anos 1960 (VAN MENSCH, 1992). Peter van Mensch escreveu que durante os dois mandatos de Vinos Sofka na presidência do Comitê, ele

[...] desenvolveu um *modus operandi* que gradualmente se tornou característico do ICOFOM e formou a base de seu inesperado sucesso. Baseava-se em três simpósios interconectados e extensivas publicações. [...]

⁷⁶ Sobre a Escola Museológica de Brno, ver o livro “Stránský: uma ponte Brno - Brasil”, publicado pelo ICOFOM em parceria com a UNIRIO no ano de 2017.

Ao fim do segundo período⁷⁷, o ICOFOM pareceu ter conseguido adquirir respeitabilidade como uma plataforma internacional para a discussão teórica, enquanto ao mesmo tempo a museologia parece ter se tornado reconhecida e aceita como uma disciplina acadêmica. Os vários simpósios e seminários, assim como as publicações resultantes desses encontros produziram muito material útil nos três campos mencionados nas Regras⁷⁸. Embora a distribuição desse material fosse limitada, ele exerceu uma influência estimulante.⁷⁹ (VAN MENSCH, 1992, p. 42-43)

É interessante notar que, apesar de sua importante atuação no campo da Museologia em defesa da necessidade de uma teoria museológica que pudesse embasar o desenvolvimento epistemológico do campo, Vinos Sofka não chegou a elaborar um pensamento museológico próprio. Em seus escritos, não localizamos qualquer trecho no qual ele justificasse essa sua opção, mas podemos conjecturar que, além de uma provável escassez de tempo por conta de sua intensa atuação como presidente e editor do ICOFOM, Sofka pode ter conscientemente evitado elaborar sua própria teoria, ou até mesmo aderir integralmente a uma teoria museológica específica precisamente para que a atuação do ICOFOM não ficasse marcada por um favoritismo pessoal em favor de uma teoria em detrimento de outras. Agindo dessa forma relativamente neutra, ele deixou o campo mais aberto às diversas contribuições teóricas que poderia receber. Sobre isso, é oportuno lembrar que na segunda edição da revista *MuWoP*, o professor de Museologia da Universidade de Idaho, G. Ellis Burcaw, havia tecido algumas críticas sobre um possível enviesamento da publicação em favor da teoria museológica desenvolvida na Universidade de Brno, na República Tcheca⁸⁰. Dessa forma, Sofka marcou sua atuação no campo mais como um importante agente fomentador do desenvolvimento de teorias museológicas diversas do que como um pesquisador desenvolvedor de suas próprias teorias.

⁷⁷ Conforme a divisão apresentada na tese de Peter van Mensch, o segundo período do ICOFOM compreende os anos de 1983 a 1989, ou seja, o período da presidência de Vinos Sofka.

⁷⁸ O autor se refere aos três objetivos estabelecidos para a atuação do ICOFOM: a) estabelecer a museologia como uma disciplina científica; b) estudar e apoiar o desenvolvimento dos museus e da profissão, estudar seu papel na sociedade, suas atividades e suas funções; c) encorajar a análise crítica das principais tendências da museologia. (VAN MENSCH, 1992).

⁷⁹ Tradução livre do original: "Sofka developed a modus operandi which gradually became characteristic for ICOFOM and formed the basis of its unexpected success. It was based on three interconnected symposia and extensive publishing. [...] At the end of the second period ICOFOM appeared to have succeeded in having acquired respectability as an international platform for theoretical discussion, while at the same time museology itself seems to have become recognized and accepted as an academic discipline. The many symposiums and seminars, as well as the publications resulting from those meetings produced much useful material on the three fields mentioned in the Rules. Even though the distribution of this material was limited, it wielded a stimulating influence." (VAN MENSCH, 1992, p. 42).

⁸⁰ Abordamos esse episódio na página 93 desta dissertação.

Sendo assim, consideramos que o desenvolvimento da proposta de uma Museologia científica durante a década de 1980 teve, a nível institucional, o ICOFOM como o grande protagonista que difundia a Museologia em um nível internacional, e que declarava como um de seus objetivos o estabelecimento da Museologia como uma disciplina científica com lugar nas universidades. Esse projeto foi impulsionado, em grande medida, pela atuação de agentes importantes no campo museológico e que eram favoráveis a essa proposta, como Jan Jelínek e Vinos Sofka, que ocuparam posições-chave no campo como presidentes do ICOFOM desde sua fundação em 1977 até o final da década de 1980. Em relação à atuação de Vinos Sofka, soma-se ao seu trabalho como presidente do Comitê, sua atuação como editor das três publicações do ICOFOM, que serão abordadas nos capítulos seguintes.

3 O PAPEL DAS REVISTAS CIENTÍFICAS NO CAMPO MUSEOLÓGICO: as publicações do ICOFOM

Ao examinar as publicações produzidas pelo ICOFOM durante a década de 1980, consideramos que elas não foram concebidas isoladamente, mas formavam uma estrutura⁸¹ que deveria servir aos propósitos do Comitê. Essa estrutura era formada por três publicações: *Museological Working Papers* (MuWoP), *ICOFOM Study Series* (ISS), e *Museological News*. À cada uma dessas publicações, que consideramos como periódicos científicos⁸², cabia uma função específica que, a princípio, não deveria se sobrepôr à função das outras, mas complementá-las. Em *Museological News* eram publicadas informações pragmáticas para os membros do ICOFOM, a ISS trazia os textos relacionados aos simpósios anuais, e à revista MuWoP eram reservadas as discussões terminológicas, metodológicas e teóricas da Museologia.

Mas ainda muito antes da criação das publicações museológicas, os primeiros periódicos científicos surgiram no continente europeu durante o século XVII, durante a Revolução Científica.

Até então os filósofos-cientistas se comunicavam pessoalmente ou por meio de cartas. A divulgação formal e mais ampla de suas pesquisas era feita em livros e longos tratados que discorriam sobre o conhecimento acumulado sobre o assunto. Com o advento da ciência moderna, o importante passou a ser a comunicação rápida e precisa sobre uma experiência ou observação específica, que permitisse a troca também rápida de ideias e a crítica entre todos os cientistas interessados no assunto em questão. Isso provocou a necessidade de um novo meio de comunicação, de alcance mais amplo que a comunicação oral e a correspondência pessoal, bem mais rápido que os livros e tratados: o periódico científico. (MUELLER, 2003, p. 73)

⁸¹ Apesar de “estrutura” ser um termo que traz consigo uma notável carga conceitual nas ciências sociais, para os fins desta dissertação, entendemos “estrutura” simplesmente como a forma na qual as diferentes partes de uma construção estão relacionadas entre si, considerando as funções específicas que cada uma delas exerce em relação às outras partes e aos fins da estrutura. No caso das três publicações do ICOFOM, entendemos que essa estrutura editorial tripartida consistia no fato de que todas elas, por diferentes meios, buscavam o mesmo fim – o desenvolvimento da Museologia – e exerceram funções específicas que conferiam a cada uma delas uma posição determinada dentro dessa estrutura de publicações do ICOFOM.

⁸² As revistas MuWoP e ISS podem ser bem descritas como periódicos científicos, pois publicavam, periodicamente, artigos inéditos sobre pesquisas museológicas, mas o boletim informativo *Museological News* só exerceu essa função parcialmente e durante cinco de suas edições, como veremos no próximo capítulo.

Desde então, os periódicos científicos cumprem a função de ser uma publicação na qual os cientistas podem comunicar formalmente os resultados de suas pesquisas, tanto no meio científico, quanto entre o público geral, a depender do tipo de publicação. Através da preservação física ou digital de seu conteúdo, as publicações também servem como um meio de preservação do conjunto dos conhecimentos científicos adquiridos ao longo do tempo. Além disso, ao divulgar as pesquisas para a comunidade científica, os periódicos permitem que possa ocorrer uma análise crítica do conhecimento publicado - procedimento conhecido como “avaliação entre pares”⁸³ - que confere uma maior confiabilidade aos resultados das pesquisas.

Nesta pesquisa, apresentamos três publicações do ICOFOM que, ao longo da década de 1980, tiveram o mesmo editor: Vinos Sofka. O historiador francês, Roger Chartier (1996; 1998), em algumas de suas obras, se preocupou com o lugar da escrita na produção do conhecimento, levando em consideração um conjunto de pressupostos para a interpretação da história da cultura escrita, como os sujeitos envolvidos, os suportes e usos, os protocolos de leitura, e as maneiras de ler.

Considerando a abordagem escolhida para esta pesquisa, optamos por dar mais ênfase à figura do editor do que aos autores dos artigos publicados nos periódicos do ICOFOM, visto que, apesar da grande variedade de autores, as três publicações tiveram, ao longo dos anos 1980, o mesmo editor. Sobre a importância dos autores, Chartier (1996, p.96) afirma:

Com efeito, podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido.

Essas instruções, implícitas ou explícitas, que o autor pode produzir no texto têm o potencial de conduzir a leitura, tornando-se um elemento relevante para a investigação do sentido atribuído ao texto. Chartier (1998, p.53) afirma que o papel do

⁸³ “Vários estudos mostram que a avaliação por pares é tida como um dos pilares – senão o mais importante – da comunicação científica. Os autores são unânimes ao afirmar que a confiança implícita que acompanha essa avaliação ajuda a separar o joio do trigo em meio à quantidade sempre crescente de literatura científica disponível [...]” (NASSI-CALÓ, 2015, doc. eletrônico).

editor pode ser tão importante quanto o do autor e descreve aquele como um sendo um “[...] empreendedor singular que se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores; daí, aliás, suas relações frequentemente difíceis e tensas”. Ainda sobre o editor, ele afirma:

[...] a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto (CHARTIER, 1996, p.97).

Avaliar o papel desempenhado por Vinos Sofka na posição de editor inclui reconhecer que ele possuía uma intenção específica e um certo poder de influência sobre o conteúdo e a forma das publicações do ICOFOM, de modo que a edição pode ser compreendida como uma atividade formadora de um determinado protocolo de leitura direcionado aos leitores.

Com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal. (CHARTIER, 1996, p.20)

Sendo assim, os protocolos de leitura podem ser internos ao texto, elaborados pelo autor estimulado por uma vontade disciplinante, ou atribuídos na forma final da publicação através de sua edição, composição, impressão, e tipografia, sendo orientados pela intenção editorial. Portanto, não apenas os autores dos textos podem produzir elementos que compõe os protocolos de leitura, mas também os editores exercem influência sobre esses protocolos. Protocolos de leitura podem ser encontrados, por exemplo, nas citações, em termos conclusivos, em notas de rodapé, na didatização do texto, ou em uma ilustração. Ao longo deste capítulo, buscamos identificar eventuais protocolos de leitura concebidos pelo editor das publicações do ICOFOM, Vinos Sofka, considerando suas possíveis intenções de, por meio da apropriação das publicações científicas do ICOFOM pelos leitores, conferir legitimação à Museologia enquanto disciplina científica.

Em relação à responsabilidade pela publicação de cada uma das publicações do ICOFOM, ela foi declarada nos “esclarecimentos, explicações e instruções para a

realização do Programa Trienal do ICOFOM (1983-1986)”⁸⁴ (ICOFOM, 1984c, p. 23) sob o terceiro tópico, denominado “Atividades de Publicação do ICOFOM”⁸⁵ (ICOFOM, 1984c, p. 26):

Para o programa de publicação do ICOFOM como um todo, o Grupo de Trabalho de Publicações é responsável. A responsabilidade pela publicação das diferentes publicações fica delegada do seguinte modo: a revista *MuWoP* – o Editor (V. Sofka) com o Conselho Editorial (atualmente equivale ao Grupo de Trabalho de Publicações) e o Escritório do Conselho Editorial em Estocolmo, Suécia. O boletim informativo *Museological News* – o Editor (Peter van Mensch) com o Conselho Editorial (atualmente equivalente ao Grupo de Trabalho de Publicações) e o Escritório do Conselho Editorial em Leiden, Holanda. A série *ICOFOM Study Series* – o Editor (ainda não indicado) com o Conselho Editorial (atualmente equivalente ao Grupo de Trabalho de Publicações) e o Escritório do Conselho Editorial em na *Reinwardt Academie* (P. van Mensch) em Leiden, Holanda.⁸⁶ (ICOFOM, 1984c, p. 26)

Contudo, como veremos no quarto capítulo e ao contrário do que indicava o programa trienal, a responsabilidade pela publicação de *Museological News*, apesar de uma tentativa na quinta edição, nunca foi plenamente assumida pelo Escritório do Conselho Editorial em Leiden sob a direção de Peter van Mensch, e não apenas no período entre 1983 e 1986. Foi apenas com a saída de Vinos Sofka da presidência do ICOFOM, que a décima terceira edição de *Museological News*, do ano de 1990, foi finalmente publicada sob responsabilidade de Peter van Mensch na *Reinwardt Academie* de Leiden.

Enquanto a compra da revista *MuWoP* custava doze dólares, o modo de distribuição livre de custos das publicações *Museological News* e ISS foram anunciadas por Vinos Sofka em um de seus editoriais:

Museological News é enviada livre de custos para todos os membros do Comitê e também para os candidatos a membros. *ICOFOM Study Series* vai automaticamente para os autores dos artigos de cada edição e para os

⁸⁴ Tradução livre do original: “Supplement to ICOFOM Triennial Programme 1983-1986. Clarifications, explanations and instructions for the accomplishment.” (ICOFOM, 1984c, p. 23).

⁸⁵ Tradução livre do original: “ICOFOM Publishing Activities.” (ICOFOM, 1984c, p. 23).

⁸⁶ Tradução livre do original: “For the publishing program of ICOFOM in its entirety, Pub-WG is responsible. The responsibility for the publishing of different publications is delegated in the following way: the journal *MuWoP* - the Editor (V Sofka) with the Editorial Board (for the present the same as Pub-WG) and the Editorial Board Office in Stockholm, Sweden. The information bulletin *Museological News* - the Editor (Peter van Mensch) with the Editorial Board (for the present the same as Pub-WG) and the Editorial Board Office in Leiden, Netherlands. The series *ICOFOM Study Volumes* - the Editor (not yet appointed) with the Editorial Board (for the present Pub-WG) and the Editorial Board Office at the *Reinwardt Academie* (P van Mensch) in Leiden, Netherlands.” (ICOFOM, 1984c, p. 26).

participantes registrados para o simpósio em questão. Elas podem, contudo, ser obtidas também por outros trabalhadores de museu ao requisitá-las ao Escritório do Conselho Editorial do ICOFOM em Estocolmo. Elas ainda são distribuídas livres de custos, apenas o custo da postagem é exigido.⁸⁷ (SOFKA, 1984b, p. 3)

Para auxiliar nossa compreensão da função exercida pelas publicações do ICOFOM, utilizaremos o conceito de espiral da cultura científica (VOGT, 2003). Essa espiral divide o processo de produção e divulgação da ciência em quatro quadrantes. O primeiro quadrante dedica-se à produção e difusão da ciência entre pares, o segundo consiste no ensino da ciência e a formação de cientistas, o terceiro seria o ensino para a ciência, e a última fase seria a divulgação da ciência. Conforme representado na figura 1 (p. 25), Vogt identifica os principais agentes que atuam em cada uma das fases desse processo:

Assim no primeiro quadrante, teríamos como destinadores e destinatários da ciência os próprios cientistas; no segundo, como destinadores, cientistas e professores, e como destinatários, os estudantes; no terceiro, cientistas, professores, diretores de museus, animadores culturais da ciência seriam os destinadores, sendo destinatários, os estudantes e, mais amplamente, o público jovem; no quarto quadrante, jornalistas e cientistas seriam os destinadores e os destinatários seriam constituídos pela sociedade em geral e, de modo mais específico, pela sociedade organizada em suas diferentes instituições, inclusive, e principalmente, as da sociedade civil, o que tornaria o cidadão o destinatário principal dessa interlocução da cultura científica. (VOGT, 2003, p. 6)

Sendo assim, as revistas científicas que são produzidas por cientistas e destinadas a um público também de cientistas, como as referidas publicações do ICOFOM, se encontram no primeiro quadrante. Isso quer dizer que tais publicações se enquadram na primeira fase da espiral, na qual ocorre a produção e a difusão da ciência. Ao final de uma circulação completa da espiral por todos os quadrantes, ela não volta exatamente ao ponto de partida, pois, apesar de retornar ao primeiro quadrante, ela o encontra em um ponto mais alargado do conhecimento, de modo que, a cada nova circulação, os conhecimentos previamente adquiridos podem ser

⁸⁷ Tradução livre do original: "Museological News is sent free of charge to all members of the Committee and applicants for membership, too. ICOFOM Study Series goes automatically to the writers of the papers in the issue and to the participants registered for the symposium in question. They can, however, be obtained also by other museum workers by requesting them from the ICOFOM Editorial Board Office in Stockholm. They are still distributed free of charge, only a postage fee is requested." (SOFKA, 1984b, p. 3).

enriquecidos por novas descobertas. Trata-se, portanto, de um processo de retroalimentação da cultura científica.

Nos dois próximos subcapítulos, pretendemos apresentar duas das publicações do ICOFOM, MuWoP e ISS, e identificar as principais características que definiam a função que elas exerciam na estrutura de publicações do ICOFOM.

3.1 *Museological Working Papers (MuWoP)*

A publicação denominada *Museological Working Papers (MuWoP)* foi não somente o primeiro periódico do ICOFOM, mas a “[...] primeira revista do mundo dedicada às discussões teóricas constitutivas do campo” (CARVALHO, 2008, p. 24). Apesar de que grandes esperanças foram colocadas em MuWoP pelo coordenador do projeto e editor, Vinos Sofka, a revista teve apenas dois números impressos, o primeiro em 1980 e o segundo em 1981⁸⁸.

A origem da iniciativa da publicação remonta ao ano de 1978, quando um “grupo especial de trabalho”⁸⁹, o Conselho Editorial, foi designado pelo ICOFOM durante sua segunda reunião, realizada entre 24 e 30 de setembro na Polônia:

O Comitê decidiu que um conselho editorial [...] com escritório situado em Estocolmo deve elaborar a estrutura de um programa para artigos de trabalho sobre problemas museológicos fundamentais, concentrá-los e publicá-los. O programa será apresentado no próximo encontro do Comitê.⁹⁰ (ICOFOM, 1980b, p. 57)

O trabalho desse conselho resultou na proposta de criação da revista MuWoP, que foi aprovada no terceiro encontro do ICOFOM, realizado entre 22 e 26 de outubro de 1979 na cidade italiana de Torgiano.

Iniciamos nossa análise do primeiro número de MuWoP pela capa da revista, que constitui parte do protocolo de leitura e que se apresenta como o elemento frontal

⁸⁸ A capa do segundo número traz a data de 1981, mas entre as informações da contracapa encontramos a data de 1982. De fato, como Sofka (1995) confirma em seu relato, a impressão do segundo número, relativo a 1981, só ocorreu em 1982. Isso não deve surpreender se considerarmos as dificuldades financeiras para a produção da revista e o fato de que seu editor, Vinos Sofka, era “famoso por se atrasar” (*notorious for being late*) (NASH, 2021, doc. eletrônico) em suas publicações.

⁸⁹ Tradução livre do original: “special working party” (SOFKA, 1980a, p. 3).

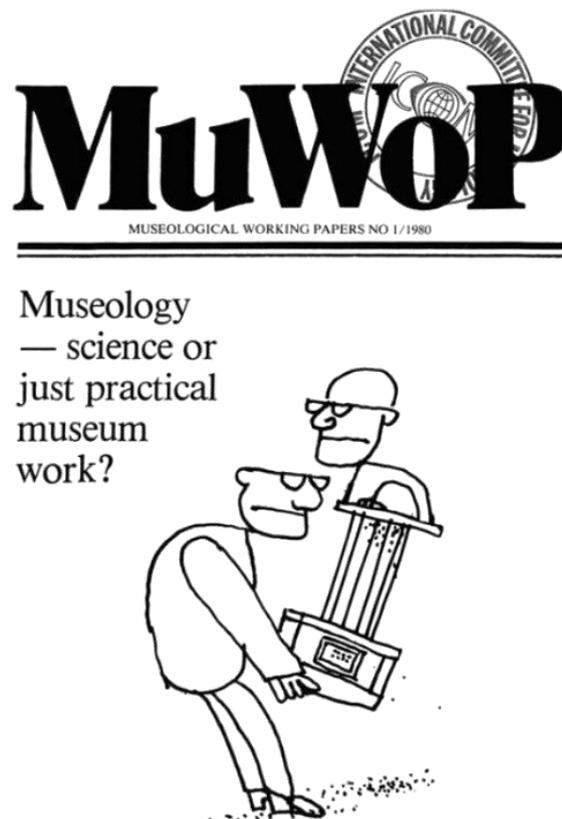
⁹⁰ Tradução livre do original: “The Committee decided further that an editorial board [...] with the office situated in Stockholm should work out a skeleton-programme for working papers on fundamental museological problems, to concentrate such papers and to publish them. The programme will be presented at the next meeting of the Committee”. (ICOFOM, 1980b, p. 57).

e visualmente introdutório da publicação. Embora a capa pudesse ser vista como superficial em relação ao conteúdo interno da revista, ela não pode ser negligenciada quando pretendemos fazer não apenas uma análise textual da publicação, mas buscamos uma compreensão do aspecto comunicacional que é transmitido pela revista como um todo, no qual forma gráfica, suporte e conteúdo textual se integram para gerar um sentido ao leitor, de modo que nenhum elemento da publicação pode ser considerado analiticamente nulo.

A própria apresentação das publicações impressas, tais como as características gráficas, as formas de estruturação dos sumários, índices e seções, *as capas, as imagens usadas*, nos dão indicações sobre as escolhas e opções dos editores por determinados elementos, sendo fruto de uma série de ações planejadas para “tocar” ou desenhar um público [...] (CARVALHO, 2017, p. 41, grifo nosso)

Nesse sentido, a capa da primeira edição de MuWoP é bastante significativa:

Figura 2 - Capa da revista *Museological Working Papers* n. 1



Fonte: ICOFOM (1980a)

A imagem da capa apresenta uma pessoa carregando um típico busto de museu, objeto aparentemente pesado e cujo equilíbrio parece precário nas mãos daquele que o transporta. Trata-se de um profissional que está exercendo trabalho prático, ou seja, um trabalho que exige, nesse caso, mais força física do que intelectual. Há um elemento inquietante no fato de que o profissional não possua a parte superior do crânio, principalmente quando até mesmo o esfíngico⁹¹ busto o possui, enfatizando ainda mais, por contraste, a ausência de cérebro do homem. Essa estranha ausência retratada na provocativa capa da MuWoP n. 1 pode ser entendida como uma crítica à falta de consciência teórica a guiar as atividades dos profissionais nos museus. Da ilustração da capa podemos extrair ainda um último significado que talvez extrapole as intenções conscientes do ilustrador ou daquele que orientou seu desenho, mas que não podemos deixar de notar: sem uma teoria adequada, nem mesmo a força entusiasmada do trabalho prático poderia render um bom resultado, uma vez que o profissional, considerando a posição de seu corpo e a do busto, ao segurar o objeto fora de seu centro de equilíbrio, parece estar prestes a derrubá-lo, com a base do busto inclinada e escorregando de suas mãos, o que demonstraria a ineficiência e até mesmo a destrutividade patrimonial que um trabalho teoricamente mal orientado poderia acarretar.

Em suas contracapas, MuWoP é definida como “uma revista de debate sobre problemas museológicos fundamentais”⁹² (ICOFOM, 1980a), publicada pelo ICOFOM em colaboração com o Museu de Antiquidades Nacionais de Estocolmo na Suécia, com subvenção⁹³ do governo da Suécia e da Fundação Sven e Dagmar Salén⁹⁴. O conselho editorial do ICOFOM para o primeiro número da revista foi composto por Andreas Grote e Wolfgang Klausewitz, da Alemanha Ocidental; Rolf Kiau, da Alemanha Oriental; Awraam Razgon, da União Soviética; e Vinos Sofka, da Suécia, na posição de editor da revista e coordenador do projeto. O endereço para o escritório editorial era uma caixa postal do Museu de Antiquidades Nacionais de Estocolmo,

⁹¹ “Decifra-me ou devoro-te” era a sentença que introduzia o enigma da esfinge egípcia. Podemos apenas imaginar se o formato semelhante a uma esfinge que o busto apresenta poderia indicar, para os profissionais de museu, que estes deveriam decifrar o enigma da teoria museológica ou acabariam devorados por ela.

⁹² Tradução livre do original: “a debate journal on fundamental museological problems” (ICOFOM, 1980a, contracapa).

⁹³ Tradução livre do original: “grants” (ICOFOM, 1980a, contracapa).

⁹⁴ Fundação sueca fundada em 1968 e que tem como um de seus objetivos promover a pesquisa científica, conforme informação disponível em <https://salenstiftelsen.se/>. Acesso em: 7 nov. 2021.

onde Sofka trabalhava. A capa, *layout* e impressão das revistas foram feitas em Estocolmo (ICOFOM, 1980a).

A maior parte do conteúdo publicado em MuWoP consistiu em textos sobre teoria museológica e aspectos da Museologia científica. Contudo, não é nosso objetivo, nesta dissertação, fazer uma análise do conteúdo teórico ou argumentativo apresentado nesses artigos, mas obter uma compreensão mais geral sobre o papel dessa publicação no campo museológico de sua época, no qual ela exerceu uma determinada função comunicacional. Sendo assim, para nossos fins, sem entrar nos detalhes de cada artigo publicado, basta saber que o principal conteúdo de MuWoP eram artigos científicos relacionados à teoria museológica e aos problemas que envolviam a construção de uma ciência museológica, buscando desenvolver esse campo do conhecimento através do intercâmbio internacional de ideias entre autores qualificados. Nesse sentido, consideramos que uma análise dos textos escritos por Vinos Sofka, editor da revista e coordenador do projeto, oferece mais elementos para se entender o contexto de surgimento e os objetivos dessa publicação do que os próprios artigos nela publicados poderiam fazê-lo, e por isso consideramos que os textos do editor merecem ser examinados com especial atenção.

A forma como a nova publicação foi anunciada no editorial de seu primeiro número demonstrava entusiasmo e esperança de que a revista pudesse ter uma vida longa. O lançamento editorial de MuWoP foi anunciado à comunidade internacional dos museus como a celebração do nascimento de uma criança, e como é comum entre as crianças de nome longo ou complicado, *Museological Working Papers* também ganhou um apelido de seu editor: MuWoP. De forma análoga à uma certidão de nascimento⁹⁵, o editorial registra o tamanho e o peso do primeiro número da revista: 67 páginas e 203 gramas (SOFKA, 1980a).

No editorial, Vinos Sofka reconhece as mudanças pelas quais a sociedade estava passando naquela época, e sugere como os profissionais de museu deveriam responder às novas demandas:

A sociedade contemporânea é moldada e caracterizada por um incessante e acelerado fluxo de mudança. Novas demandas estão sendo feitas para os museus e suas equipes. Essas demandas devem ser atendidas por um corpo profissional reconhecido, bem informado, que tenha um senso de propósito e

⁹⁵ Ao final da revista (p. 53) sua ficha técnica é apresentada sob o título de “certificado de batismo” (*baptism certificate*).

que esteja estabelecido e reconhecido como um grupo profissional legítimo.⁹⁶ (SOFKA, 1980a, p. 3).

Sofka admite que já havia outros empreendimentos nessa direção, como publicações e simpósios nacionais e internacionais, além do “projeto extremamente vital”⁹⁷ (1980a, p. 3) do Tratado de Museologia⁹⁸ e do qual muito se esperava, mas que, segundo Sofka, poderia apenas capturar o caráter estático do estado de conhecimento museológico naquela época. Portanto, restaria ainda “[...] uma necessidade de um contínuo intercâmbio de ideias, experiências, conhecimento e resultados de pesquisa - um simpósio internacional contínuo e de alto nível [...]”⁹⁹ (SOFKA, 1980a, p. 3). Nesse sentido, MuWoP poderia ser vista “[...] como um útil complemento ao Tratado de Museologia [...], um curso internacional de extensão de alto nível.”¹⁰⁰ (SOFKA, 1980b, p. 63).

Para Sofka, os debates sobre as questões fundamentais relacionadas aos museus deveriam fazer parte de um processo completo, incluindo pesquisa contínua sobre as questões em aberto e avaliação dos resultados obtidos. Era para atingir esse objetivo que a revista MuWoP havia sido criada: “A profissão precisa ser reunida num fórum prontamente acessível para todos os seus membros. Essa é a lacuna que *MuWoP* planeja preencher.”¹⁰¹ (SOFKA, 1980a, p. 3).

Em contraste com essa meta futura, Sofka considerava que a revista ainda estava em seu “primeiro estágio de desenvolvimento” na condição de um “protótipo” (SOFKA, 1980a, p. 3). O editor de MuWoP entendia que os rumos da publicação não estariam limitados às decisões do Conselho Editorial, mas estariam nas mãos daqueles a quem ela era dirigida, ou seja, o “pessoal de museu de todo o mundo”¹⁰²

⁹⁶ Tradução livre do original: “Contemporary society is shaped and characterized by an incessant and accelerating flow of change. New demands are being made on museums and their staff. These demands have to be met by a well-informed, knowledgeable corps which has a sense of purpose and which is established and acknowledged as a legitimate professional group” (SOFKA, 1980a, p. 3)

⁹⁷ Tradução livre do original: “extremely vital project” (SOFKA, 1980a, p. 3)

⁹⁸ A produção de um Tratado da Museologia foi aprovada na Conferência Geral do ICOM de 1977 e um grupo de trabalho chegou a ser designado, mas apesar dos esforços, o ambicioso projeto nunca foi concluído.

⁹⁹ Tradução livre do original: “[...] a need for a continuous interchange of thoughts and experiences, knowledge and research findings – a continuous, high level international symposium [...]” (SOFKA, 1980a, p. 3)

¹⁰⁰ Tradução livre do original: “[...] useful complement to the Treatise on Museology [...], a high-level international extension course” (SOFKA, 1980b, p. 63)

¹⁰¹ Tradução livre do original: “The profession needs to be brought together in a forum which is readily accessible to all its members. This is the gap which MuWoP sets out to fill.” (SOFKA, 1980a, p. 3)

¹⁰² Tradução livre do original: “museum people the world over” (SOFKA, 1980a, p.3)

(SOFKA, 1980a, p. 3). Sendo assim, *MuWoP* não apenas estaria aberta às sugestões, mas realmente precisaria de cooperação para que pudesse não apenas ser melhorada, mas continuar existindo. Apesar de nutrir esperanças para seu futuro, o editor reconhecia que o porvir ainda era incerto para a sua publicação: “Será o recém-chegado bem-vindo na comunidade dos museus e a ele desejada toda a felicidade e boa sorte? A Conferência Geral do ICOM de 1980 irá mostrar.”¹⁰³ (SOFKA, 1980a, p.3). Esse comentário explica-se pelo fato de que o primeiro número da revista era considerado um protótipo que seria discutido e avaliado pelo Comitê Consultivo e pelo Conselho Executivo do ICOM durante a Conferência Geral do ICOM de 1980 no México, quando o futuro da publicação seria decidido.

Ao fim do editorial, ficaram estabelecidos cinco objetivos iniciais para a *MuWoP*:

Ser um fórum aberto para discussão permanente de problemas museológicos fundamentais; realizar essa discussão na forma de blocos tematicamente autocontidos de acordo com um programa definido que possa ser alterado prontamente em resposta às mais prementes demandas da comunidade; com base nas contribuições recebidas de autores selecionados que devem, se possível, contemplar todos os continentes e representar uma variedade de pontos de vista, desenvolver um amplo intercâmbio de ideias combinado com acompanhamento empírico e avaliação compreensiva; publicar pelo menos um volume anualmente; empregar métodos de distribuição facilitando a participação ativa do maior número de associados dentro das profissões de museu, instituições relacionadas, em diferentes ramos da ciência, em universidades e bibliotecas.¹⁰⁴ (SOFKA, 1980a, p. 3).

A partir destes objetivos declarados percebemos que havia uma preocupação em tornar a publicação representativa de discursos geograficamente variados na condição de um “fórum aberto” a diferentes pontos de vista e convidativo à interdisciplinaridade. Esse proposto caráter internacional da revista pode ser entendido também como uma qualidade desejada pelo Conselho Editorial que buscava tornar a *MuWoP* apta a obter, entre os agentes do campo museológico, sua

¹⁰³ Tradução livre do original: “Is the newcomer to be welcomed into the museum community and wished every happiness and good fortune? The 1980 ICOM General Conference will show.” (SOFKA, 1980a, p. 3).

¹⁰⁴ Tradução livre do original: “To be an open forum for the permanent discussion of fundamental museological problems; to pursue this discussion in the form of thematically self-contained blocks according to a definite programme which can readily be altered in response to the most pressing demands of the community; on the basis of contributions received from selected authors, which should if possible cover all continents and if possible represent a variety of standpoints, to develop a wide interchange of ideas combined with empirical follow-up and comprehensive evaluation; to publish at least one volume annually and; to employ methods of distribution facilitating the lively participation of the greatest possible membership within the museum profession, within kindred institutions, in different branches of science, and at universities and libraries.” (SOFKA, 1980a, p. 3).

legitimação como uma publicação produtora e difusora de conhecimento científico, visto que o intercâmbio internacional da produção científica costuma ser uma característica comum e necessária no processo de reconhecimento de uma ciência.

Além disso, esses objetivos revelam que a revista foi concebida idealmente para servir como uma instância de desenvolvimento da Museologia através da troca de ideias e da comunicação do conhecimento científico museológico produzido por “autores selecionados”. O desejado caráter científico da produção de MuWoP aparece claramente no objetivo de utilizar métodos de “acompanhamento empírico e avaliação compreensiva”¹⁰⁵ (SOFKA, 1980a, p. 3) sobre os artigos apresentadas na publicação. Entendemos que essas ações de acompanhamento e avaliação visavam fazer com que as discussões não fossem epistemologicamente infrutíferas, mas servissem para construir um conhecimento suficientemente fundamentado e metodologicamente legitimado para ser considerado como científico.

O método de trabalho utilizado para a produção de MuWoP foi exposto no relatório das atividades do Conselho Editorial do ICOFOM, apresentado na terceira conferência do Comitê, realizada em 1979:

A discussão concernente a um certo tema deve ser iniciada numa edição de MuWoP. Um número de cientistas pesquisadores/profissionais de museu nomeados pelo Conselho Editorial e aprovados pelo Conselho do ICOFOM será solicitado a dar sua opinião sobre o tema em um artigo não maior que oito páginas (doravante intitulado artigo básico). O manuscrito – em inglês ou francês – deve ser entregue ao Conselho Editorial. O Conselho Editorial verifica se os artigos aderem ao escopo e à estrutura temática dada. A publicação será feita em inglês e francês. Através de comentários e pontos de vista sobre os artigos básicos, publicados como indicado acima, e através da edição de artigos enviados por outros autores, espera-se que debates continuados tenham lugar nas edições seguintes de MuWoP. Os mesmos princípios para os artigos básicos são aplicáveis em relação ao escopo e estrutura temática. Quando os debates sobre o primeiro tema estiverem ocorrendo na segunda edição de MuWoP, artigos básicos sobre o próximo tema serão apresentados; o curso das discussões será como descrito acima. Quando debates sobre um certo tema estiverem acabados, o Conselho Editorial ou um grupo especial de trabalho deve, se possível, avaliar os resultados.¹⁰⁶ (SOFKA, 1980b, p. 63).

¹⁰⁵ Tradução livre do original: “empirical follow-up and comprehensive evaluation” (SOFKA, 1980a, p. 3)

¹⁰⁶ Tradução livre do original: “The discussions concerning a certain theme is to be started in an issue of the MuWoP. A number of research scientists/museum officials nominated by the EB and approved by the board of ICOFOM will be asked to give their opinion of the theme in a paper of no more than 8 pages (henceforth called basic paper). The manuscript – in English or French – should be handed in to the EB. The EB sees to it that the papers stick to the scope and the given thematic framework. The publishing will be effected in both English and French. Through comments and views on the basic papers, published as indicated above, and through the issue of papers sent in by other authors, continued discussions are expected to take place in the following issues of the MuWoP. The same

Na rigorosa organização desse fluxo de trabalho podemos perceber o processo metódico pelo qual os artigos deveriam passar antes e depois de serem publicados na revista. Mais uma vez notamos nessa metodologia de trabalho o caráter de plataforma de produção de conhecimento científico que o Conselho Editorial pretendia dar à publicação.

Ainda em seu primeiro número, após o editorial escrito por Sofka, há um interessante texto introdutório à MuWoP escrito por Jan Jelínek, que apresentou suas credenciais como presidente do Comitê Consultivo do ICOM entre 1964 e 1970, e presidente do ICOM de 1971 a 1977. Assim como Sofka já havia expressado em seu editorial, Jelínek também afirmou que os museus e seus profissionais precisavam se desenvolver para atender as necessidades culturais de uma sociedade cujas estruturas políticas e sociais estavam sendo reconfiguradas, e para que isso pudesse acontecer era necessário que a Museologia se estabelecesse como uma atividade profissional específica e uma disciplina científica com lugar nas universidades. Por isso, era preciso que novas publicações aparecessem sob várias formas, desde manuais sobre as necessidades práticas da profissão, até tratados que construíssem a fundamentação teórica da disciplina. Nesse cenário, MuWoP deveria ser “uma revista periódica que serviria como plataforma para a troca de pontos de vista em museologia teórica e para a disseminação de novas ideias”¹⁰⁷ (JELÍNEK, 1980, p. 4).

Antecipando uma possível crítica de que a publicação de MuWoP não seria necessária pois já havia a revista *Museum*, produzida pela UNESCO, Jelínek afirmou que a *Museum* cobria apenas o campo prático da atividade profissional. Por isso, ele considerava que ainda havia a necessidade de uma plataforma profissional especulativa e teórica que estivesse à altura de uma publicação universitária, ou seja, uma revista científica: “O razoável desenvolvimento futuro de nossa profissão não pode ser garantido sem tal plataforma e é para isso que a criação de “*Museological Working Papers*” está direcionada.”¹⁰⁸ (JELÍNEK, 1980, p. 4).

principles as for basic papers are applicable regarding scope and thematic framework. When discussions on the first theme are being held in the second issue of the MuWoP, basic papers on the next theme will be presented; the course of discussion will then be as outlined above. When discussions on a certain theme are over, the EB or a special working group should, if possible, evaluate the results.” (SOFKA, 1980b, p. 63)

¹⁰⁷ Tradução livre do original: “[...] a periodical journal which would serve as a platform for the exchange of views in theoretical museology and for the dissemination of new ideas” (JELÍNEK, 1980, p. 4)

¹⁰⁸ Tradução livre do original: “Further reasonable development of our profession cannot be assured without such a platform and this is what the creation of “*Museological Working Papers*” is aimed at” (JELÍNEK, 1980, p. 4)

Ainda sobre a relação entre a nova publicação e outras já existentes, foi publicado em MuWoP n.1 um excerto das minutas da 47ª Sessão do Conselho Executivo do ICOM, realizada na cidade de Paris em 1980, em que ficou estabelecido que o Conselho iria “estudar a primeira edição desse periódico no México para garantir que não haveria sobreposição entre ela e a revista *Museum*, ou o planejado Tratado de Museologia”¹⁰⁹ (ICOFOM, 1980c, p. 67). Percebe-se, portanto, que à MuWoP era previsto o exercício de uma função comunicacional que ainda não estivesse contemplada por outras publicações já existentes no campo museológico.

Após discorrer sobre as novas demandas sociais, educacionais e tecnológicas que a sociedade impunha aos museus, Jelínek escreveu que não havia dúvidas de que o ramo de atividades profissionais museológicas precisava de uma revista teórica como uma base para a troca de ideias e para entender corretamente as possibilidades e os deveres do futuro desenvolvimento dos serviços oferecidos pelos museus. Ele finalizou seu texto escrevendo que para que aquele projeto pudesse ir adiante, seria necessária uma ampla cooperação. Ainda sem saber, é claro, que a revista teria apenas mais um número além daquele, Jelínek desejou vida longa à MuWoP, que ele considerava como uma “[...] ferramenta útil e indispensável para os profissionais museológicos.”¹¹⁰ (JELÍNEK, 1980, p. 5).

Antes de apresentar os artigos dos autores que responderam à pergunta tema da publicação, sobre a cientificidade da Museologia, o editor Vinos Sofka escreveu uma introdução na qual esclareceu como os autores foram selecionados. Ele explicou que no começo do ano de 1980, cartas foram enviadas para todos os comitês nacionais e internacionais do ICOM, informando sobre o projeto e pedindo apoio. Foi solicitado aos comitês que sugerissem nomes de pessoas “particularmente adequadas para os exercícios intelectuais contemplados”¹¹¹ (SOFKA, 1980c, p. 14). Esse convite foi feito de forma abrangente precisamente porque, conforme declarado nos objetivos de MuWoP, buscava-se uma variedade de opiniões com ampla cobertura geográfica. Sendo assim, para o primeiro número da revista, foram enviadas 176 cartas, mas apenas 15 comitês retornaram a solicitação, ou seja, apenas 8,5%

¹⁰⁹ Tradução livre do original: “Council will study the first issue of this periodical in Mexico to ensure that there will be no overlapping between it and *Museum*, or the planned *Treatise on Museology*.” (ICOFOM, 1980c, p. 67).

¹¹⁰ Tradução livre do original: “[...] to museological professionals their proper useful and indispensable tool.” (JELÍNEK, 1980, p. 5).

¹¹¹ Tradução livre do original: “[...] particularly suitable for the intellectual exercises contemplated.” (SOFKA, 1980c, p. 14).

dos comitês contatados respondeu ao chamado do Conselho Editorial para a indicação de nomes de autores cujos textos pudessem ser publicados no primeiro número de MuWoP. Sofka informou que, ao todo, trinta nomes foram indicados pelos comitês¹¹², e após contatos diretos com as pessoas indicadas, quinze autores efetivamente escreveram textos que foram publicados na primeira MuWoP. No quadro abaixo indicamos o país de origem de cada autor e listamos os seus nomes por ordem alfabética de sobrenome, a mesma ordem na qual eles foram publicados na revista.

Quadro 2 - Nome e procedência dos autores cujos artigos foram publicados na revista MuWoP n. 1

Nome	País
André Desvallées	França
Anna Gregorová	Tchecoslováquia
Bengt Hubendick	Suécia
Louis Lemieux	Canadá
Geoffrey Lewis	Inglaterra
Jirí Neustupný	Tchecoslováquia
Jurij P. Pisculin	Rússia
Daniel R. Porter	Estados Unidos
Barrie G. Reynolds	Austrália
Joseph A. Scala	Estados Unidos
Klaus Schreiner	Alemanha Oriental
Zibney Z. Stránský	Tchecoslováquia
James L. Swauger	Estados Unidos
Soichiro Tsuruta	Japão
Bachir Zouhdi	Síria

Fonte: Autor, 2021.

Após a apresentação dos artigos dos quinze autores selecionados, o editor escreveu um pequeno texto intitulado “Qual a próxima? Instruções do Editor”¹¹³, no qual ele declarou que tornar MuWoP um simpósio internacional permanente no qual pessoas do mundo todo pudessem trocar ideias e experiências não era um sonho ou uma loucura, mas um objetivo que poderia ser alcançado com a colaboração dos profissionais de museu. Sofka (1980d, p. 52) lançou um questionamento direto ao leitor: “Como esse objetivo pode ser atingido? O método é muito simples. Você irá

¹¹² O formulário enviado oferecia espaço para a sugestão de até três nomes por Comitê (ICOFOM, 1980a, p. 65).

¹¹³ Tradução livre do original: “What next? Directions from the Editor” (SOFKA, 1980d, p. 52).

segui-lo?”¹¹⁴ Ele informou que cada número de MuWoP traria um novo tópico previamente decidido e sobre o qual escreveriam os autores indicados pelos comitês nacionais e internacionais do ICOM.

O editor esclareceu ainda que, além dos artigos que tratariam sobre o próximo tema, a edição subsequente traria também críticas e comentários sobre os artigos publicados no número anterior. Ele pediu que os artigos fossem enviados em uma das duas línguas oficiais do ICOM à época¹¹⁵, inglês ou francês, e que não fossem maiores do que oito páginas. Por falta de recursos financeiros, Sofka informou que os autores não poderiam ser remunerados e nem mesmo os eventuais custos de tradução com os quais eles arcassem poderiam ser ressarcidos. A única recompensa material para os autores consistiria no recebimento de duas cópias da revista.

Apesar dessas dificuldades, Sofka prometeu publicar todos os “artigos sérios” (SOFKA, 1980d, p. 52), e sugeriu que mesmo os autores que já tivessem seus artigos publicados no primeiro número, escrevessem novamente para defender os seus argumentos. A ideia de Sofka era que, após o assunto ter sido relativamente esgotado, fossem feitos uma avaliação e um resumo de cada tema, extraindo conclusões a partir dos debates. Entendemos que através desse processo havia a intenção de fazer de MuWoP uma verdadeira instância de produção de conhecimento museológico científico através de um processo semelhante à revisão por pares, e a busca de uma consolidação do conhecimento por meio da avaliação crítica do que foi produzido e publicado na revista. Ou seja, tratava-se da construção de um conhecimento elaborado com o uso de métodos que poderiam qualificá-lo como científico. Para o editor, esse conhecimento deveria ser elaborado de forma metódica: “passo a passo, tema a tema”¹¹⁶ (SOFKA, 1980d, p. 52), e sendo os problemas museológicos tão numerosos, ele acreditava que não haveria risco de que MuWoP ficasse sem trabalho.

Ao final dessa seção, o editor declarou que a intenção de MuWoP não era apenas publicar uma série de artigos, como qualquer revista poderia fazer, mas discutir os problemas em comum, sem obstáculos ou limitações, e para esse fim, após anunciar o prazo final para o envio dos artigos, ele convocou enfaticamente os leitores

¹¹⁴ Tradução livre do original: “How can this aim be reached? The method is very simple. Will you follow it?” (SOFKA, 1980d, p. 52).

¹¹⁵ O idioma espanhol foi incorporado como língua oficial de trabalho do ICOM em 1989.

¹¹⁶ Tradução livre do original: “step by step, theme by theme” (SOFKA, 1980d, p. 52).

a colaborarem com a revista e enviar os seus escritos: “Venha e junte-se à luta! Escreva agora!”¹¹⁷ (SOFKA, 1980d, p. 52).

A expectativa de continuidade da revista fica evidente no relatório das atividades do Conselho Editorial apresentado em 1979, e no qual foram antecipadamente previstos os temas para os quatro primeiros números da revista, a saber:

1 – Museologia – ciência ou apenas trabalho prático de museu? 2 – Ciência multidisciplinar na museologia. Pesquisa museológica básica e ciência aplicada. 3 – Objeto e método na pesquisa museológica. 4 – É possível ou desejável guiar as funções dos museus através da museologia?¹¹⁸ (SOFKA, 1980b, p. 63).

A escolha desses temas revela uma intenção de estimular o debate sobre uma Museologia teórica baseada em pesquisas científicas, de acordo com os objetivos propostos para a revista, cuja “forma escolhida, sendo tipograficamente plana e, portanto, pouco dispendiosa, facilita a rápida publicação e efetiva distribuição”¹¹⁹ (SOFKA, 1980b, p. 64).

A última seção do primeiro número de MuWoP é intitulada “Fatos e documentos”, na qual seriam “arquivados” os documentos importantes relacionados à existência da própria revista. Na introdução dessa seção não assinada, afirma-se que os debates em MuWoP não deveriam ser impessoais, e que uma ativa cooperação internacional seria mais produtiva se os interlocutores se conhecessem melhor. Isso justificativa a publicação dos currículos dos autores e de seus retratos fotográficos junto aos seus artigos. Neste ponto podemos perceber como, mesmo com uma “forma tipograficamente plana”, o editor foi capaz de fazer escolhas que moldaram a forma como a revista seria percebida pelos seus leitores.

Ao observar a capa do segundo número da revista, notamos novamente que ela aparece como indicativa do protocolo de leitura formatado pelo editor. Na capa da segunda edição, vemos novamente um profissional de museu, mas dessa vez com a

¹¹⁷ Tradução livre do original: “Come and join the fight! Write now!” (SOFKA, 1980d, p. 52)

¹¹⁸ Tradução livre do original: “1. Museology – science or just practical museum work? 2. Multidisciplinary science in museology. Basic museological research and applied Science. 3. Object and method in museological research. 4. Is it possible or desirable to guide the functions of the museum through museology?” (SOFKA, 1980b, p. 63)

¹¹⁹ Tradução livre do original: “The form chosen, being typographically plain and thus inexpensive, facilitates rapid publication and effective distribution.” (SOFKA, 1980b, p. 64)

parte superior do crânio presente, e oito braços, cada um deles engajado em um tipo de atividade relacionada ao museu. Uma das mãos segura um fantoche que tenta, aparentemente sem sucesso, a julgar pela expressão facial da criança, entretê-la. Os outros braços seguram um computador, um gráfico de linhas, um pôster, uma filmadora, enquanto outro folheia publicações. Sobre a bancada vemos instrumentos de laboratório e novamente a figura esfíngica que aparecia no busto carregado pelo profissional de museu na capa da primeira edição, talvez indicando que o enigma museológico ainda estava para ser desvendado.

Figura 3 - Capa da revista *Museological Working Papers* n. 2



Fonte: ICOFOM (1981)

A contracapa mantém a informação sobre a subvenção do governo da Suécia, mas a Fundação Sven e Dagmar Salén não mais aparece como apoiadora da publicação, que agora anuncia o ICOM nessa posição. Além disso, outra mudança

nas informações oferecidas pela contracapa em relação à primeira edição foi a alteração do Conselho Editorial do ICOFOM¹²⁰, agora composto por Jan Jelínek, da Checoslováquia; Gérard Turpin, da França; e o único remanescente do Conselho anterior, Vinos Sofka, editor da publicação e designado como “presidente”¹²¹ do Conselho Editorial do ICOFOM na contracapa do segundo número da revista.

O primeiro texto que encontramos na segunda MuWoP, ainda antes do editorial, foi escrito por Roland Pålsson e Olov Isaksson, respectivamente Diretor Geral do Conselho Central das Antiguidades Nacionais da Suécia e Diretor do Museu de Antiguidades Nacionais em Estocolmo. Seu título expressava um pedido para que a revista não cessasse: “Prossiga, MuWoP!”¹²² (ISAKSSON; PÅLSSON, 1981, p. 3). Considerando o caráter revelador que esse texto apresenta sobre a situação da revista, escolhemos citá-lo na íntegra:

Esta é a segunda edição de *MuWoP – Museological Working Papers*, uma revista que fornece o fórum necessário que até então estava faltando para um intercâmbio internacional de ideias concernentes à problemas de teoria e método no setor dos museus. A revista foi publicada pelo Comitê Internacional para a Museologia do ICOM em associação com o Museu de Antiguidades Nacionais em Estocolmo. O Museu de Antiguidades Nacionais, principalmente através da agência de V. Sofka assumiu responsabilidade pelo trabalho editorial da revista. O Museu também contribuiu substancialmente para o custo de publicar a edição introdutória, que foi financiada por subvenções *ad hoc* do governo sueco, assim como de várias fundações suecas. Com a publicação dessa edição, no entanto, o Museu de Antiguidades Nacionais deve renunciar a toda responsabilidade financeira pela publicação de MuWoP. Outras agências de financiamento terão agora que assumir. Recursos devem ser assegurados para a publicação continuada. A revista tem um papel muito importante a desempenhar em relação à cooperação internacional dos museus para que um fim seja aceitável. Sua sobrevivência está nas suas mãos, o leitor. Você pode mantê-la viva assinando-a e empenhando-se, em seu próprio museu e país, a conseguir os recursos financeiros que a publicação requer. Esse será um teste da lealdade e interesse dos museus e dos profissionais de museu. O futuro de MuWoP estará nas mãos dos trabalhadores de museu. Vamos ser otimistas o suficiente para acreditar que a boa iniciativa que a produziu não foi em vão e que ela consiga sobreviver e se desenvolver. Se isso se provar possível, o Museu de Antiguidades Nacionais está preparado para assumir o trabalho editorial por alguns anos vindouros.¹²³ (ISAKSSON; PÅLSSON, 1981, p. 3)

¹²⁰ O Conselho Editorial do ICOFOM consistia numa equipe de três a cinco membros eleitos por um período de 3 anos. (ICOFOM, 1980a, p. 63).

¹²¹ Tradução livre do original: “Chairman” (ICOFOM, 1981a, contracapa).

¹²² Tradução livre do original: “Carry on, MuWoP!”. (ISAKSSON; PÅLSSON, 1981, p. 3).

¹²³ Tradução livre do original: “This is the second issue of *MuWoP – Museological Working Papers*, a journal providing the necessary forum which has hitherto been lacking for an international exchange of ideas concerning problems of theory and method in the museum sector. The journal has been published by the ICOM International Committee for Museology in association with Statens storiska museum – the Museum of National Antiquities, Stockholm. The Museum of National Antiquities, principally through the

Em primeiro lugar, fica explícita a ponte que a “agência de V. Sofka” construiu entre o ICOFOM e o Museu de Antiguidades Nacionais de Estocolmo com o objetivo de materializar a publicação da revista. Através da agência de Sofka, ou seja, através de sua ação como agente no campo museológico, ele foi capaz de ser um elo de ligação entre duas instituições do campo, o ICOFOM e o Museu de Antiguidades Nacionais de Estocolmo, para realizar o projeto de produzir uma publicação que teria um efeito que retroagiria sobre esse mesmo campo sobre o qual ela se construía. Sofka escreveu sobre essa relação:

Desde 1978 eu havia estado ativo no ICOM e no ICOFOM. Graças ao generoso apoio de meu museu, e especialmente de sua diretora, que agora entendia o que a museologia significava e para que ela servia, eu pude estabelecer uma colaboração entre aquele Comitê e o museu, com benefícios mútuos, especialmente para a Museologia.¹²⁴ (SOFKA, 1995, p. 9).

Apesar disso, a agência de Vinos Sofka não foi capaz de garantir que o Museu de Antiguidades Nacionais, onde ele trabalhava, mantivesse o apoio financeiro necessário para a continuidade da revista. Em termos de uma sociologia do campo científico de Bourdieu, podemos entender que a operação de tentativa de conversão de capital científico em capital financeiro que Sofka pôde fazer naquele momento não foi suficiente para assegurar a continuidade da publicação de MuWoP. Essa importância da agência individual na gestão dos Comitês do ICOM foi reconhecida e exposta pelo próprio Vinos Sofka:

agency of V. Sofka, has assumed responsibility for editorial work on the journal. The Museum has also substantially contributed towards the cost of publishing the introductory issue, which was financed by ad hoc grants from the Swedish Government and various Swedish foundations as well. With the publication of this issue, however, the Museum of National Antiquities must relinquish all financial responsibility for the publication of MuWoP. Other financing agencies will now have to take over. Resources must be secured for continued publication. The journal has too important a part to play in connection with international museum co-operation for a closure to be acceptable. Its survival is in the hands of you, the reader. You can keep it alive by subscribing to it and endeavoring, within your own museum and country, to procure the financial resources which publication requires. This will be a test of the loyalty and interest of museum and the museum profession. MuWoP's future is in the hands of the museum workers. Let us be optimistic enough to believe that the good initiative producing it was not in vain and that it will be able to survive and develop. If this proves possible, the Museum of National Antiquities is prepared to take charge of editorial work for some years ahead. (ISAKSSON; PÄLSSON, 1981, p. 3)

¹²⁴ Tradução livre do original: “Since 1978, I had been active in ICOM, and its International Committee for Museology. Thanks to the generous support of my museum, and specially its Director, who now understood what museology meant and what it was good for, I could establish collaboration between this Committee and the museum, with mutual benefits, specially for museology.” (SOFKA, 1995, p. 9)

Um comitê internacional do ICOM depende de como seu presidente “pode administrá-lo” através de sua própria instituição ou país. Isso é algo geralmente conhecido e *in silentio* reconhecido como um problema insolúvel.¹²⁵ (SOFKA, 1995, p. 31, grifos do autor).

Nesse contexto, entendemos que Sofka, na condição de presidente do Conselho Editorial do ICOFOM na época da publicação da revista MuWoP, teve que administrar algumas tarefas do Comitê através de sua própria instituição e país, como uma forma de viabilizar a realização dos projetos editoriais do Comitê, apesar da falta de recursos materiais do próprio ICOFOM, registrada por Sofka (1995, p. 31): “Nós não tínhamos [...] instalações, equipamento ou material... e nenhum dinheiro, com pouquíssima subvenção do ICOM para nos mantermos.”¹²⁶

Apesar dessas dificuldades, o editorial do segundo número de MuWoP inicia com a citação de um dos 57 pontos do programa trienal de atividades planejadas do ICOM que havia sido aprovado em sua 13ª Conferência Geral realizada no México em 1980 e que trazia esperanças de continuidade para a publicação: “*Museological Working Papers* (MuWoP) continuará a aparecer como um fórum para discussões nos níveis teórico e metodológico sob editoração do ICOFOM.”¹²⁷ (ICOM apud SOFKA, 1981a, p. 4).

O segundo número da revista foi, de certa forma, apresentado como se fosse o lançamento oficial da publicação, pois o primeiro número havia sido um protótipo a ser aprovado na Conferência Geral do ICOM. Uma vez que o projeto de MuWoP havia sido “delineado, evoluído, testado e aprovado”¹²⁸ (SOFKA, 1981a, p. 4) e tendo sua continuidade de publicação incluída como um dos pontos do programa trienal do ICOM para o período de 1981-1983, o editor declarou na segunda edição: “Este é o anúncio oficial de uma nova revista internacional sobre e para os museus, e a serviço dos profissionais de museu.”¹²⁹ (SOFKA, 1981a, p. 4). Sendo assim, Sofka considerou

¹²⁵ Tradução livre do original: “An international committee of ICOM depends on how its Chair ‘can manage it’ through its own institution or country. This is something which is generally known and *in silentio* recognized as unsolvable problem.” (SOFKA, 1995, p. 31).

¹²⁶ Tradução livre do original: “We had no [...] facilities, equipment or material... and no money, with very little subvention from ICOM to live on.” (SOFKA, 1995, p. 31).

¹²⁷ Tradução livre do original: “The *Museological Working Papers* (MuWoP) will continue to appear as a forum for discussion at the theoretical and methodological level, under the editorship of the International Committee for Museology (ICOFOM)” (ICOM apud SOFKA, 1981a, p. 4).

¹²⁸ Tradução livre do original: “[...] outlined, evolved, tested and approved.” (SOFKA, 1981a, p. 4).

¹²⁹ Tradução livre do original: “This is the official announcement of a new international journal about and for museums, and in the service of the museum profession.” (SOFKA, 1981a, p. 4).

que todo o trabalho duro necessário para produzir a MuWoP não havia sido em vão, e todos que participaram desse processo poderiam ficar satisfeitos com o resultado.

Demonstrando certo entusiasmo pelo que havia sido feito até aquele momento e também pelo futuro da publicação, o editor escreveu que a tarefa que havia sido estabelecida em 1978 pelo ICOFOM e que consistia em “[...] elaborar a estrutura de um programa para artigos de trabalho sobre problemas museológicos fundamentais, concentrá-los e publicá-los [...]”¹³⁰ (SOFKA, 1981a, p. 4) havia sido realizada com sucesso. A expectativa de continuidade da publicação ficou evidente quando o editor informou que seu plano de editoração já havia sido planejado para os próximos anos, incluindo os temas que deveriam ser abordados. A responsabilidade pessoal de Sofka no trabalho de editoração da revista ficou clara quando ele mesmo escreveu que

[...] a responsabilidade pela nova revista está investida no ICOFOM. A decisão do Comitê em delegá-la passou essa responsabilidade para o Conselho Editorial de MuWoP que, sob as presentes condições de trabalho, consiste em seu editor.”¹³¹ (SOFKA, 1981a, p. 4)

O editor anunciou que, em seu segundo número, MuWoP trazia sete artigos que davam prosseguimento ao tema do primeiro número, e dezesseis artigos que abordavam o tema do segundo número: interdisciplinaridade em Museologia. Além disso, uma nova seção estava sendo inaugurada, intitulada “Destaque de notícias”¹³² (SOFKA, 1981a, p. 4), que deveria servir para trazer informações atualizadas sobre publicações, simpósios e conferências do setor museológico, além de notícias sobre desenvolvimentos de outros ramos das ciências que tivessem importância atual ou potencial para as atividades dos museus. Outra novidade foi a seção “Contatos - Opiniões - Confrontações”¹³³ (SOFKA, 1981a, p. 4), destinada a ser um espaço para críticas e trocas de ideias sobre a própria revista, e que o editor considerava essencial para que MuWoP pudesse se desenvolver.

Para os próximos números da revista, o editor afirmou que gostaria de expandir a base de cooperação, incluindo pessoas e instituições não apenas dentro da

¹³⁰ Tradução livre do original: “[...] working out a skeleton programme for working papers on fundamental museological problems, concentrating such papers and publishing them [...]” (SOFKA, 1981a, p. 4).

¹³¹ Tradução livre do original: “[...] responsibility for the new journal is vested in ICOFOM. The Committee’s decision to delegate has passed this responsibility on to MuWoP’s Editorial Board, which under present working conditions means your editor” (SOFKA, 1981a, p. 4).

¹³² Tradução livre do original: “News Spotlight” (SOFKA, 1981a, p. 4).

¹³³ Tradução livre do original: “Contacts – Opinions – Confrontations” (SOFKA, 1981a, p. 4).

estrutura do ICOM, mas também fora dela. Para Sofka, a revista não deveria somente apresentar opiniões, mas confrontá-las e até mesmo contradizê-las, quando isso fosse adequado. Neste ponto identificamos novamente a ideia de fazer de MuWoP um empreendimento epistemológico na busca pela construção de um conhecimento museológico científico através do método dialético de análise e confrontação de ideias.

Sofka expôs seu anseio de incluir uma maior diversidade nacional entre os autores publicados: “Ainda estamos procurando por participantes africanos, e gostaríamos de ver mais da Ásia, Austrália e América Latina.”¹³⁴ (SOFKA, 1981a, p. 4). Essa diversidade deveria contemplar também profissionais de outras áreas, como a Filosofia, Psicologia, Sociologia, Pedagogia e a Teoria da Ciência, promovendo uma interdisciplinaridade que beneficiaria os profissionais de museu ao confrontá-los com novas formas de pensar.

Mediante a realização de seus objetivos, MuWoP deveria ser também capaz de servir ao desenvolvimento e refinamento de uma terminologia museológica. Essa era uma tarefa fundamental para o estabelecimento da Museologia como uma disciplina científica, dado que o desenvolvimento de uma terminologia específica costuma ser um elemento fundamental nas ciências, com o fim de evitar ambiguidades e confusões na comunicação entre os pesquisadores dos mais diversos países e idiomas.

Nota-se duas dimensões simultâneas da terminologia. Enquanto linguagem em uso, instituída, mas que vai se formando e sendo empregada particularmente em grupos de especialidade. Nasce no seio desses grupos e está em atividade nesses mesmos grupos. Enquanto forma fixada (também linguagem), impressa, será usada como instrumento classificador de uma área de especialidade podendo nortear produções (orais e escritas) dessa mesma área, sujeita a alterações. (CERAVOLO, 2004, p. 40).

Nesse sentido, entendemos que o ICOFOM teve, entre outras funções, a de ser um grupo de especialidade no qual a terminologia museológica pôde se desenvolver, e suas publicações foram um meio de fixação dessa linguagem que serviria como referência para nortear diversas produções do campo.

¹³⁴ Tradução livre do original: “We are still looking for African participants, and we would like to see more from Asia, Australia and Latin America.” (SOFKA, 1981a, p. 4)

Apesar de todo o planejamento para os próximos números da revista, Sofka sabia que o futuro da publicação era incerto, ainda que sua continuidade tivesse sido incluída no programa trienal do ICOM, pois essa formalização, por si só, não garantia à revista o essencial apoio financeiro que ela precisava para se manter. O editor informou que foi precisamente por um problema de financiamento que o segundo número da revista foi publicado com atraso. Ainda assim, o atraso era apenas um mal menor quando comparado com a dramática perspectiva de descontinuidade da revista: “[...] se o dinheiro para as traduções e verificação de linguagem, composição, impressão e distribuição não mais vier, não haverá mais MuWoP!”¹³⁵ (SOFKA, 1981a, p. 5).

Diante desse problema, a solução proposta pelo editor seria que os museus e seus profissionais, além de bibliotecas e universidades, se tornassem assinantes da revista. Sofka previa que 2.500 assinaturas ao preço de dez dólares por ano seriam necessárias para cobrir os custos da publicação anual. Outra solução seria encontrar alguma fundação financiadora que arcasse total ou parcialmente com os custos. A terceira alternativa proposta seria encontrar uma editora que se encarregasse da parte técnica da publicação da revista em colaboração com o ICOFOM. Para a realização dessas propostas necessárias para a continuidade da revista, o editor solicitou a colaboração dos leitores, pois ele entendia que, diante daquela situação, o futuro de MuWoP estava nas mãos dos profissionais de museu.

Em relação aos artigos que tratavam diretamente da Museologia, o segundo número de MuWoP trouxe quinze contribuições de autores sobre o tema da interdisciplinaridade, além de seis artigos que davam prosseguimento ao tema da primeira revista, conforme apresentado nos quadros a seguir:

Quadro 3 - Nome e procedência dos autores que publicaram artigos na MuWoP n. 2 sobre o tema da *MuWoP* n.1

Nome	País
Josef Benes	Tchecoslováquia
Ilse Jahn	Alemanha Oriental
Flora S. Kaplan	Estados Unidos
Judith K. Spielbauer	Estados Unidos

¹³⁵ Tradução livre do original “[...] if the money for translations and language checking, typesetting, printing and distribution is not forthcoming, there will be no more MuWoP!” (SOFKA, 1981a, p. 5)

Zibney Z. Stránský	Tchecoslováquia
Jerzy Swiecimski	Polônia

Fonte: Autor, 2021.

Quadro 4 - Nome e procedência dos autores que publicaram artigos na MuWoP n. 2 sobre o tema da interdisciplinaridade

Nome	País
G. Elis Burcaw	Estados Unidos
Michaela Dub	Israel
Anna Gregorová	Tchecoslováquia
Ilse Jahn	Alemanha Oriental
Flora S. Kaplan	Estados Unidos
Louis Lemieux	Canadá
SERRA, Domènec; ROMEU, Eulàlia	Espanha
Jirí Neustupný	Tchecoslováquia
Robert W. Ott	Estados Unidos
Awraam Razgon	Rússia
Georges Henri Rivière	França
Waldisa Rússio	Brasil
Klaus Schreiner	Alemanha Oriental
Tibor Sekelj	Iugoslávia
Jery Swiecimski	Polônia

Fonte: Autor, 2021.

Após esses artigos, foi apresentada uma nova seção intitulada “Destaque de notícias. Novidades museológicas”¹³⁶ (ICOFOM, 1981a, p. 65) na qual foram listadas sete publicações, e dezoito simpósios, conferência ou encontros, divididos entre aqueles organizados pelo Comitês do ICOM ou organizações afiliadas e aqueles realizados por outras associações ou instituições relacionadas aos museus. Além disso, numa nova seção chamada “Novidades da pesquisa e da tecnologia”¹³⁷ (ICOFOM, 1981a, p. 65), o editor apresentou a tecnologia da “cópia estéreo”¹³⁸ que, ao produzir cópias de papel com relevo táctil, poderia ser usada pelos museus em suas estratégias de inclusão do público deficiente visual.

¹³⁶ Tradução livre do original: “News Spotlight. Museological News”. (ICOFOM, 1981a, p. 65).

¹³⁷ Tradução livre do original: “Research and technology news”. (ICOFOM, 1981a, p. 65).

¹³⁸ Tradução livre do original: “Stereo copying”.

Em outra nova seção, intitulada “Contatos - Opiniões - Confrontações”¹³⁹ (ICOFOM, 1981a, p. 83), G. Ellis Burcaw¹⁴⁰, professor de Museologia e Antropologia na Universidade de Idaho e diretor do museu da mesma universidade, escreveu alguns comentários críticos sobre o primeiro número da revista. Inicialmente, ele afirmou que escrevia seus comentários em resposta a um “amável convite pessoal”¹⁴¹ (BURCAW, 1981, p. 83) do editor, e concordava com Jan Jelínek sobre *MuWoP* ser uma revista com uma importante missão, considerando que não havia outra revista internacional dedicada à teoria museológica. A partir daí se iniciou uma série de críticas, a começar pelo acrônimo da revista, que soaria “feio e cômico”¹⁴² em inglês. Além do acrônimo, Burcaw considerava que o nome da revista também era revelador, uma vez que ele a via como sendo, de certa forma, uma descendente da revista tcheca “*Museological Papers (Muzeologické sesity*¹⁴³)” que, sob a forma de *MuWoP*, buscava uma audiência internacional mais ampla, embora ainda partisse de uma base teórica restrita ao leste europeu. Burcaw, norte-americano, afirmou que o ICOFOM era principalmente composto por membros da Europa Central e Oriental que subscreviam a posição filosófica representada e promovida pela revista tcheca que teria inspirado o nome *MuWoP*. Burcaw localizava a origem dessa tendência museológica no Museu da Morávia e no curso de Museologia da Universidade J. E. Purkyne da cidade de Brno, na Tchecoslováquia.

Após ter apontado essa suposta predileção de *MuWoP* pela escola museológica de Brno, Burcaw estendeu suas críticas ao editor quando afirmou que, no primeiro número da revista, Sofka expôs de forma inequívoca a sua própria posição ao escrever que a Museologia era uma disciplina científica independente. De acordo com o autor, isso significava que a revista poderia ter começado com um “preconceito editorial”¹⁴⁴ (BURCAW, 1981, p. 83).

Para Burcaw, o mais significativo aspecto da primeira *MuWoP* era a polarização das opiniões entre os autores de países socialistas do leste europeu e os autores dos

¹³⁹ Tradução livre do original: “Contacts/Opinions/Confrontations”. (ICOFOM, 1981a, p. 83).

¹⁴⁰ Museólogo nascido em 1921 nos Estados Unidos, foi diretor do Museu da Universidade de Idaho e professor de Museologia e de Antropologia na mesma universidade. Em 1975 ele publicou o livro “*Introduction to Museum Work*”.

¹⁴¹ Tradução livre do original: “kind personal invitation” (BURCAW, 1981, p. 83).

¹⁴² Tradução livre do original: “ugly and comical” (BURCAW, 1981, p. 83).

¹⁴³ Trata-se de uma revista que foi publicada entre 1969 e 1986 pelo Museu da Morávia e a Universidade de Brno. Embora essa revista pudesse apresentar, eventualmente, alguns textos em inglês, sua língua principal era o tcheco, e ela não era muito difundida na Europa ocidental.

¹⁴⁴ Tradução livre do original: “editorial bias” (BURCAW, 1981, p. 83).

países ocidentais. Em sua leitura, pareceu-lhe que os autores do primeiro grupo estavam bastante confortáveis com o tema, enquanto os ocidentais evitavam a questão ou a respondiam de forma superficial, provavelmente sem entender a terminologia utilizada pelos autores influenciados pela escola museológica de Brno. Ele cita alguns desses termos que não seriam comuns no ocidente, como “*museality, museistics, musealium, thesaurus*” (BURCAW, 1981, p. 84). Do ponto de vista de Burcaw, essas diferenças terminológicas seriam uma consequência do fato de que a Museologia do leste europeu se baseava mais sobre a filosofia do que sobre o pragmatismo. O estadunidense salientou que o Conselho Editorial responsável pela MuWoP n. 1 havia sido composto por três alemães, dois tchecos¹⁴⁵, e um cidadão da União Soviética, deixando “vastas regiões, populações, nações e culturas não representadas.”¹⁴⁶ (BURCAW, 1981, p. 84).

Apesar de admitir que já havia sido favorável à extinção do ICOFOM, Burcaw (1981) afirmou que os profissionais de museu precisavam do pensamento avançado e exploratório desse Comitê, de modo que Sofka e o ICOFOM haviam feito um grande serviço e mereciam apoio. Contudo, ele sugeria que fosse feito um esforço para interpretar os assuntos teóricos em termos que fossem compreensíveis para uma audiência mundialmente abrangente, ampliando o escopo dos interesses e da abordagem utilizada.

Nas páginas seguintes, o editor respondeu às críticas de Burcaw, inicialmente agradecendo pela aceitação do convite para que ele as fizesse, e confessando ter ficado ligeiramente chocado ao ler os comentários pela primeira vez. Sobre o suposto enviesamento teórico da revista, Sofka (1981b) afirmou a abertura e independência de MuWoP quando escreveu que todas as decisões referentes à revista e seu Conselho Editorial representavam a livre expressão da vontade daqueles que participaram dos encontros do ICOFOM, incluindo a eleição do Conselho Editorial. O editor reconheceu que deveria haver uma maior representatividade nacional no ICOFOM, mas isso só poderia acontecer com o crescimento da base de membros do Comitê. Sofka foi claro ao afirmar que não havia qualquer tipo de preconceito editorial na seleção dos autores que seriam publicados na revista: “MuWoP está aberta para

¹⁴⁵ Na verdade, conforme indica a contracapa de MuWoP n.1, havia apenas um tcheco no Conselho Editorial: Vinos Sofka, e que era, na verdade, um refugiado tcheco com cidadania sueca.

¹⁴⁶ Tradução livre do original: “Vast regions, populations, nations and culture are not represented.” (BURCAW, 1981, p. 84).

todos e, portanto, publica todas as contribuições recebidas sem restrição [...] qualquer um que escreva para MuWoP será publicado.”¹⁴⁷ (SOFKA, 1981b, p. 86). Por fim, o editor negou que MuWoP fosse uma simples descendente da revista tcheca de nome semelhante, e finalizou agradecendo a Burcaw, considerando que seus comentários e objeções seriam uma influência salutar para o futuro trabalho da revista.

Depois disso houve a recorrência da seção “E agora? Instruções do editor”¹⁴⁸ (SOFKA, 1981c, p. 87), que já havia aparecido no primeiro número. Dessa vez, o editor informou sobre as várias maneiras pelas quais os leitores poderiam contribuir para a revista ao escrever sobre os temas propostos, resenhas de publicações, relatórios sobre conferências e simpósios, relatos sobre novas descobertas tecnológicas que pudessem ter influência sobre os museus, além de ideias e sugestões para a própria revista. O editor comunicou que mesmo sem escrever nada disso, ainda seria possível contribuir ao testar as teorias no trabalho e discuti-las com os colegas; sondar possíveis contribuidores ou financiadores; conseguir assinantes para a revista; informar as pessoas sobre a revista nos museus, bibliotecas, instituições que dão treinamento profissional para trabalho em museu e outras instituições; e também garantindo que MuWoP estivesse disponível em seu museu, biblioteca ou universidade. O editor concluiu com um apelo enfático: “Há muitas formas pelas quais você pode ajudar. Você apenas tem de escolher!”¹⁴⁹ (SOFKA, 1981c, p. 88). Por fim, talvez motivado pela provocação crítica de Burcaw, Sofka fez um convite para que os leitores sugerissem novos nomes para a publicação.

A última seção da revista, chamada “Fatos e documentos”¹⁵⁰ (ICOFOM, 1981a, p. 90), continha uma ficha técnica da publicação que incluía o endereço de contato de todos os autores publicados, além da “Crônica MuWoP”¹⁵¹, que já havia aparecido na primeira edição e que no segundo número trouxe três documentos relacionados à revista: Material para o encontro do Comitê Consultivo do ICOM e do Conselho Executivo, relatório sobre as atividades do Conselho Editorial do ICOFOM, e Carta para os presidentes e secretários de todos os Comitês Nacionais e Internacionais do

¹⁴⁷ Tradução livre do original: “MuWoP is open to everybody and therefore publishes all incoming contributions without restriction [...] anybody writing for MuWoP will be published. (SOFKA, 1981b, p. 86).

¹⁴⁸ Tradução livre do original: “What next? Directions from the Editor” (SOFKA, 1981c, p. 87).

¹⁴⁹ Tradução livre do original: “There are so many ways you can help. You only have to choose!” (SOFKA, 1981c, p. 88).

¹⁵⁰ Tradução livre do original: “Facts and documents”. (ICOFOM, 1981a, p. 90).

¹⁵¹ Tradução livre do original: “MuWoP Chronicle.” (ICOFOM, 1981a, p. 91).

ICOM. O primeiro desses documentos consistia no material sobre a revista que foi apresentado na Conferência Geral do ICOM de 1980 e na qual o protótipo de MuWoP foi aprovado. O segundo expunha as atividades do Conselho Editorial entre outubro de 1979 e outubro de 1980. O terceiro era uma cópia das cartas que foram enviadas aos Comitês do ICOM, solicitando que fossem sugeridos nomes de autores que pudessem escrever artigos sobre o tema da revista. Percebe-se, na publicação desses documentos em uma seção específica da revista, além de um esforço de transparência sobre a gestão editorial, um desejo de registrar publicamente e conservar a memória dos atos a ela relacionados. Essa escolha feita pelo editor, que se assemelha a uma forma de arquivamento de documentos através de sua inclusão como anexo de uma publicação relacionada, se repetiu no boletim informativo *Museological News*, conforme veremos no próximo capítulo.

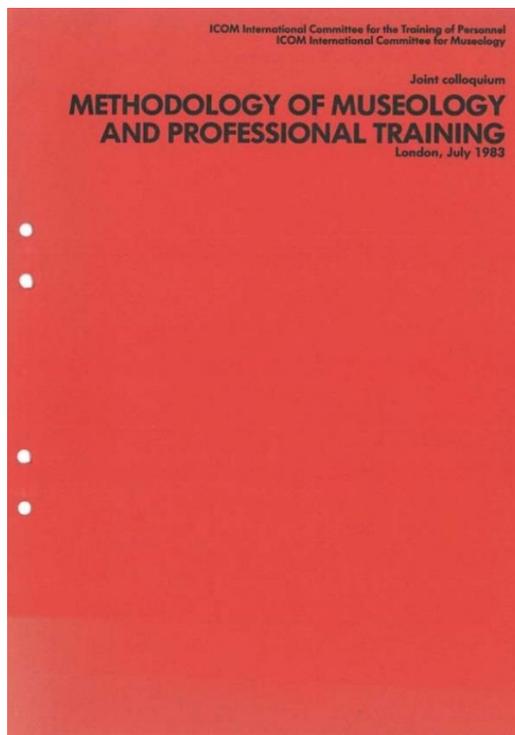
Sendo assim, em relação à revista MuWoP, a entendemos como uma publicação que foi concebida para cumprir um papel que era considerado, pelo ICOFOM, como ainda inexistente no campo museológico de sua época. Essa função consistia em ser uma publicação que servisse como um fórum permanente e dinâmico para o intercâmbio de ideias museológicas em um âmbito internacional e de alto nível, funcionando como uma plataforma de construção de um conhecimento museológico que pudesse ser qualificado como científico. Em relação à sua posição na espiral da cultura científica (VOGT, 2003), a localizamos no primeiro quadrante, ou seja, a desempenhar aquela função fundamentalmente primária de produção e difusão da ciência, que inclui as publicações feitas por cientistas e direcionada para outros cientista da mesma área. Além disso, percebemos na revista o investimento de capital científico proveniente de seu editor, Vinos Sofka, que como um agente específico do campo museológico, foi capaz de imprimir à revista o formato e o método de trabalho que ele considerava o mais adequado para que a revista¹⁵² pudesse cumprir seus objetivos epistemológicos no campo científico da Museologia.

¹⁵² Sobre a revista MuWoP, uma importante contribuição foi dada pela tese de Luciana Menezes de Carvalho (CARVALHO, 2017), na qual a autora dedicou um subcapítulo para essa publicação.

3.2 *ICOFOM Study Series (ISS)*

A *ICOFOM Study Series (ISS)* é uma publicação periódica ainda em atividade¹⁵³, e cuja primeira edição foi lançada em julho de 1983, por ocasião de um colóquio realizado em conjunto entre o ICOFOM e outro comitê do ICOM, o Comitê Internacional para o Treinamento de Pessoal¹⁵⁴ (ICTOP). Logo no sumário do primeiro número dessa revista, notamos o protagonismo de Vinos Sofka pela responsabilidade de sua produção: “Essa edição foi preparada pelo presidente interino do ICOFOM com a assistência do Museu de Antiguidades Nacionais em Estocolmo”¹⁵⁵ (ICOFOM, 1983, p. 1).

Figura 4 - Capa da primeira edição da revista *ICOFOM Study Series (ISS)*



Fonte: ICOFOM, 1983

Desde seu início, as edições de ISS funcionam de modo integrado aos simpósios do ICOFOM. Para a década de 1980, verificamos que, antes do evento, a ISS servia para reunir e distribuir, entre todos os participantes do simpósio, os artigos

¹⁵³ Até o término desta dissertação, a mais recente edição havia sido o n. 49-2, de 2021, que trouxe o seguinte tema: “A decolonização da Museologia: museus, misturas e mitos de origem” (Tradução livre do original: “The Decolonisation of Museology: Museums, mixing, and myths of origin”). Disponível em: <https://journals.openedition.org/iss/>. Acesso em 29 out. 2022.

¹⁵⁴ International Committee for the Training of Personnel (ICTOP).

¹⁵⁵ Tradução livre do original: “This issue has been prepared by the Interim Chairman of ICOFOM with the assistance of the Museum of National Antiquities in Stockholm”. (ICOFOM, 1983, p.1).

escritos por cada um deles, de modo a facilitar o diálogo entre os autores, cujas ideias deveriam ser idealmente desenvolvidas em um esforço coletivo de produção de recíprocos comentários críticos e avaliativos.

Após o simpósio, a ISS acabava servindo como um repositório de referência para os textos apresentados pelos participantes em cada evento sobre os diversos temas, funcionando, com o passar do tempo, como um registro histórico do desenvolvimento da Museologia através dos eventos científicos promovidos pelo ICOFOM. Os artigos publicados em ISS eram considerados como *preprints*. O editor, Vinos Sofka, se referia à própria ISS como um “*pre-print*” (SOFKA, 1985c, p. 10).

Preprint é o nome dado à versão original de um artigo ainda não publicado oficialmente. Um dos maiores problemas na publicação de periódicos científicos é o longo tempo que o artigo leva para se tornar disponível e, portanto, ter possibilidade de ser lido e citado. [...] Consiste em fazer circular entre os membros de uma comunidade científica trabalhos submetidos para publicação em periódicos tradicionais, mas que ainda esperam avaliação. [...] Os documentos depositados nas bases de *preprints* não são normalmente sujeitos à avaliação prévia. (MUELLER, 2003, p. 87, grifos no original)

Devido ao grande volume de sua produção¹⁵⁶, e pelo fato de não constituir o objeto central desta pesquisa, não faremos aqui uma análise aprofundada dos textos dos diversos autores que foram publicados nas páginas de ISS ao longo dos anos. Além disso, devido ao próprio recorte temporal desta pesquisa, que busca entender a função exercida pelo boletim informativo *Museological News* no processo de consolidação de uma Museologia científica na década de 1980, optamos por trabalhar com um recorte das edições de ISS desde o primeiro número em 1983, até à décima nona edição, publicada em 1991. Esse período praticamente coincide com o tempo da gestão de Vinos Sofka à frente do ICOFOM e de seu Conselho Editorial¹⁵⁷. Sofka foi o editor responsável pelas dezenove edições de ISS que foram publicadas ao longo de oito anos, e que somam um total de 3.245 páginas¹⁵⁸. Com exceção do primeiro número, relacionado a um colóquio conjunto entre o ICOFOM e o ICTOP, todos os outros foram referentes aos simpósios anuais realizados pelo ICOFOM.

¹⁵⁶ Até 2021 haviam sido publicadas 49 edições.

¹⁵⁷ Apesar de ter deixado a presidência do ICOFOM em 1989, Sofka manteve-se como editor das publicações do Comitê até 1991.

¹⁵⁸ Ao longo dos anos, os artigos passaram a ser mais frequentemente publicados tanto em inglês quanto em francês, o que fazia aumentar consideravelmente o número de páginas. A partir de 1989, quando o espanhol foi adicionado como língua oficial do ICOM, começaram a ser publicados alguns artigos também em espanhol.

Quadro 5 - Número, ano de publicação e tema das edições de ISS que foram editadas por Vinos Sofka

N.	ANO	TEMA
1	1983	Metodologia da Museologia e treinamento profissional
2	1983	Museu - Território - Sociedade. Novas Tendências/Novas Práticas
3	1983	Addendo
4	1983	Addendo 2
5	1983	Addendo 3
6	1984	Coletando hoje para o amanhã
7	1984	Coletando hoje para o amanhã (Comentários e pontos de vista)
8	1985	Originais e substitutos nos museus
9	1985	Originais e substitutos nos museus (Comentários e pontos de vista)
10	1986	Museologia e Identidade
11	1986	Museologia e Identidade (Comentários e pontos de vista)
12	1987	Museologia e Museus
13	1987	Museologia e Museus (Comentários e pontos de vista)
14	1988	Museologia e países em desenvolvimento - Ajuda ou manipulação?
15	1988	Museologia e países em desenvolvimento - Ajuda ou manipulação? (Comentários e pontos de vista)
16	1989	Previsão - Uma ferramenta museológica? - Museologia e Futurologia
17	1990	Museologia e meio-ambiente
18	-	(Essa edição não foi publicada) ¹⁵⁹
19	1991	A linguagem das exposições

Fonte: Autor, 2022.

Notamos que, geralmente, após a apresentação de um tema em um determinado número, seguia-se outra edição em que eram publicados os comentários

¹⁵⁹ Em 1995, Sofka escreveu que o número 18 ainda não havia sido publicado (SOFKA, 1995). Sobre essa edição ausente, enviamos um e-mail para o atual presidente do ICOFOM, Bruno Brulon Soares, e recebemos a seguinte informação: “Infelizmente este é o único número do ISS que não foi digitalizado e acabou se perdendo nos arquivos do Vinos. Há indícios de que esse número sequer foi editado em sua versão final, e havia apenas alguns textos isolados que acabaram não sendo publicados.” (SOARES, 2022, doc. eletrônico). Pela sequência das publicações que se observa no quadro 6, podemos supor que a ISS n. 18 deveria ter publicado os comentários e pontos de vista sobre o tema da edição anterior, “Museologia e meio-ambiente”.

e pontos de vista que buscavam desenvolver o assunto anteriormente colocado em pauta, além de artigos básicos¹⁶⁰ que não haviam chegado em tempo hábil para serem incluídos na edição anterior dedicada a eles. Sendo assim, notamos na dinâmica de funcionamento da ISS, a mesma estrutura que já havia sido proposta para a *MuWoP*:

A discussão concernente a um certo tema deve ser iniciada numa edição de *MuWoP*. Um número de cientistas [...] será solicitado a dar sua opinião sobre o tema em um artigo não maior que oito páginas (doravante intitulado artigo básico). [...] Através de comentários e pontos de vista sobre os artigos básicos, publicados como indicado acima, e através da edição de artigos enviados por outros autores, espera-se que debates continuados tenham lugar nas edições seguintes de *MuWoP*. [...] Quando os debates sobre o primeiro tema estiverem ocorrendo na segunda edição de *MuWoP*, artigos básicos sobre o próximo tema serão apresentados.¹⁶¹ (SOFKA, 1980b, p. 63).

Nesta citação, se fosse substituído o termo “MuWoP”, por “ISS”, teríamos uma descrição adequada do funcionamento dessa última publicação. Isso mostra que, diante da ausência de continuidade de MuWoP, o Conselho Editorial do ICOFOM transferiu, pelo menos parcialmente, para ISS uma função que inicialmente havia sido designada para MuWoP, e que consistia em servir como um fórum internacional de discussão sobre questões museológicas, com os devidos métodos de prosseguimento e avaliação de cada tópico tratado, de modo que as contribuições dos diversos autores pudessem servir para a construção de um conhecimento científico sobre a Museologia. A importância dessa publicação é destacada por Sofka (1995, p. 2, grifo nosso): “ISS, designada como *preprints* do simpósio anual do ICOFOM, se tornou o mais importante instrumento para levar adiante o corajoso programa de pesquisa do Comitê e distribuir seus resultados.”¹⁶²

¹⁶⁰ Tradução livre de “*basic article*”, como aparece na versão em inglês de ISS, ou “*mémoires de base*”, na edição francesa. Assim eram chamados os artigos que abordavam o tema diretamente ainda na fase inicial de discussão, diferentes dos resumos analíticos, que faziam uma avaliação geral das ideias apresentadas, e dos comentários que eram feitos precisamente sobre os artigos básicos previamente publicados.

¹⁶¹ Tradução livre do original: “The discussions concerning a certain theme is to be started in an issue of the *MuWoP*. A number of research scientists [...] will be asked to give their opinion of the theme in a paper of no more than 8 pages (henceforth called basic paper). [...] Through comments and views on the basic papers, published as indicated above, and through the issue of papers sent in by other authors, continued discussions are expected to take place in the following issues of the *MuWoP*. [...] When discussions on the first theme are being held in the second issue of the *MuWoP*, basic papers on the next theme will be presented.” (SOFKA, 1980, p. 63).

¹⁶² Tradução livre do original: “ISS, designed as the pre-prints for the annual symposia of ICOFOM, have become the most important instrument in carrying out the Committee’s courageous research programme and distributing its results.” (SOFKA, 1995, p. 2).

Ainda antes do lançamento da revista ISS, entre os anos de 1978 e 1980, o ICOFOM publicou, em volumes separados e imediatamente após os encontros, os artigos que haviam sido apresentados nos simpósios, e as conclusões sobre os tópicos debatidos (SOFKA, 1995). Sofka afirmou que essas publicações funcionaram como precursoras de ISS, que veio a se tornar “[...] parte permanente do modelo de trabalho do ICOFOM.”¹⁶³ (SOFKA, 1995, p. 22). O envio de artigos, pelo correio, para os simpósios do ICOFOM, tornava possível que os interessados que estivessem geograficamente distantes dos locais dos eventos, ainda assim pudessem participar dos encontros. Isso tornava a participação nos simpósios mais acessível e ampliava o seu alcance internacional.

A distribuição antecipada de dois volumes, e três adendos complementares, com os artigos dos simpósios e os comentários sobre eles, foi recebida com caloroso reconhecimento – naquela época, sem perceber, os participantes testemunharam o nascimento de *ICOFOM Study Series*, como foram chamadas após os encontros.¹⁶⁴ (SOFKA, 1995, p. 23)

As edições de ISS estavam diretamente ligadas aos simpósios do ICOFOM, que Sofka considerava como “encontros científicos”¹⁶⁵ (SOFKA, 1995, p. 2). A interação entre os simpósios e as publicações foi fundamental para que o Comitê pudesse cumprir seus objetivos:

Os simpósios anuais do ICOFOM eram o núcleo de nossa busca pela pedra fundamental da museologia. Quando as primeiras edições foram preparadas para os simpósios de Londres em 1983, ISS se tornou o modelo de trabalho para levar adiante a pesquisa em e sobre museologia.¹⁶⁶ (SOFKA, 1995, p. 32).

É interessante notar que, mesmo após ter deixado a presidência do ICOFOM em 1989, Sofka permaneceu como editor de ISS por três de seus próximos números (17, 18 e 19) entre os anos de 1990 e 1991, embora a ISS n. 18 nunca tenha sido

¹⁶³ Tradução livre do original: “[...] became a permanent part of the ICOFOM working model.” (SOFKA, 1995, p. 22).

¹⁶⁴ Tradução livre do original: “The distribution in advance of two volumes, and three additional complementary prints, with symposium papers and comments on them, was welcomed with warm recognition – at that time without realizing that the participants witnessed the birth of ICOFOM Study Series, as they were called after the meeting.” (SOFKA, 1995, p. 23).

¹⁶⁵ Tradução livre do original: “scientific meeting” (SOFKA, 1995, p. 2).

¹⁶⁶ Tradução livre do original: “[...] the core of our search for the philosopher’s stone of museology.” (SOFKA, 1995, p. 32).

publicada¹⁶⁷. Em 1995, Vinos Sofka apresentou um breve balanço da produção impressa de ISS durante seu período como editor, e pareceu satisfeito com o resultado:

Os dezoito volumes, nos quais eu estive envolvido, somam 3.092 páginas, sendo 267 artigos básicos, 68 comentários e 33 artigos introdutórios ou, principalmente, sumários. Essa é uma produção científica com a qual, com toda a probabilidade, nenhum outro comitê internacional do ICOM pode competir.¹⁶⁸ (SOFKA, 1995, p. 26)

Na seguinte citação, Sofka expõe a metodologia de trabalho usada para a produção de ISS:

A metodologia era simples: uma chamada para artigos sobre um assunto museológico, selecionado de acordo com um ciclo de longo prazo de questões identificadas pelo Comitê sobre os fundamentos da museologia, era feita com um ano de antecipação ao encontro anual e simpósio, através de *Museological News*. Um editorial “O assunto e sua estrutura” esboçava o assunto em suas partes essenciais, que os membros poderiam abordar como escolhessem. O prazo final para receber os artigos em Estocolmo era definido para três meses antes do encontro, que nunca falhou em acontecer. O presidente do Comitê, sem nenhuma interferência editorial, reunia todos os artigos recebidos numa edição de ISS que era distribuída pelo menos dois meses antes da data do simpósio, convidando a que fossem comentados. Uma edição seguinte de ISS, para o mesmo encontro e distribuída um mês antes, publicava os comentários, análises dos artigos quando em tempo hábil, e artigos básicos que haviam chegado com atraso. Dois a quatro analistas eram designados com a tarefa de estudar os artigos de trabalho sobre um dos subtópicos, e enviavam cópias deles assim que chegavam. No simpósio, eles iniciavam a sessão apresentando análises para os participantes reunidos que - armados com sua cópia de ISS, suas opiniões, conceitos e visões - enriqueciam e ampliavam o debate.¹⁶⁹ (SOFKA, 1995, p. 32).

¹⁶⁷ Sobre a ISS n. 18, ver nota 157.

¹⁶⁸ Tradução livre do original: “The eighteen volumes, where I was involved, number 3,092 pages, comprising 267 basic papers, 68 comments and 33 introductory papers or, mostly, summaries. This is a scientific production, with which, with all probability, no other international committee of ICOM can compete.” (SOFKA, 1995, p. 26).

¹⁶⁹ Tradução livre do original: “The methodology was simple: a call for papers on a museological topic, selected according to a long-term cycle of questions identified by the Committee on the fundamentals of museology, was made a year in advance of the annual meeting and symposium via *Museological News*. An editorial “The topic and its framework” outlined the topic in its essential parts, which members could address as they chose. The deadline for receiving papers in Stockholm was set for three months before the meeting, which has never failed to take place. The chairman, without any editorial encroachment, assembled all the papers received into an issue of ISS that was distributed at least two months before the date of the symposium, inviting comments on them. A following issue of ISS, for the same meeting and distributed one month before, published the comments, analyses of the papers when in good time, and late-coming basic papers. Two to four analysers were assigned the task to study the working papers on one of the sub-topics, and were sent copies of them as soon as they came in. At the symposium they launched the sessions by presenting the analyses to the gathered participants who – armed with their copy of ISS, their opinions, concepts and visions – enriched and furthered the debate. (SOFKA, 1995, p. 32).

É interessante notar como, na descrição desse processo, aparece a figura do presidente do Comitê, que deveria reunir todos os artigos recebidos e distribuí-los “sem nenhuma interferência editorial” (SOFKA, 1995, p. 32). Contudo, os cargos de presidente e de editor do Comitê eram ambos exercidos por Vinos Sofka. Logo, quando ele afirmou que não haveria interferência editorial no processo de publicação, isso indica apenas que os textos não seriam linguisticamente revisados em seu conteúdo ou diagramados em sua forma, mas simplesmente publicados da maneira mesmo como eram recebidos¹⁷⁰, o que explica a heterogeneidade tipográfica¹⁷¹ presente nas edições de ISS da década de 1980.

Porém, o fato de não haver interferência editorial no conteúdo ou na forma dos artigos publicados não quer dizer que não houvesse outras formas de influência do editor sobre o produto final da publicação. Nas ISS, os textos dos editoriais, que introduzem cada edição, são os exemplos mais óbvios da capacidade de atuação do editor em relação aos efeitos que a publicação poderia ter entre seus leitores. Além disso, o editor poderia, de algum modo, dar destaque a um texto específico, como aconteceu na ISS n. 6, de 1984, na qual, sob o título de “Antes de você escrever seu artigo. Algumas palavras do editor de ISS”¹⁷² (SOFKA, 1984c, p. 7), foi apresentado um texto de cinco páginas escritos por Stránský, cuja publicação foi justificada por algumas palavras de Sofka: “Algumas ideias sobre o tema do simpósio, delineadas por Zbynek Z. Stránský, foram consideradas bastante estimulantes e por essa razão enviadas aos potenciais contribuintes de artigos básicos.”¹⁷³ (SOFKA, 1984c, p. 7).

O texto de Stránský consistia em uma provocativa lista de cinco problemas parciais que ele propunha que deveriam ser confrontados pelos participantes do evento para que se pudesse chegar a uma contribuição para solucionar o problema colocado pelo simpósio cujo tema era “Colecionando hoje para o amanhã”¹⁷⁴ (ICOFOM, 1984b, capa). Os cinco problemas parciais elencados por Stránský (1984,

¹⁷⁰ Por exemplo, em ISS n. 13 foram publicadas quinze páginas de um texto manuscrito em letra cursiva, enviado por Bachir Zouhdi, da Síria.

¹⁷¹ ISS só passou a ter homogeneidade tipográfica a partir do n. 26, de 1996, provavelmente devido à então recente disseminação do uso do computador pessoal para a edição de textos em meio digital.

¹⁷² Tradução livre do original: “Before you write your paper. Some words from the ISS Editor”. (SOFKA, 1984c, p. 7).

¹⁷³ Tradução livre do original: “Some thoughts around the theme of the symposium, outlined by Zbynek Z. Stránský, have been found rather stimulating and for this reason mailed to the potential contributors of basic papers.” (SOFKA, 1984c, p. 7).

¹⁷⁴ Tradução livre do original: “Collecting today for tomorrow” (ICOFOM, 1984b, capa).

p. 7) foram colecionismo de museu - as tradições e as novas demandas, especificidade do colecionismo de museu, objeto de museu, coleção de museu, e significância social.¹⁷⁵ Esse texto de Stránský foi enviado, pelo editor, em anexo à carta que convidava alguns autores indicados para colaborar no simpósio de 1984, e apresentado como uma leitura prévia que tratava dos tópicos a serem abordados no simpósio, tornando incontornável a sua influência sobre os autores que posteriormente escreveriam os artigos básicos. A decisão de encaminhar esse texto aos autores, além do poder de convidar alguns autores selecionados para escreverem artigos, são fatos indicativos da capacidade de Vinos Sofka em causar, de algum modo, interferências editoriais na publicação, mesmo que o conteúdo ou a forma dos artigos enviados não sofressem qualquer mudança.

Segundo Pierre Bourdieu (2004), uma das formas de obtenção de capital intelectual se dá através da ocupação de posições relevantes nas instituições científicas. Nesse sentido, consideramos que Vinos Sofka ao ocupar, de forma concomitante, os cargos de presidente do ICOFOM e editor das publicações do Comitê, reuniu para si um considerável capital intelectual que fez dele um dos mais importantes agentes no campo museológico da década de 1980. O editor, ao dar destaque para algum texto ou convidar determinados autores para enviar artigos, também administrava, parcialmente, a distribuição do capital científico entre seus pares, que poderiam angariar maior prestígio no campo ao terem seus artigos publicados em uma revista científica como a ISS.

Luciana de Carvalho, em sua dissertação sobre a constituição e consolidação da Museologia enquanto disciplina científica, destacou a importância da função exercida pela revista ISS nesse processo:

[...] ISS cumpriria sua função de disseminar a existência de uma disciplina científica nomeada Museologia e, ainda, servir de base tanto para a criação de cursos de *museum studies* ou Museologia quanto para reforçar e legitimar os já existentes. Isso se dava porque esse periódico também facilitava a participação do maior número de membros interessados. (CARVALHO, 2017, p. 82, grifos da autora)

Do ponto de vista do ICOFOM, o objetivo da publicação de ISS foi exposto em sua sexta edição:

¹⁷⁵ Tradução livre do original: "Museum collecting - the traditions and new demands, specificity of museum collecting, museum object, museum collection, social significance". (STRÁNSKÝ, 1984, p. 7).

O que é ISS e qual papel ela desempenha no trabalho do ICOFOM? ISS é uma publicação despreziosa e simples entre outras publicações do ICOFOM. Seu objetivo é tornar rapidamente disponíveis as reflexões teóricas e metodológicas sobre a museologia, primeiro em relação com a preparação e desenvolvimento das atividades científicas do Comitê, como simpósios, programas de palestras, etc. Desse modo, discussões estimulantes sobre o tema se tornam possíveis e ideias interessantes são propagadas sem atraso desnecessário.¹⁷⁶ (ICOFOM, 1984b, p. 161)

No editorial da oitava edição, em 1985, Sofka escreveu que o ICOFOM buscava realizar seu programa de longo prazo, desenvolvendo métodos de trabalho apropriados que pudessem tornar possível alcançar o objetivo de desenvolver e promover a Museologia através da disseminação de conhecimento museológico. Nesse sentido, a publicação de ISS desempenhava um papel importante:

Nós descobrimos que o melhor meio é combinar os simpósios com uma publicação paralela da documentação dos simpósios. Desse modo, organizamos todos os anos um simpósio com uma vívida troca de ideias entre os especialistas e participantes, e, pela mesma razão, começamos nossas *preprints ICOFOM Study Series - ISS*, na qual todos os artigos básicos, assim como os comentários sobre eles e as discussões do simpósio tornam-se disponíveis para todos os trabalhadores de museu que estejam interessados nos problemas teóricos de nossa profissão.¹⁷⁷ (SOFKA, 1985c, p. 10, grifo nosso).

Ao final da sexta edição foi informado que, dependendo das possibilidades financeiras, alguns textos presentes em ISS poderiam ser publicados, numa forma linguística e editorialmente revisada, na revista *MuWoP*. Hoje sabemos que isso jamais ocorreu, pois, apesar dos esforços de Sofka, a revista *MuWoP* não teve mais nenhuma edição depois que ISS passou a ser publicada. Contudo, essa intenção parece indicar que havia, na forma do trabalho editorial do ICOFOM, funções

¹⁷⁶ Tradução livre do original: "What is ISS and what plays does it play in the work of ICOFOM? ISS is a very unpretentious and simple print among the other ICOFOM publications. Its aim is to make quickly available theoretical or methodological reflexions on museology, first of all in connection with the preparation and course of the Committee's scientific activities as symposia, lecture programmes etc. In this way, stimulating discussions *in re* are made possible and interesting topical ideas are spread without unnecessary delay." (ICOFOM, 1984b, p. 161, grifo do autor).

¹⁷⁷ Tradução livre do original: "We found that the best way is to combine the symposia with a parallel publishing of the symposia documentation. Therefore, we arrange each year a symposium with a lively exchange of ideas among the experts and participants, and, for the same reason, we started our preprints ICOFOM Study Series – ISS, in which all the basic papers – as well as the comments on them and the discussions at the symposium – are made available for all of those museum workers who are interested in the theoretical problems of our profession." (SOFKA, 1985c, p. 10).

ligeiramente diferentes planejadas para cada uma dessas publicações. À ISS caberia a função de apresentar os textos dos simpósios sem qualquer interferência editorial ou revisão linguística, visando a distribuição das *preprints* o mais rapidamente possível, em tempo hábil para sua leitura e debate em preparação aos simpósios anuais. Por sua vez, a MuWoP, sem a mesma urgência de tempo que era exigida na ISS por sua relação direta com a organização dos simpósios, poderia apresentar os textos em uma forma revisada e editada, e incorporando, de forma avaliativa, os desenvolvimentos dos tópicos e suas conclusões parciais.

Essa intenção foi novamente exposta na ISS n. 8: “Resumos dos artigos com conclusões do simpósio serão posteriormente publicados na revista do ICOFOM, *Museological Working Papers* (MuWoP).”¹⁷⁸ (SOFKA, 1985c, p. 10); e também no editorial da ISS n. 11, intitulado “ICOFOM: Obstinação em publicar”¹⁷⁹ (SOFKA, 1986a, p. 7); e pela última vez no editorial da ISS n. 14, de 1988. É interessante notar que em 1988, ou seja, seis anos após a última edição de MuWoP, e mesmo com a regularidade da publicação de ISS, mantinha-se ainda a intenção de retomar a publicação da revista MuWoP, o que indica que as funções exercidas por cada uma das publicações não se sobrepunham, mas eram complementares:

Existe a séria intenção, até agora apenas parcialmente atingida ao reunir os manuscritos, de publicar em MuWoP - *Museological Working Papers* - um relatório final sobre cada simpósio organizado pelo ICOFOM. Um relatório sobre o contexto e os procedimentos, com resumos de todos os artigos básicos e comentários, e finalmente, conclusões por seção, e sobre todo o evento, será disponibilizado em inglês e francês. Aqueles mais interessados nos debates podem requisitar as *preprints* ISS para consultar diretamente os textos originais.¹⁸⁰ (SOFKA, 1986a, p. 9).

Portanto, notamos que havia sido planejado que deveria existir uma relação de complementariedade editorial entre as publicações MuWoP e ISS. À revista MuWoP caberia a função de oferecer uma forma editorialmente consolidada e revisada dos

¹⁷⁸ Tradução livre do original: “Abstracts of the papers with conclusions from the symposium will be published later on in ICOFOM’s review *Museological Working Papers* (MuWoP).” (SOFKA, 1985c, p. 10).

¹⁷⁹ Tradução livre do original: “ICOFOM: Obstinance in publishing” (SOFKA, 1986a, p. 7).

¹⁸⁰ Tradução livre do original: “There is the serious intention, until now only partially fulfilled by gathering the manuscripts, to publish in MuWoP - *Museological Working Papers* - a final report on each symposium arranged by ICOFOM. A report on the background and proceedings, with abstracts of all the basic papers and comments, and finally conclusions by section, and on the whole event, will be made available in English and French. Those more interested in the debates can then request the ISS *preprints* in order to consult directly the original paper.” (SOFKA, 1986a, p. 9).

artigos relacionados aos temas que eram debatidos em cada simpósio anual e que haviam sido publicados como *preprints* em ISS.

Em 1991 foi publicada a ISS n. 19, a última que teve Vinos Sofka como editor. No editorial, ele afirmou que, entre os anos de 1986 e 1987, havia se encerrado, com uma resposta positiva sobre a cientificidade da Museologia, a primeira fase da pesquisa sobre o conceito de Museologia no âmbito do ICOFOM:

Baseado no critério da teoria sobre a ciência, a avaliação de cerca de cem estudos confirmou que a Museologia é considerada como uma disciplina científica. [...] ela tem sua própria linguagem, método, sistema e posição no sistema das ciências.¹⁸¹ (SOFKA, 1991, p. 7).

Sendo assim, consideramos que, no contexto da estrutura das publicações do ICOFOM na década de 1980, a publicação periódica ISS desempenhou uma função de servir como um meio de distribuição, entre os participantes dos simpósios, dos artigos que eram enviados para esses encontros científicos anuais. Essa distribuição dos artigos entre os participantes era importante pois permitia que os simposistas pudessem não apenas apresentar seus pontos de vista prévios à realização do simpósio, mas também oferecer críticas e comentários a partir da interação entre as ideias apresentadas no evento, promovendo um desenvolvimento dos conhecimentos sobre os tópicos museológicos escolhidos para cada evento. Esse procedimento servia para evitar que os simpósios se resumissem a uma mera exposição de pontos de vista isolados sem que houvesse um posterior prosseguimento epistemológico dos temas, ou seja, era um procedimento editorial que buscava permitir a construção de um conhecimento museológico que pudesse ser qualificado como científico ao ser coletiva e internacionalmente construído com base em procedimentos metódicos realizados em encontros científicos: os simpósios anuais do ICOFOM.

Considerando o conceito de protocolo de leitura proposto por Roger Chartier (1996; 1998), consideramos que Vinos Sofka, na posição de editor das publicações do ICOFOM ao longo dos anos 1980, exerceu interferências editoriais estratégicas, principalmente através do editorial introdutório de cada edição, mas também por eventuais destaques conferidos a algum artigo em especial - como no caso do texto

¹⁸¹ Tradução livre do original: "Based on the criteria of the theory on science, the evaluation of about one hundred studies confirmed that museology is considered to be a scientific discipline. [...] it has its own language, method, system and place in the system of sciences." (SOFKA, 1991, p. 7).

de Stránský que ele decidiu enviar aos autores que contribuiriam para o simpósio relacionado à ISS n. 6 - além de convites direcionados a certos autores para escreverem artigos sobre temas específicos. Essa posição institucional que Sofka detinha como editor das publicações do ICOFOM conferia a ele um capital científico que lhe permitia imprimir a essas publicações um formato de revista científica que pudesse servir para a legitimação da Museologia enquanto uma disciplina científica apta a reivindicar o seu lugar nas universidades e o consequente aprimoramento técnico e teórico dos profissionais de museu, uma vez que a preocupação com uma melhoria na formação profissional havia sido uma das preocupações que levaram à criação do ICOFOM, que entendia que a solução para essa formação passava necessariamente pela abertura de cursos universitários de Museologia.

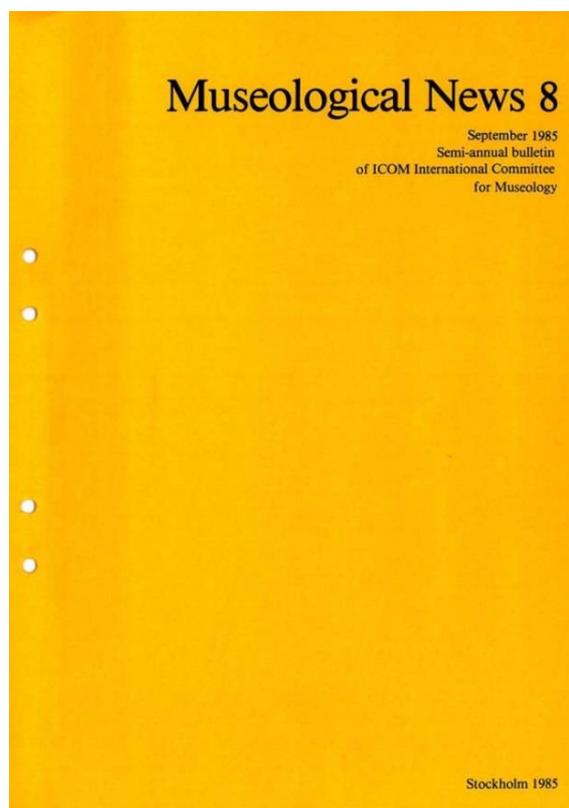
Por fim, notamos que havia, na estrutura de publicações do ICOFOM, uma relação de complementariedade entre as publicações ISS e MuWoP, de modo que, se a revista ISS era considerada uma “pré-impressão” (*preprint*), por publicar os artigos enviados aos simpósios sem qualquer interferência editorial, então a revista MuWoP deveria ter sido a “pós-impressão”, ou seja, uma publicação que pudesse apresentar não apenas os artigos dos simpósios - ou talvez apenas uma seleção de alguns artigos - numa forma linguística e editorialmente revisada, mas também avaliações críticas sobre o desenvolvimento de cada tema. Por ter sido produzida por cientistas e destinada a um público também de cientistas, a publicação ISS, pelo menos em seus dezenove primeiros números (1983 - 1991), sob editoração de Vinos Sofka, se localizava no primeiro quadrante da espiral da cultura científica (VOGT, 2003), ou seja, o quadrante da produção e difusão da ciência entre pares.

Durante os anos 1980, além das revistas MuWoP e ISS, a estrutura da produção editorial do ICOFOM contava ainda com uma terceira publicação, qualificada como boletim informativo, e denominada *Museological News*, que será analisada no próximo capítulo.

4 O BOLETIM INFORMATIVO *MUSEOLOGICAL NEWS*

O boletim informativo *Museological News* teve a sua primeira edição publicada em maio de 1981, e foi inicialmente proposto a ter periodicidade semestral, mas essa regularidade não foi cumprida em todos os anos, até que a informação sobre sua pretendida semestralidade deixou de aparecer na capa da publicação a partir da décima primeira edição, de 1988.

Figura 5 - Capa da oitava edição do boletim *Museological News*



Fonte: ICOFOM, 1985

Além da instabilidade de sua periodicidade, *Museological News* também variou bastante em quantidade de páginas. A primeira edição, em 1981, foi a menor e teve apenas 8 páginas, mas sete anos depois a publicação da décima primeira edição apresentou 287 páginas, ou seja, um crescimento de 3.487%. Vejamos um quadro informativo com as datas de publicação das quinze primeiras edições de *Museological News* e o número de páginas de cada uma delas.

Quadro 6 - Datas de publicação e número de páginas das quinze primeiras edições do boletim informativo *Museological News*

<i>Museological News</i>	
Edição e Data	Nº de páginas
1 - Maio/1981	8
2 - Março/1982	12
3 - Março/1983	46
4 - Junho/1983	64
5 - Janeiro/1984	54
6 - Ago-Set/1984	45
7 - Abril/1985	39
8 - Setembro/1985	93
9 - Setembro/1986	97
10 - Agosto/1987	239
11 - Outubro/1988	287
12 - 1989	165
13 - Abril/1990	11
14 - Março/1990	12
15 - Junho/1992	16
TOTAL	1188

Fonte: Autor, 2022.

O seguinte gráfico facilita a visualização da dinâmica de mudança do número de páginas ao longo do tempo:

Gráfico 1 - Variações do número de páginas das quinze primeiras edições de *Museological News*



Fonte: Autor, 2022.

Além do número de páginas, o conteúdo da publicação também sofreu alterações ao longo do tempo. Até a sétima edição, de 1985, a publicação se apresentou como inicialmente se propunha, ou seja, um boletim informativo que servia simplesmente para divulgar as atividades do ICOFOM entre seus membros. Contudo, a partir da oitava edição, o boletim passou a apresentar não somente conteúdo informativo sobre a gestão do ICOFOM, mas também “propostas para reflexão”¹⁸² (ICOFOM, 1985, p. 1), que consistiam em textos que versavam, de algum modo, sobre o desenvolvimento de uma Museologia teórica e científica. Esse formato de publicação, apresentando também textos teóricos além dos meramente informativos, durou por cinco edições, da oitava à décima segunda edição de *Museological News*, entre 1985 e 1989, período no qual - como podemos observar no quadro 6 e no gráfico 1 - houve um expressivo crescimento do número de páginas da publicação, de modo que essas cinco edições concentraram 74% do total do número de páginas das quinze primeiras edições. Esse crescimento foi seguido de uma abrupta diminuição do número de páginas a partir da décima terceira edição, quando houve uma mudança na direção editorial de *Museological News*, com a saída de Vinos Sofka e a posse de Peter van Mensch¹⁸³ como editor da publicação.

Logo no texto introdutório apresentado no primeiro número, o objetivo do boletim foi exposto por Jan Jelínek (1981, p. 1):

Uma breve seleção de informação, vindo da cúpula ou das bases da organização: esse é o objetivo de nosso boletim do Comitê, e corresponde aos seus meios modestos [...] Notícias serão dadas sobre nossos encontros, recomendações e empreendimentos [...] ¹⁸⁴.

Jelínek, naquele momento presidente do ICOFOM, afirmou que o recém-lançado boletim não deveria competir com a revista *MuWoP*, mas complementá-la. Ao fim do texto, Jelínek (1981, p. 1) escreveu sobre como seria feita a distribuição do boletim *Museological News*:

¹⁸² Tradução livre do original: “Proposals for reflection”. (ICOFOM, 1985, p. 1).

¹⁸³ Peter van Mensch, nascido em 1947, é um museólogo holandês que foi presidente do ICOFOM entre 1989 e 1993.

¹⁸⁴ Tradução livre do original: “A brief selection of information, coming from either the summiit or the grass roots of the organisation: this is the aim of our Committee's bulletin, and corresponds to its modest means. [...] News will be given of our meetings, of our recommendations, of our ventures [...]” (JELÍNEK, 1981, p. 1).

Esse boletim será distribuído para nossos membros, e também para diferentes instâncias do ICOM: membros do Conselho Executivo e do Comitê Consultivo, editores de periódicos publicados pelo ICOM, o Centro de Documentação UNESCO-ICOM, os editores da revista *Museum*, e a biblioteca da UNESCO.¹⁸⁵

Vinos Sofka escreveu sobre a divulgação das informações acerca do encontro do ICOFOM em 1984: “Uma notícia que atrasou a publicação de *Museological News*, porque nós não queríamos publicar o ‘número cinco’ sem poder dizer a vocês que *nós teremos um encontro* em 1984, *onde* vamos nos encontrar e *quando*.”¹⁸⁶ (SOFKA, 1984b, grifos do autor, p. 28). Ou seja, não haveria sentido em publicar um boletim que servia precisamente para trazer informações, se ele não pudesse apresentar um conteúdo que pudesse informar devidamente, e sendo assim, até mesmo a sua periodicidade programada poderia ser prejudicada em prol do cumprimento de sua função essencialmente informativa. Precisamente por ter sido, de início, concebido apenas para divulgar notícias e informações breves, não se previa que o boletim fosse uma publicação muito extensa, pois o primeiro número, apesar de ter apenas oito páginas, foi considerado “excepcionalmente longo” (ICOFOM, 1981b, p. 6) e os leitores eram informados de que, devido aos modestos recursos do Comitê, uma edição daquela extensão não deveria ser esperada para o futuro. Contudo, apesar dessas limitações iniciais, vimos que o número de páginas de *Museological News* teve um crescimento significativo impulsionado pela publicação de textos de caráter científico que não estavam inicialmente previstos para o âmbito de um boletim informativo.

No primeiro esboço para a política do ICOFOM de 1983, foi apresentada uma análise crítica das atividades do Comitê, com conclusões e propostas para trabalhos futuros. Nesse documento, assinado por Villy Toft Jensen e Vinos Sofka, as publicações do ICOFOM foram divididas em duas categorias: científica e informativa. A revista *MuWoP* foi citada como uma publicação científica, enquanto *Museological News* foi considerada uma publicação informativa que ainda precisava de apoio para se estabelecer firmemente:

¹⁸⁵ Tradução livre do original: This bulletin will be distributed to our members as well as to different bodies of ICOM: members of the Executive Council and the Advisory Committee, the editors of periodicals published by ICOM, the Unesco-ICOM Documentation Centre, the editors of *Museum*, and the Unesco Library. (JELÍNEK, 1981, p. 1).

¹⁸⁶ Tradução livre do original: “A piece of news that has delayed the publication of *Museological News*, because we did not want to publish “number Five” without being able to tell you *that we shall hold a meeting* in 1984, *where* we are going to meet and *when*.” (SOFKA, 1984b, grifos do autor, p. 28).

Cada edição tem tido um caráter diferente. Nenhum perfil ou forma foram firmemente desenvolvidos. Nenhuma rede de colaboradores foi ainda estabelecida. A publicação continuada não está pessoal ou economicamente garantida e tem sido, até agora, apenas obtida graças à ajuda “ad hoc” das organizações de grandes museus. O boletim é necessário como um meio de informação para os membros do ICOFOM, assim como para outros trabalhadores de museu interessados, Comitês do ICOM, museus, departamento de estudos de museu, instituições, etc. Ele deve receber uma base sólida assim que possível.¹⁸⁷ (JENSEN; SOFKA, 1983, p. 33)

Nesse mesmo documento, e também no sentido de apontar deficiências que deveriam ser corrigidas nas publicações, foi escrito no tópico “Informação”: “[...] a informação através do boletim do ICOFOM, *Museological News*, tem sido limitada, tardia e insuficiente.”¹⁸⁸ (JENSEN; SOFKA, 1983, p. 35). E mais adiante foi reconhecido que havia a necessidade de que “[...] a disposição e a forma do boletim *Museological News* sejam definidas e que a publicação seja garantida tanto organizacional quanto financeiramente.”¹⁸⁹ (JENSEN; SOFKA, 1983, p. 40). Além disso, a importância do boletim *Museological News* como um meio de disseminar informações de interesse do Comitê foi apontada na minuta do Programa Trienal do ICOFOM para o período de 1983 a 1986:

Informações sobre o trabalho do ICOFOM serão dadas continuamente aos membros do ICOFOM e, ao distribuir o boletim *Museological News* para as presidências e secretarias dos Comitês do ICOM, também para todos os membros do ICOM. Para a disseminação de informação, o boletim desempenha um papel essencial, e sua publicação e desenvolvimento deve ser uma prioridade.¹⁹⁰ (ICOFOM, 1983b, p. 49).

¹⁸⁷ Tradução livre do original: “Each issue has had different character. No firm profile and layout has been developed. No network of collaborators has yet been established. The continued publishing is not secured either economically or personally and has up to now only been accomplished thanks to “ad hoc” support from great museum organizations. The bulletin is needed as a medium of information for the members of ICOFOM as well as for other interested museum workers, ICOM committees, museums, museum studies departments, institutions etc. It must be given a solid footing as soon as possible.” (ICOFOM, 1983b, p. 33).

¹⁸⁸ Tradução livre do original: “[...] information via the ICOFOM bulletin *Museological News* has been limited, late and insufficient.” (JENSEN; SOFKA, 1983, p. 35).

¹⁸⁹ Tradução livre do original: “[...] that the disposition and form of the bulletin *Museological News* is defined and the publishing organizationally and financially secured.” (ICOFOM, 1983b, p. 40).

¹⁹⁰ Tradução livre do original: “Information on ICOFOM’s work will be given continuously to the members of ICOFOM and, by distributing the bulletin *Museological News* to the Chairmen and Secretaries of ICOM Committees, to the entire membership of ICOM, too. For the dissemination of information the bulletin plays an essential role and its publishing and development must be a priority.” (ICOFOM, 1983b, p. 49).

Sendo assim, considerando o importante papel que o boletim informativo *Museological News* desempenhava dentro da estrutura das publicações do ICOFOM, optamos por abordá-lo a partir de três ângulos diferentes, mas relacionados, apresentados nos próximos três subcapítulos. Em uma dessas abordagens, nosso foco estará voltado para os textos escritos pelo editor Vinos Sofka, tanto os editoriais quanto outros textos que ele eventualmente assinou e publicou no boletim. Através desse exame, pretendemos identificar as intenções e as estratégias utilizadas por Sofka no direcionamento editorial de *Museological News*. No segundo subcapítulo, buscamos entender a trajetória da publicação e as mudanças que ela sofreu ao longo dos anos, principalmente em relação aos fatores que podem ter influenciado a mudança no caráter de seu conteúdo que passou, de mero boletim informativo, a incluir textos de natureza científica. Por fim, no terceiro subcapítulo, abordamos *Museological News* pelo seu aspecto arquivístico em relação aos documentos do ICOFOM, pois Sofka (1995) considerava que o boletim, no qual foram publicados documentos institucionais, também serviu como um arquivo dos atos do Comitê.

4.1 As palavras do editor

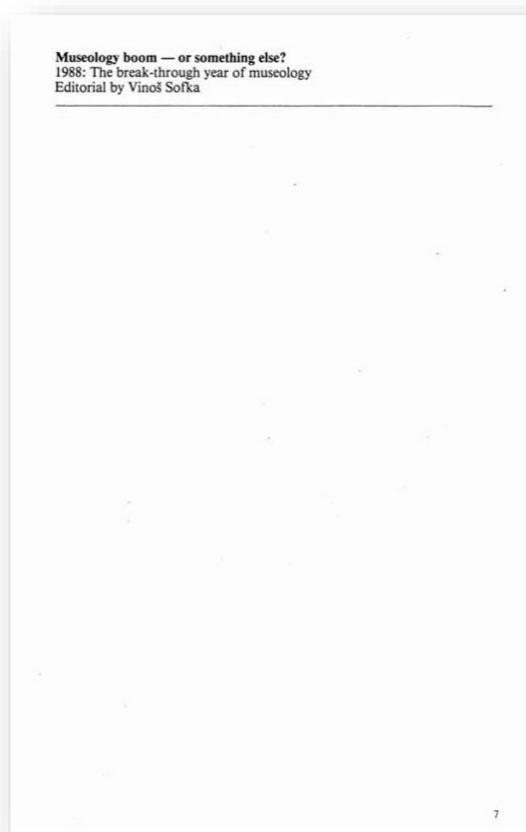
Embora Vinos Sofka tenha sido eleito presidente do Conselho Editorial do ICOFOM em outubro de 1980 (ICOFOM, 1981a), as duas primeiras edições de *Museological News*, publicadas em 1981 e 1982, foram editadas por Jan Jelínek, presidente do Comitê desde a sua fundação em 1977. Foi apenas quando Jelínek teve de se afastar do cargo por motivos de saúde, em 1982, que Sofka assumiu a presidência interina do Comitê e, conseqüentemente, a responsabilidade pela edição de *Museological News*. Isso parece indicar que, a princípio, a publicação do boletim não estava programada para ser um encargo do Conselho Editorial do ICOFOM, mas da presidência do Comitê. Isso talvez se explique pelo fato de que ao Conselho Editorial caberiam as publicações museológicas de caráter científico, como MuWoP e ISS, enquanto o boletim informativo *Museological News*, mais voltado para a disseminação de informações de âmbito administrativo e organizativo do ICOFOM, poderia funcionar melhor sob a responsabilidade direta da presidência do Comitê.

Considerando a relevância da agência pessoal de Vinos Sofka no campo museológico, como editor das três publicações do ICOFOM durante a maior parte da década de 1980, optamos por analisar todos os editoriais escritos por ele em

Museological News. Ao todo, ele publicou oito editoriais ao longo dos dez números dos quais ele foi o editor, ou seja, a partir de sua terceira edição, de 1983, até a décima segunda, de 1989. Através do exame das palavras do editor, apresentadas como texto introdutório das edições de *Museological News* na forma de um editorial, buscamos identificar o modo como o editor escolhia se utilizar desse seu espaço privilegiado na publicação, considerando que ele estava consciente de que suas palavras seriam distribuídas, através do boletim, para todos os membros do ICOFOM, e que idealmente teria influência sobre eles. Em nossa análise, identificamos dois elementos recorrentes nos editoriais escritos por Vinos Sofka em *Museological News*, mas antes de abordarmos essas repetidas presenças, destacamos algumas ausências significativas que também merecem ser notadas.

Certas ausências representam, em muitos casos, importantes elementos na interpretação de um conjunto de significados. Em três edições de *Museological News*, notamos páginas em branco que indicavam as ausências de alguns textos. Trata-se das edições n. 10, 11 e 12, respectivamente publicadas nos anos de 1987, 1988 e 1989. Foram as três últimas edições publicadas por Vinos Sofka antes que ele deixasse a presidência do Comitê em 1989. Esse tipo de ausência de conteúdo, conforme exemplificado na figura 4, não se verificou em qualquer um dos nove números anteriores, mas a partir da edição n. 10 passaram a afetar vários dos textos que estavam planejados para publicação.

Figura 6 - Página 7 de *Museological News* n. 11, mostrando a ausência do editorial



Fonte: ICOFOM, 1988, p. 7

Nesta pesquisa, identificamos dezenove textos que ficaram ausentes das três últimas edições de *Museological News* publicadas por Vinos Sofka, conforme o quadro 7.

Quadro 7 - Textos ausentes em *Museological News*

Número da edição	Texto
10	ICOFOM Symposium 1987 - Museology and Museums.
10	ICOFOM Discussion Panel 1987. A media dilemma: Texts in museum exhibitions.
10	Cultural policy, communities and their museums - Matti Rossi.
10	Museums in cultural resource management - Margareta Biornstad.
10	Hembygdsrorelsen - National movement for swedish culture and nature - Kjell Nilsson.
10	Museology - an intellectual extravagance or a useful and needed tool for the work of museums and other institutions in handling the heritage of man? - Vinos Sofka.

10	Theory and practice: On museology as an inevitable base for museum work - Zbynek Stránský.
10	The need for museology in Africa - Alpha Konaré.
10	The need for museology in Latin America - Tereza Scheiner.
10	African views on museum documentation - Alpha Konaré, Fidelis Masao, Manyando Mukela.
10	Meeting the need for museum documentation in India - Mohan Nigam.
10	To document the heritage: Experience from the Brazilian Memory of Electricity - Tereza Scheiner.
10	Today's realities and views to the future - Susanne Peters.
11	Boom muséologique - ou autre chose? 1988: L'année où perce la muséologie Editorial par Vinos Sofka.
11	Elections 1989 - Les élections 1989.
11	ICOFOM symposium 1988. Museology and developing countries - help or manipulation? - Vinos Sofka.
11	ICOFOM case studies - testing the theory through practical experience - Vinos Sofka.
12	Symposium 1989. Forecasting - a museological tool? Museology and futurology.
12	Colloque 1989. La prospective - un outil muséologique? Muséologie et futurologie.

Fonte: Autor, 2022.

Nas edições n. 11 e 12, nem mesmo o editorial chegou a ser publicado. Em *Museological News* n. 11, a indicação do editorial chegou a aparecer no índice da publicação, sob o título: “Explosão da Museologia - ou outra coisa? 1988: O ano marcante da museologia. Editorial por Vinos Sofka”¹⁹¹ (ICOFOM, 1988, p. 3). Contudo, a página sete e a página nove, que trariam, respectivamente, o editorial em inglês e em francês, contém apenas o título do editorial na parte superior da página, com o restante da página em branco. As páginas seguintes, números oito e dez, onde provavelmente estariam as continuções dos textos dos editoriais em cada um dos idiomas, se encontram integralmente em branco, e apesar de não terem o número de página impresso no rodapé, são contadas na sequência da numeração das páginas da publicação.

Quando encontramos essas ausências pela primeira vez, ainda durante a fase de elaboração do projeto desta pesquisa, surgiu a dúvida sobre a causa desses textos faltantes, uma vez que as páginas em branco poderiam ter sido geradas por um problema técnico durante o processo de digitalização dos boletins impressos, ou as ausências já poderiam fazer parte das publicações desde a sua edição original. Diante

¹⁹¹ Tradução livre do original: “Museology boom - or something else? 1988: The break-through year of museology”. Editorial by Vinos Sofka”. (ICOFOM, 1988, p. 3).

disso, enviamos uma mensagem para o presidente do ICOFOM, Bruno Brulon Soares, que nos recomendou mandar um e-mail para Suzanne Nash, viúva de Vinos Sofka e responsável por parte do processo de digitalização das publicações. Sendo assim, enviamos uma mensagem para tentar solucionar essa dúvida e, gentilmente, recebemos a seguinte resposta:

Quando eu escaneava as edições de *Museological News* em 2009 eu vi que havia artigos faltantes. Você se refere às páginas faltantes – eu creio que não sejam páginas de artigos específicos, mas os próprios artigos. Eu não acredito que tenha havido um erro técnico, embora isso sempre seja possível. Vinos colocava marcadores de posição em *Museological News* para os artigos que ele esperava receber, mas em sua ausência, as páginas ficavam em branco. No todo, esses artigos nunca foram recebidos. Ou não foram escritos, quando era algo que Vinos deveria escrever – ele era conhecido por se atrasar, ou às vezes nem mesmo produzir o artigo.¹⁹² (NASH, 2021, doc. eletrônico).

Portanto, a ausência do editorial da edição n. 11 de *Museological News*, provavelmente se tratou de um desses casos lembrados por Suzanne Nash, sendo que o título do editorial na parte superior da página funcionava como um marcador de posição, e a página seguinte em branco reservava o espaço dedicado ao texto que eventualmente não pôde ser incluído em tempo hábil para a publicação. No caso da edição n. 11, a inclusão da indicação do editorial no sumário e o título que funcionava como um marcador de posição evidenciaram a ausência do editorial que, desse modo, não passaria despercebida durante a leitura do boletim, uma vez que o editor deixou, na publicação, vestígios ou fragmentos que explicitavam essas ausências ao leitor.

Na edição n. 12, último número de *Museological News* editado por Vinos Sofka, a ausência do editorial é completa, pois nem mesmo o sumário inicial chegou a ser publicado com a indicação do conteúdo que aquela edição traria, e embora haja dois marcadores de posição que funcionam como títulos das seções e indicam os textos ausentes, nenhum deles é referente ao que seria o editorial daquela edição. De qualquer modo, é interessante notar como a ocorrência desses textos ausentes foi diminuindo ao longo das edições, pois foram treze ausências na edição n. 10, quatro

¹⁹² Tradução livre do original: “When scanning the issues of *Museological News* in 1989 I saw that there were missing articles. You refer to missing pages – I believe that these are not pages from specific articles, but the articles themselves. I do not believe that there was a technical mistake, although that is always possible. Vinos put placeholders in MN for the articles he expected to receive, but in their absence, the pages were left blank. On the whole, these articles were never received. Or not written, when it was something that Vinos should write – he was notorious for being late, or sometimes not getting a paper in at all.” (NASH, 2021, doc. eletrônico).

na edição n. 11, e apenas duas na edição n. 12. Embora não saibamos o real motivo, podemos especular que, diante da indesejada ausência de tantos textos na publicação final da décima edição, o editor talvez tenha tomado medidas, aparentemente bem sucedidas, para minimizar a ocorrência desses casos.

Em relação aos oito editoriais¹⁹³ efetivamente publicados, notamos alguns padrões recorrentes na forma como Vinos Sofka escolhia utilizar seu espaço autoral na publicação. Há dois elementos que aparecem em todos os editoriais. Um deles é o convite à participação ativa dos membros do ICOFOM nos trabalhos do Comitê e, principalmente, nas atividades relacionadas às publicações. Outro elemento que se repete em todos os editoriais são os olhares retrospectivos e prospectivos que o editor lança sobre o passado e sobre o futuro do Comitê, avaliando criticamente os últimos eventos que haviam sido realizados e anunciando ou planejando as atividades seguintes¹⁹⁴.

Em relação ao recorrente convite a uma ampla participação dos membros do ICOFOM nos trabalhos do Comitê e nas atividades relacionadas às publicações, isso apareceu pela primeira vez no editorial de *Museological News* n. 3.

Todos nós juntos devemos agir para colocar vida no ICOFOM novamente – ou nossos planos e resoluções não serão nada mais que pensamento positivo. Declarações acadêmicas pronunciadas por ocupantes de cargo eleitos não podem mudar o curso das coisas. A ação de todos os membros do ICOFOM juntos é necessária para atingir o objetivo. [...] Hoje eu gostaria de ampliar o círculo e encorajar todos vocês, que pensam que o Comitê de Museologia é necessário e pode desenvolver um trabalho útil para a comunidade dos trabalhadores de museus, a virem e ajudarem. Nós estamos esperando por você – nosso Comitê precisa de você!¹⁹⁵ (SOFKA, 1983a, p. 4).

O mesmo tipo de apelo voltou a se repetir na edição seguinte:

¹⁹³ Ou seja, os editoriais da terceira à décima edição de *Museological News*, uma vez que os dois primeiros números não foram editados por Sofka, mas por Jan Jelínek, então presidente do ICOFOM; e os dois últimos números que, apesar de editados por Sofka, não trouxeram o editorial.

¹⁹⁴ Essa perspectiva do editor faz lembrar a postura do deus romano Jano, ligado ao tempo e às transições, e que é representado com duas faces, uma voltada para o passado e outra para o futuro. Essa impressão é reforçada pela atenção que o editor dá aos períodos de transição, como veremos neste subcapítulo.

¹⁹⁵ Tradução livre do original: “All of us together must act to put life into ICOFOM again – or our plans and resolutions will be nothing more than wishful thinking. Academic declarations pronounced by elected officeholders cannot change the course. The action of all ICOFOM members together is needed to reach the goal. [...] Today I would like to widen the circle and encourage all of you who think that the Museology Committee is needed and can carry out useful work for museum fellowship in the world to come and help. We are waiting for you – our Committee needs you!” (SOFKA, 1983a, p. 4).

A força do ICOFOM, contudo, não pode se basear apenas em um pequeno grupo de entusiastas comprometidos. Ela depende na ampla participação de todos os membros. Quanto mais os membros se familiarizarem com as análises e propostas, melhores serão as chances de atingir os resultados desejados. [...] Simplesmente: assuma sua responsabilidade pelo ICOFOM e seu futuro!”¹⁹⁶ (SOFKA, 1983b, p. 2)

E também no editorial da quinta edição, ao escrever sobre o Programa Trienal do ICOFOM para o período de 1983 a 1986:

Nós esperamos que ele também encoraje os membros a participarem ativamente. Sem tal suporte e colaboração, o programa não resultará em nada [...] Voluntários são agora necessários para algumas tarefas nos diferentes grupos de trabalho antes do próximo encontro.¹⁹⁷ (SOFKA, 1984a, p. 4)

No editorial da sexta edição, Vinos Sofka citou especificamente, para cada uma das três publicações do ICOFOM, as formas pelas quais os membros poderiam contribuir. Considerando que o boletim gerava um canal de comunicação cuja emissão partia do Comitê para ser recebida pelos membros, Sofka entendia que era necessário que o caminho inverso também fosse realizado, para que os membros pudessem colaborar nas publicações:

O contato na direção oposta deve ser aumentado e ativado. Ativado ao mandar opiniões sobre diferentes minutas e propostas publicadas em *Museological News* antes dos encontros anuais para esse propósito; ao enviar para ISS as contribuições e comentários para o simpósio mesmo se não indo a eles; ao participar na discussão permanente sobre tópicos museológicos nas páginas de *MuWoP*. (SOFKA, 1984a, p. 3).¹⁹⁸

No editorial da sétima edição, Sofka não chegou a fazer uma convocação direta a um maior envolvimento dos membros com os trabalhos do Comitê, como já havia

¹⁹⁶ Tradução livre do original: “ICOFOM's strength, however, can't be based on a small group of committed enthusiasts only. It depends on the wide participation of all the members. The more the members are familiar with the analyses and proposals, the better are the chances to achieve desired results. [...] Simply: take your responsibility for ICOFOM and its future!” (SOFKA, 1983b, p. 2).

¹⁹⁷ Tradução livre do original: “We hope it will also encourage the members to participate actively. Without such a support and collaboration, the programme will come to nothing [...] Volunteers are now needed for some tasks in the different working groups before the next meeting.” (SOFKA, 1984a, p. 4).

¹⁹⁸ Tradução livre do original: “The contact in the opposite direction should be increased and activated. Activated by sending in views on different drafts and proposals published in *MN* before the annual meetings for this purpose, by writing for *ISS* contributions and comments to the symposia even if not attending them, by participating in the permanent discussion on museological topics on the pages of *MuWoP*.” (SOFKA, 1984a, p. 3).

feito anteriormente, mas colocou essa tarefa como um objetivo a ser atingido: “Criar condições para uma mais ampla participação pessoal dos membros nas decisões e atividades do Comitê é um dos desejos que temos que tentar realizar.”¹⁹⁹ (SOFKA, 1985a, p. 1).

O tom de convocação à participação se manteve no editorial da oitava edição:

Todos os membros do ICOFOM têm não apenas a possibilidade de acompanhar o que acontece no Comitê, mas também de expor sua opinião sobre assuntos do ICOFOM: aqueles presentes nos encontros, ao nos falar; aqueles que não podem comparecer, ao escrever para o presidente do Comitê. A chamada para pontos de vista, opiniões e ideias é permanente! [...] leia os seguintes documentos. Depois, escreva suas opiniões e propostas. Fique em contato com seu Comitê, tome parte no seu trabalho! Você é bem-vindo!²⁰⁰ (SOFKA, 1985b, p. 3).

E novamente de modo enfático no editorial da nona edição:

Dentro de nosso Comitê, nós devemos trabalhar para realizar um amplo engajamento de nossos membros em tudo o que acontece e é feito no Comitê, desenvolver o sistema de grupos de trabalho, assim como encontros regionais. Nós temos muito a fazer, certamente, no próximo triênio! Vamos seguir todos juntos com o trabalho!²⁰¹ (SOFKA, 1986b, p. 3).

Por fim, no editorial da décima edição, ao escrever sobre o programa trienal do ICOFOM para o período de 1987 a 1989: “Agora cabe a nós levar adiante esse programa. Então, veja o programa, leia-o, reflita sobre ele e venha conosco! Junto com todos nós!”²⁰² (SOFKA, 1987, p. 7).

Esses insistentes apelos do editor à participação ativa dos membros do ICOFOM nas suas publicações e demais trabalhos do Comitê podem ter sido motivados, pelo menos em parte, pela lembrança do período de aproximadamente

¹⁹⁹ Tradução livre do original: “To create conditions for a wider personal participation of the members in the decisions and activities of the Committee is one of the wishes that we have to try to realize.” (SOFKA, 1985a, p. 1).

²⁰⁰ Tradução livre do original: All the members of ICOFOM have not only the possibility to follow what happens in the Committee but also to air their opinion on ICOFOM matters: those present at the meeting by telling us it, those who cannot attend by writing it to the Chairman. The call for views, opinions, ideas is permanent! [...] go on and read the following documents. Then, write down your views and proposals. Be in touch with your Committee, take part in its work! You are welcome! (SOFKA, 1985b, p. 3).

²⁰¹ Tradução livre do original: “Inside our Committee, we must work for bringing about a wide engagement of our members in everything that happens in and is done by the Committee, develop the working group system as well as regional meetings. We have much to do, indeed, in the coming triennium! Let’s go on with the work all together!” (SOFKA, 1986b, p. 3)

²⁰² Tradução livre do original: “Now it is up to us to carry out this programme. So: look at it, read it, reflect on it and come along! Together with all of us!” (SOFKA, 1987, p. 7).

dois anos entre 1981 e 1982, quando o ICOFOM havia entrado numa fase de inatividade quase total e o Comitê chegou a estar em vias de se dissolver (SOFKA, 1995). No editorial da terceira edição de *Museological News*, Sofka abordou essa situação quando escreveu que “[...] o Comitê finalmente acordou de sua letargia e está voltando à vida novamente”²⁰³ (SOFKA, 1983a, p. 3). Sendo assim, percebemos que Vinos Sofka utilizava seu espaço no editorial para transmitir uma mensagem que motivasse os membros do ICOFOM a se engajar nas atividades necessárias ao desenvolvimento do Comitê, sempre demonstrando abertura e destacando a grande importância dessa participação para que o Comitê ganhasse força e seus objetivos pudessem ser atingidos.

Porém, os membros só poderiam ter a chance de participar se fossem devidamente comunicados sobre as atividades. Nesse sentido, manter os membros do ICOFOM bem-informados era uma tarefa de primeira importância a ser desempenhada pelo boletim. Para executar esse trabalho, foi criado o Grupo de Trabalho de Informação²⁰⁴, durante o encontro constitutivo do Conselho Executivo do ICOFOM realizado no ano de 1983 em Londres, na ocasião do sexto encontro anual do Comitê. Esse grupo de trabalho foi composto por Peter van Mensch como coordenador, e Peter van der Heyden como membro, ambos holandeses.

Sendo assim, a edição de *Museological News* seguinte à criação do Grupo de Trabalho de Informação - edição n. 5 de 1984 - apresentou a particularidade de ter sido editada não apenas por Vinos Sofka, mas também por Peter van Mensch, que escreveu em sua parte do editorial que a publicação do boletim *Museological News* ficaria a cargo do recém-formado Grupo de Trabalho de Informação. Apesar de o quinto número do boletim ter sido preparado em conjunto por Peter van Mensch e Vinos Sofka - com apoio de ambas as instituições nas quais cada um trabalhava²⁰⁵ - tanto no índice quanto no “Editorial em duas partes”²⁰⁶ (ICOFOM, 1984a, p. 2) Sofka

²⁰³ Tradução livre do original: “[...] the Committee has at last woken up from its lethargy and is coming to life again.” (SOFKA, 1983a, p. 3).

²⁰⁴ Tradução livre do original: “Information Working Group”. Os Grupos de Trabalho foram uma forma de organização relativamente descentralizada utilizada pelo ICOFOM para desenvolver seu programa e atingir seus objetivos através da formação de equipes, compostas por alguns de seus membros (tipicamente cinco, no máximo sete), voltadas para atividades específicas de interesse do Comitê. Além do Grupo de Trabalho de Informação, havia outros quatro grupos, cada um voltado para uma atividade a ser desenvolvida pelo Comitê: Programa, Cooperação, Publicação (coordenado por Sofka), e Tratado de Museologia. (ICOFOM, 1984a, p. 17).

²⁰⁵ Ou seja, a *Reinwardt Academie* e o Museu Nacional de Antiguidades em Estocolmo, respectivamente.

²⁰⁶ Tradução livre do original: “A two-piece editorial”. (ICOFOM, 1984a, p. 2).

foi apresentado como presidente do ICOFOM, enquanto quem assinava como editor do boletim era Peter van Mensch, que escreveu que aquela edição de *Museological News* estava sendo apresentada após “alguns problemas iniciais”²⁰⁷ (VAN MENSCH, 1984, p. 2). Em seu editorial, Peter van Mensch (1984, p. 2) se expressou como quem fosse realmente assumir o boletim dali em diante: “Espero ser capaz de desenvolver ainda mais *Museological News* na direção de um verdadeiro ‘centro de distribuição’ de informação museológica.”²⁰⁸ (VAN MENSCH, 1984, p. 2).

A responsabilidade de Peter van Mensch pela edição de *Museological News* ficou claramente estabelecida no Relatório sobre o encontro constitutivo do Conselho Executivo do ICOFOM²⁰⁹:

A necessidade de providenciar informações sobre as decisões tomadas para todos os membros do ICOFOM de modo a engajá-los no trabalho do Comitê foi enfatizada. O canal mais importante para esse propósito é o boletim *Museological News*. Sua publicação, pelo menos duas vezes por ano, deverá ser responsabilidade de Peter van Mensch, o Editor indicado, em colaboração e com o apoio da Reinwardt Academie da Holanda.²¹⁰ (ICOFOM, 1984a, p. 19).

Contudo, não sabemos se a quinta edição havia sido realmente planejada para ter um editorial duplo e servir como uma transição entre as gestões editoriais de Sofka e Mensch à frente do boletim, ou se a cooperação com Sofka foi uma forma de superar os problemas iniciais que Mensch afirmou terem sido enfrentados pelo Grupo de Trabalho de Informação ao assumir a execução dessa tarefa editorial.

Ademais, nos “esclarecimentos, explicações e instruções para a realização do Programa Trienal do ICOFOM (1983-1986)”²¹¹ (ICOFOM, 1984a, p. 23) a responsabilidade de Peter van Mensch como editor do boletim *Museological News* foi reafirmada:

²⁰⁷ Tradução livre do original: “After a few starting problems” (VAN MENSCH, 1984, p. 2).

²⁰⁸ Tradução livre do original: “I hope to be able to develop *Museological News* further in the direction of a true ‘clearing house’ of museological information.” (VAN MENSCH, 1984 p. 2).

²⁰⁹ Tradução livre do original: “Report on the constituent meeting of the ICOFOM Executive Board”. (ICOFOM, 1984a, p. 16).

²¹⁰ Tradução livre do original: “The need for information about the decisions taken to be provided to all members of ICOFOM in order to activate them in the work of the Committee was stressed. The most important channel for this purpose is the bulletin *Museological News*. Its publication, at least twice a year, shall be the responsibility of Peter van Mensch, the appointed Editor, in collaboration with and with the support of the Reinwardt Akademie, Netherlands.” (ICOFOM, 1984a, p. 19).

²¹¹ Tradução livre do original: “Supplement to ICOFOM Triennial Programme 1983-1986. Clarifications, explanations and instructions for the accomplishment.” (ICOFOM, 1984a, p. 23).

A responsabilidade pela publicação das diferentes publicações fica delegada do seguinte modo: [...] O boletim informativo *Museological News* – o Editor (Peter van Mensch) com o Conselho Editorial (atualmente equivalente ao Grupo de Trabalho de Publicações) e o Escritório do Conselho Editorial em Leiden, Holanda.²¹² (ICOFOM, 1984a, p. 26)

Além disso, nesse mesmo documento, entre as tarefas que deveriam ser realizadas em relação às atividades de publicação do Comitê, foi citada a necessidade de estabelecer relações de cooperação entre o ICOFOM e a Reinwardt Academie:

Uma meticulosa preparação dos perfis das publicações, indicação dos Editores (ISS), Conselhos Editoriais (todas as três publicações) e estabelecimento de rotinas de trabalho devem ser feitos assim que possível sob o guiamento do Grupo de Trabalho de Publicações. *As relações de cooperação entre o ICOFOM e a Reinwardt Academie devem ser estabelecidas nessa relação.*²¹³ (ICOFOM, 1984a, p. 26, grifo nosso)

Contudo, embora Peter van Mensch não especifique quais teriam sido os problemas iniciais encontrados pelo Grupo de Trabalho de Informação na elaboração de *Museological News*, eles parecem não apenas não terem sido resolvidos, como possivelmente se agravaram ainda mais, chegando a ponto de impedir a continuidade da publicação do boletim pelo Grupo de Trabalho coordenado por van Mensch, indicando que as relações de cooperação entre o ICOFOM e a Reinwardt Academie provavelmente não puderam ser estabelecidas como o Programa Trienal previa. Nesse contexto, a edição seguinte - *Museological News* n. 6 - já trouxe Vinos Sofka de volta como único editor, sem qualquer menção à participação de Peter van Mensch ou do Grupo de Trabalho de Informação na elaboração daquela edição. Consideramos essa tentativa frustrada de transferência da responsabilidade pela publicação do boletim *Museological News* como uma demonstração da importância que a agência

²¹² Tradução livre do original: “For the publishing program of ICOFOM in its entirety, Pub-WG is responsible. The responsibility for the publishing of different publications is delegated in the following way: the journal *MuWoP* - the Editor (V Sofka) with the Editorial Board (for the present the same as Pub-WG) and the Editorial Board Office in Stockholm, Sweden. The information bulletin *Museological News* - the Editor (Peter van Mensch) with the Editorial Board (for the present the same as Pub-WG) and the Editorial Board Office in Leiden, Netherlands. The series *ICOFOM Study Volumes* - the Editor (not yet appointed) with the Editorial Board (for the present Pub-WG) and the Editorial Board Office at the Reinwardt Academie (P van Mensch) in Leiden, Netherlands.” (ICOFOM, 1984a, p. 26).

²¹³ Tradução livre do original: “A thorough preparation of the publications' profiles, appointment of Editors (*Study Volumes*), Editorial Boards (all the three publications) and determining of working routines have to be made as soon as possible under the guidance of Pub-WG. The co-operation relations between ICOFOM and Reinwardt Academie have to be settled in this connection.” (ICOFOM, 1984a, p. 26)

pessoal de Vinos Sofka havia adquirido dentro do ICOFOM, e nesse caso, principalmente em relação ao trabalho de edição das publicações do Comitê.

Além dos reiterados convites à participação dos membros nos trabalhos do ICOFOM, outro elemento bastante presente nos editoriais escritos por Vinos Sofka em *Museological News* foram as miradas que ele lançava sobre o passado e também para o futuro do Comitê. Sofka repetidamente utilizou seu espaço nos editoriais para realizar breves avaliações retrospectivas sobre as recentes atividades do ICOFOM, além de apresentar projeções e anúncios relacionados aos eventos futuros, principalmente aqueles que estavam em proximidade imediata.

Logo ao assumir a edição de *Museological News*, na terceira edição do boletim, Sofka avaliou a importância que o encontro do ano anterior, 1982, teve para o Comitê, e os reflexos que isso poderia ter para o futuro:

O encontro do ICOFOM em Paris no outono passado ficou para trás. [...] De fato, nós tivemos um encontro muito bom, e não apenas por causa do simpósio e todos os artigos apresentados. Ainda mais encorajador foram as tentativas de recomeçar as atividades e recuperar a fé no futuro do Comitê.²¹⁴ (SOFKA, 1983a, p. 3).

Ainda no mesmo editorial, Sofka anunciou uma tarefa futura: preparar a participação do ICOFOM na 14^o Assembleia Geral do ICOM, que viria a ocorrer em Londres naquele ano de 1983. Ele afirmou que isso exigiria muito trabalho, pois naquela ocasião haveria não apenas um simpósio do ICOFOM, mas também um colóquio em conjunto com o ICTOP, e sobre os quais seriam publicadas as duas primeiras edições da revista ISS. O editor ainda anunciou as tarefas que os membros do ICOFOM deveriam realizar no evento vindouro, e que também consistiam, de certa forma, em olhar para o passado do Comitê e programar o seu futuro: avaliar o último período trienal, planejar o programa para o próximo triênio, realizar eleições para os cargos do ICOFOM, analisar e discutir o perfil e os objetivos de longo prazo do Comitê.

Na quarta edição de *Museological News*, Sofka novamente lançou um olhar retrospectivo e avaliou positivamente o encontro anterior: “No último encontro do ICOFOM, no ano de 1982 em Paris, muitas esperanças encontraram expressão.

²¹⁴ Tradução livre do original: “ICOFOM’S meeting in Paris last fall is behind us. [...] Indeed, we had a very good meeting, and not only because of the symposium and all papers presented. Even more encouraging were the attempts to get the activity started again and to regain faith in the Committee’s future.” (SOFKA, 1983a, p. 3).

Esperanças de uma desejável revitalização e ativação do Comitê.”²¹⁵ (SOFKA, 1983b, p. 2). A quarta edição do boletim, publicada em junho, trazia a expressão “*Londinium ante portas*” como título do editorial, indicando a iminência do próximo encontro que se iniciaria em julho na cidade de Londres e que era visto por Sofka como um encontro de importância decisiva que poderia se tornar um ponto de inflexão para o Comitê.

Nessa dinâmica entre o presente e o futuro, os encontros anuais do ICOFOM eram os marcadores temporais a partir dos quais Vinos Sofka esboçava os seus panoramas, tanto antes quanto depois de cada encontro, primeiro em preparação antecipada, e depois em avaliação retrospectiva.

Sendo assim, Sofka deu ao editorial de *Museological News* n. 5 o título de “Alguns pensamentos pós-Londres”²¹⁶ (SOFKA, 1984d, p. 2). Nele, o editor fez uma avaliação positiva do resultado do encontro na Inglaterra: “A organização que foi adotada em Londres criará condições para um funcionamento racional do ICOFOM. [...] Nós temos mais de 120 membros em 39 países.”²¹⁷ (SOFKA, 1984d, p. 2).

O título do editorial da sexta edição, “Antes de começar em Leiden”²¹⁸ (SOFKA, 1984b, p. 2), também fazia referência direta a um encontro do Comitê, mas dessa vez em direção ao próximo encontro, que ocorreria na cidade de Leiden na Holanda, e que estava se aproximando numa “velocidade cósmica”.²¹⁹ “Em algumas semanas devemos começar a empacotar nossas escovas de dentes para a viagem para Leiden.”²²⁰ (SOFKA, 1984b, p. 3).

Na sétima edição de *Museological News*, Sofka abordou diretamente a questão da passagem do tempo e refletiu sobre os intervalos temporais entre as reuniões, tanto do ICOFOM, quanto do ICOM. O editor expressou a ideia de que as experiências e aprendizados dos encontros passados poderiam trazer melhorias para os encontros futuros:

²¹⁵ Tradução livre do original: “At ICOFOM’s last meeting, in Paris 1982, several hopes found expression. Hopes of a desirable revitalization and activation of the Committee.” (SOFKA, 1983b, p. 2).

²¹⁶ Tradução livre do original: “Some Post-London-Thoughts”. (SOFKA, 1984d, p. 2).

²¹⁷ Tradução livre do original: “The organization that was adopted in London will create conditions for a rational functioning of ICOFOM. [...] We have more than 120 members in 39 countries.” (SOFKA, 1984d, p. 4).

²¹⁸ Tradução livre do original: “Before starting in Leiden”. (SOFKA, 1984b, p. 2).

²¹⁹ A sexta edição foi fechada em 7 de setembro, e o encontro em Leiden se iniciaria menos de um mês depois, em 1 de outubro.

²²⁰ Tradução livre do original: “In some weeks we shall start packing our toothbrushes for the trip to Leiden.” (SOFKA, 1984b, p. 3).

[...] de repente passou pela minha mente: estamos, de fato, bem no meio do intervalo entre os encontros de Leiden e de Zagreb! [...] Eu senti que a distância de Leiden e de tudo que lá aconteceu me dá uma perspectiva melhor sobre o que vai ou deve acontecer em Zagreb em 1985. [...] outros intervalos também passaram pela minha mente: aquele entre os encontros trienais do ICOFOM entre 1983 e 1986, e em um nível maior, entre as Conferências Gerais do ICOM de Londres e de Buenos Aires! Olhares para frente, olhares para trás, avaliações, visões! [...] nós estamos novamente em um intervalo grande e importante. Não exatamente no meio do caminho, mas mesmo isso é de pouca importância. O que é importante é que o ICOM está agora passando por um desenvolvimento substancial, e esse desenvolvimento está acelerando e se tornou mais intenso do que nunca. Estamos nos movendo para frente. Mas o mais importante deve ser que encontremos o caminho certo e os melhores veículos para nossa viagem para o futuro!²²¹ (SOFKA, 1985a, p. 2).

O editorial da oitava edição foi predominantemente voltado adiante para o encontro que ocorreria na cidade de Zagreb na Iugoslávia, no ano de 1985. Sofka utilizou seu espaço no editorial para apresentar a agenda do evento, citando algumas das atividades que fariam parte daquele encontro: excursões, palestras, eventos culturais, e é claro, o simpósio científico que geraria mais uma edição de ISS.

Na edição seguinte, *Museological News* n. 9, Sofka fez o movimento inverso ao voltar o olhar para trás e refletir sobre o último triênio de atividades:

Um triênio está chegando ao seu fim. Os anos de 1983 a 1986, até ontem ainda uma realidade viva, se tornaram uma parte da história. O mundo teve seus grandes e pequenos eventos durante esse período, assim como o ICOM em seu próprio campo. Quais deles foram grandes ou não é certamente uma questão de abordagem pessoal e avaliação.²²² (SOFKA, 1986b, p. 3).

Por fim, o último editorial escrito por Vinos Sofka para o boletim *Museological News*, na décima edição publicada em 1987, foi especialmente dedicado a fazer um balanço dos primeiros dez anos de existência do ICOFOM, durante os quais, segundo

²²¹ Tradução livre do original: “[...] suddenly, it crossed my mind: we are right in the middle of the interval between Leiden and Zagreb, indeed! [...] I felt that the distance from Leiden and all that happened there gives me a better perspective on what is going to or should happen in Zagreb 1985! [...] other intervals suddenly also marched past in my mind: that between ICOFOM’S triennial meetings 1983 and 1986, and that on a larger level, between ICOM’S General Conferences in London and Buenos Aires! Glimpses forward, glimpses backwards, assessments, visions! [...] we are again in an interval – a great and important one. Not exactly in the midcourse – but even that is of little consequence. What is important is that ICOM is right now undergoing a substantial development, this this development is accelerating and has become more intensive than ever. That we are moving forward. But the most important thing must be that we find the right track and the best vehicles for our trip into the future!” (SOFKA, 1985a, p. 2).

²²² Tradução livre do original: “A triennium is coming to its end. The years 1983-1986, until yesterday still a living reality, have become a part of history. The world has had its big and small events during this period, and so has ICOM in its own field. Which of them were big ones and which not is surely a question of personal approach and assessments.” (SOFKA, 1986b, p. 3).

Sofka, a Museologia teria se consolidado e ganhado aceitação internacional. Desse modo, o Comitê poderia olhar para seu passado sem envergonhar-se de si mesmo, pois havia, pelo menos em parte, cumprido a sua missão de “[...] divulgar o conhecimento das ideias museológicas modernas e ajudar nos diferentes campos de desenvolvimento museológico.”²²³ (SOFKA, 1987, p. 5).

Ao fazer essa avaliação, o editor salientou as duas principais atividades realizadas pelo ICOFOM ao levar adiante a sua missão de desenvolver a Museologia: os encontros e as publicações. Em seu balanço, Sofka salientou que, ao longo de seus primeiros dez anos, o ICOFOM havia realizado encontros em dez países²²⁴ e produzido vinte e sete edições de suas publicações. Além disso, outro indicativo de sucesso do Comitê seria o número de membros, que havia aumentado de cerca de uma centena em 1980, para quatrocentos e vinte membros em 1987, o que fazia do ICOFOM o terceiro maior Comitê do ICOM.

Como de costume nos editoriais, após lançar um olhar retrospectivo e avaliativo sobre as recentes atividades do passado, o editor voltou sua perspectiva para os prognósticos do Comitê, informando aos leitores que os planos para o futuro próximo já haviam sido decididos no recente encontro de Buenos Aires com a aprovação do Programa do ICOFOM para o Triênio entre 1987 e 1989, e que cabia aos membros se informar sobre ele, refletir e participar. Ainda sobre o futuro, além do programa trienal, Sofka informou que um programa de longo prazo, mas que poderia ser adaptado para atender as demandas dinâmicas da sociedade, também havia sido aprovado durante o encontro na Argentina.

Portanto, através de um exame dos oito editoriais publicados por Vinos Sofka no boletim *Museological News*, de 1983 a 1987, notamos que o editor escolhia utilizar seu espaço no editorial - dirigido aos leitores do boletim, e portanto, potencialmente a todos os membros do ICOFOM – principalmente para duas funções: convocar os membros a participar dos trabalhos e atividades do Comitê; e lançar olhares retrospectivos e prospectivos em relação à atuação do ICOFOM, com breves balanços dos eventos recentes passados e anúncios e projeções dos próximos eventos futuros. Desse modo, entendemos que Vinos Sofka buscava estimular um aumento na participação ativa dos membros-leitores nas atividades do Comitê ao mesmo tempo

²²³ Tradução livre do original: “[...] distributting knowledge of modern museological ideas and to help in different fields of museological development.” (SOFKA, 1987, p. 5).

²²⁴ Rússia, Polônia, Itália, México, França, Inglaterra, Holanda, Iugoslávia, Argentina e Alemanha.

em que os situava diante da posição do ICOFOM naquele momento de seu desenvolvimento, permitindo que os membros tivessem as informações básicas para desempenhar uma atuação de acordo com os objetivos do Comitê. Sendo assim, a maior parte do conteúdo do boletim servia para manter os membros informados sobre os trabalhos e eventos do ICOFOM, facilitando o seu envolvimento nessas atividades.

Trazer informações sobre o funcionamento do ICOFOM para os membros do Comitê era a função prioritária do boletim informativo *Museological News*, e apesar de o boletim nunca ter perdido esse caráter essencialmente informativo, no decorrer de suas edições ele passou a apresentar artigos de caráter científico em número crescente, embora a publicação desse tipo de texto não estivesse inicialmente prevista como um dos objetivos do boletim.

4.2 O conteúdo científico no boletim *Museological News*

Neste subcapítulo pretendemos examinar o aparecimento e posterior crescimento do volume de textos de caráter científico que foram publicados como parte do conteúdo do boletim informativo *Museological News*. Para este exame, consideramos como texto científico, além daqueles que apresentavam pesquisas ou reflexões teóricas sobre a Museologia, também textos descritivos sobre a condição da Museologia em determinados países, a apresentação de um projeto de museu e de um centro de documentação, um estudo psicológico sobre visitantes de um museu, ou até mesmo uma avaliação “não-científica”²²⁵ sobre o trabalho do ICOFOM. O que os diferencia, sobretudo, do conteúdo que consideramos como não-científico no boletim é precisamente o fato de não tratarem de assuntos administrativos ou informativos do Comitê, mas de aspectos da Museologia, ainda que não necessariamente de um ponto de vista teórico. Fizemos uso de quadros para demonstrar o volume desse material de um ponto de vista quantitativo. Além disso, buscamos identificar o contexto de produção desse material e as circunstâncias que podem ter motivado sua publicação no boletim informativo.

A oitava edição de *Museological News*, publicada em 1985, foi a primeira a trazer textos de natureza científica, e não exclusivamente de caráter administrativo ou informativo, como havia ocorrido nas sete primeiras edições. Sem que fosse

²²⁵ Tradução livre do original: “unscientific” (SPIELBAUER, 1989, p. 79).

apresentada, no próprio boletim, qualquer menção sobre as causas ou os propósitos dessas novidades, a oitava edição trouxe duas novas seções indicadas em seu sumário: “Propostas para reflexão”²²⁶ e “Programa de Palestras 1985”²²⁷ (ICOFOM, 1985, p. 1).

Quadro 8 - Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em *Museological News* n. 8

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
Proposals for reflection	Classification system of museum terms	Zbynek Z. Stránský
Proposals for reflection	Classification system for the field "Museum/Museology"	Klaus Schreiner
Proposals for reflection	Common theses on museology. An attempt to summarize standpoints on the fundamentals of museology	Klaus Schreiner
Lecture Programmes 1985	New Museology 1985	André Desvallées
Lecture Programmes 1985	Additional note from the chairman of ICOFOM	Vinos Sofka
Lecture Programmes 1985	Project Musée arabe - Paris	Christiane E. Naffah

Fonte: Adaptado de *Museological News* n.8 (1985) pelo autor, 2022.

No texto “Sistema de classificação para os termos de museu”, Stránský (1985) expôs o esboço de um sistema de classificação proposto por um Grupo de Trabalho de Terminologia do qual ele fazia parte no âmbito do Comitê Internacional para a Documentação (CIDOC). Esse sistema de classificação estava sendo elaborado para ser usado na quinta edição do *Dictionarium Museologicum*. Stránský informou que o Grupo de Trabalho de Terminologia do CIDOC havia solicitado ao presidente do ICOFOM que este Comitê emitisse uma opinião sobre aquele novo sistema de classificação que viria a substituir a organização alfabética dos termos. Esse foi o contexto que motivou a publicação desse texto em *Museological News* com o objetivo de oferecer a possibilidade de um exame crítico desse sistema de classificação para todos os membros do ICOFOM²²⁸. Nessa mesma edição de *Museological News*, Stránský (1985a) publicou um outro texto no qual defendia que no próximo encontro do ICOFOM fosse criado um Grupo de Trabalho para tratar especificamente sobre a questão da terminologia museológica também no âmbito do ICOFOM.

²²⁶ Tradução livre do original: “Proposals for reflection” (ICOFOM, 1985, p. 1).

²²⁷ Tradução livre do original: “Lecture Programmes 1985” (ICOFOM, 1985, p. 1).

²²⁸ É oportuno lembrar que, diferentemente das revistas *MuWoP* e *ISS*, o boletim *Museological News* era distribuído gratuitamente a todos os membros do ICOFOM.

Os outros dois textos da seção “Propostas para reflexão” foram assinados por Klaus Schreiner, que era membro do Grupo de Trabalho do Tratado de Museologia²²⁹, no ICOFOM. Um deles consistia num sistema de classificação semelhante ao que Stránský apresentou, mas Schreiner não o acompanhou de uma introdução que apresentasse o seu contexto, como Stránský havia feito. Já a publicação do segundo texto de Schreiner aparece bem contextualizada:

Durante nosso oitavo encontro do ICOFOM em Leiden/Holanda em outubro de 1984 foi declarado, ao fim do simpósio internacional, que a discussão de problema museológicos teóricos por um lado mostrava uma série de diferentes opiniões, mas por outro lado, crescente e predominantemente, concordâncias eram alcançadas por participantes de diferentes países e regiões. O ICOFOM existe desde 1977, e após numerosas discussões internacionais em encontros e publicações, é possível e necessário sumarizar as posições correspondentes sobre os fundamentos da museologia que já foram alcançadas. Com o consentimento de Vinos Sofka, presidente do ICOFOM, e Judith Spielbauer, secretária; Klaus Schreiner, vice-presidente, assumiu a tarefa de formular as concordâncias importantes que já foram alcançadas, na forma de “Teses Comuns sobre Museologia” com o objetivo de transmiti-las aos membros do ICOFOM para que eles deem suas opiniões. (SCHREINER, 1985, p. 49).²³⁰

Assim como a publicação do sistema de classificação de termos, por Stránský, a presença do texto de Schreiner também é justificada pela oportunidade de permitir que todos os membros do ICOFOM tivessem acesso ao material e realizassem uma avaliação crítica que pudesse contribuir para o desenvolvimento daquele estudo.

A oitava edição de *Museological News*, que havia sido concluída em 15 de setembro de 1985, ainda trazia outros três textos que faziam parte da seção “Programas de Palestras 1985”, e eram referentes às palestras que deveriam ocorrer

²²⁹ Havia outros comitês que também trabalhavam no Tratado de Museologia. No ICOFOM, o coordenador desse Grupo de Trabalho era Stránský, e os demais membros eram André Desvallées, Janine Schotsmans, Soichito Tsuruta, e Vinos Sofka, que juntamente com Stránský, era representante do ICOFOM no Comitê de Planejamento do Tratado de Museologia junto ao ICOM.

²³⁰ Tradução livre do original: “During our VIIIth meeting of ICOFOM in Leiden/Holland in October 1984 there was stated, at the closing of the international symposium, that the discussion of theoretical, museological problems on the one hand showed a series of different opinions, but that, on the other hand, predominantly and in increasing degree conformities were achieved between the participators of the different countries and regions. ICOFOM has been existing since 1977, and after numerous international discussions at meetings and in publications it is possible and necessary to summarize correspondent positions on fundamentals of museology that have already been achieved. With the consent of Vinos Sofka, chairman of ICOFOM, and Judith Spielbauer, secretary, Klaus Schreiner, vice-chairman, took over the task of formulating important conformities, which have been achieved, in form of “Common Theses on Museology” in order to be able to transmit them to the members of ICOFOM for their giving opinion.” (SCHREINER, 1985, p. 49).

no oitavo encontro do ICOFOM, em 2 de outubro²³¹. Um deles, escrito por André Desvallées tratava sobre o movimento da Nova Museologia, e era seguido de um texto de Vinos Sofka sobre o mesmo tema. O outro texto tratava sobre o projeto de um Museu Árabe a ser realizado em Paris. Sendo assim, esses textos serviam para introduzir os participantes nos temas das palestras que ocorreriam no encontro vindouro. A oitava edição apresentou 93 páginas, sendo 49 delas preenchidas por textos científicos, ou seja, 52% do total. Identificamos que os textos foram publicados com o objetivo de oferecer estudos museológicos em andamento para que os membros do ICOFOM pudessem examiná-los e oferecer suas contribuições ao tema. No caso dos textos relativos às palestras, eles serviam para introduzir os participantes nos temas que seriam abordados no próximo encontro.

Apesar dos insistentes apelos editoriais de Vinos Sofka para que mais membros do Comitê enviassem textos para serem publicados no boletim *Museological News*, notamos que, em relação aos textos sobre teoria museológica, a autoria ainda seguia restrita aos membros mais ativos do Comitê e que nele ocupavam cargos, como André Desvallées, Klaus Schreiner, Zbýnek Stránský, e o próprio Vinos Sofka.

A nona edição de *Museological News*, publicada em 1986, trouxe sete textos científicos, seis deles em uma seção dedicada a um painel de debates sobre “Política cultural, museus e museologia na América Latina”, e um texto numa nova seção intitulada “Outras contribuições”.

Quadro 9 - Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em *Museological News* n. 9

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museumology in Latin America	La ciencia museologica y la educación en el contexto de los museos de Latinoamerica	Norma R. de Meyer
ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museumology in Latin America	Cultural policy of museums and museumology in Argentina	Sara Peña de Bascary
ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museumology in Latin America	Bolivia: cultural background	Rita Aramayo; Gloria Terrazas
ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museumology in Latin America	Musées Brésiliens	Lourdes Rego Novaes

²³¹ Além das palestras sobre a Nova Museologia e sobre o Museu Árabe, a agenda do oitavo encontro do ICOFOM previa uma terceira palestra, sobre a situação dos museus na Iugoslávia, mas sobre a qual não foi publicado um texto específico em *Museological News*, como ocorreu em relação às outras duas palestras previstas.

ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museology in Latin America	Los museos y su proyección cultural en la Republica Dominicana	Moisés de Soto David
ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museology in Latin America	Museums in Paraguay	Bernando Ismachoviez
Other contributions	The museum and its didactic features in the area of "Exhibition"	Manfred Tripps

Fonte: Adaptado de *Museological News* n. 9 (1986) pelo autor, 2022.

Um breve texto não assinado, mas escrito por Vinos Sofka, foi incluído para apresentar a seção sobre o painel de debates que ocorreria no encontro de Buenos Aires e cujo tema contemplaria os museus e a Museologia latino-americana. Sofka (1986c) afirmou que o estudo de situações regionais e nacionais não era uma novidade, pois já havia ocorrido nos dois encontros anteriores do ICOFOM: Leiden em 1984, e Zagreb em 1985. É interessante notar que, apesar de que esses estudos já tivessem sido realizados em outros encontros do Comitê, as edições anteriores de *Museological News* não publicaram qualquer texto relativo a eles. Tratou-se, portanto, de uma inovação editorial implementada na nona edição. Sofka ainda informou que nem todos os artigos previstos haviam chegado a Estocolmo e, portanto, outros textos, além daqueles ali publicados, ainda poderiam ser apresentados no encontro que ocorreria em Buenos Aires.

O objetivo da publicação desses textos era fazer com que os debates presenciais que ocorreriam nos encontros pudessem ser mais produtivos, uma vez que as ideias principais de cada autor sobre o tema poderiam ser apresentadas com antecedência, permitindo a reflexão crítica prévia à realização do painel de debates. De certa forma, era como se, através da publicação dos textos em *Museological News* antes do encontro, o painel de debates ganhasse uma etapa preparatória remota, antes do debate presencial dos encontros, apesar das dificuldades que esse trabalho trazia: “Nem todos estão informados sobre o método de trabalho do ICOFOM no qual os textos são previamente impressos. A distância e os problemas de linguagem não tornaram o trabalho com esse projeto mais fácil”.²³² (ICOFOM, 1986c, p. 49).

Se os textos não fossem previamente impressos e distribuídos aos membros do Comitê, o primeiro contato se daria no próprio evento, sem que os autores tivessem

²³² Tradução livre do original: “Not everybody is informed about the ICOFOM working method with papers printed in advance, and the distance and language problems as well have not made the work with the project easier. (ICOFOM, 1986c, p. 49)”.

tempo de conhecer e avaliar as ideias de seus pares. Antes da disseminação do uso da internet, o intercâmbio de textos científicos impressos era fundamental para a troca de conhecimentos entre os pesquisadores. Nesse sentido, o escritório de Vinos Sofka em Estocolmo funcionava como um centro de distribuição de textos museológicos, que ele recebia de autores de diversas partes do mundo, e depois os publicava nas revistas do ICOFOM, diminuindo as distâncias de contato entre os profissionais de museu.

Sobre o artigo do alemão Manfred Tripps, único texto da seção “Outras contribuições”, não foi apresentado um texto introdutório que o contextualizasse. Das 97 páginas da nona edição, 25 delas foram dedicadas à publicação de textos científicos, ou seja, 25% do total. Assim como havia ocorrido na edição anterior, percebemos que a publicação dos textos foi justificada pela oportunidade de oferecer um material que pudesse introduzir os membros do Comitê às ideias que seriam debatidas no próximo encontro, novamente como uma forma de preparação remota para que o painel de debates presencial pudesse ser mais produtivo.

Na décima edição, publicada em 1987, foram apresentadas duas seções intituladas “Estudo de caso 1987 - Política cultural, patrimônio, museus e museologia”²³³ (ICOFOM, 1987, p. 2), sendo que uma delas era sobre a Finlândia e outra sobre a Suécia, uma vez que o encontro de 1987, que durou doze dias, foi dividido entre os dois países. Por abordar a situação da política cultural, patrimônio, museus e Museologia de um ponto de vista nacional, essas duas seções de Estudos de Caso parecem equivalentes à seção relativa ao Painel de Debates publicada na edição anterior, quando foram publicados cinco textos apresentando países da América Latina.

Quadro 10 - Seção, títulos e autores dos textos relativos aos Estudos de Caso publicados em *Museological News* n. 10

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
Cultural policy, the heritage, museums and museology in Finland	Museums, monuments and the Finnish cultural policy	Jaakko Numminen
Cultural policy, the heritage, museums and museology in Finland	Position of museums in Finland	Carl Jakob Gardberg

²³³ Tradução livre do original: “Case Study 1987: Cultural policy, the heritage, museums and museology”. (ICOFOM, 1987, p. 2) Ou seja, praticamente o mesmo tema do painel de debates sobre a América Latina, realizado no ano anterior, a diferença foi a inclusão do termo “patrimônio” (*heritage*, no original).

Cultural policy, the heritage, museums and museology in Finland	Cultural policy, communities and their museums*	Matti Rossi
Cultural policy, the heritage, museums and museology in Finland	The Finnish Museum Association: Working with and on behalf of museums	Elina Melgin
Cultural policy, the heritage, museums and museology in Sweden	Museums in Sweden today - their role in cultural policy	Gudrun Vahlquist
Cultural policy, the heritage, museums and museology in Sweden	Museums in cultural resource management*	Margareta Biornstad
Cultural policy, the heritage, museums and museology in Sweden	Hembygdsrörelsen – National movement for Swedish culture and nature. A glance back and ahead*	Kjell Nilsson

Fonte: Adaptado de *Museological News* n. 10 (1987) pelo autor, 2022.

Assim como aconteceu com os Estudos de Caso, no encontro de 1987 também houve dois seminários, um em cada país, sendo que o seminário finlandês foi dedicado ao tema “A necessidade de museologia”²³⁴ (ICOFOM, 1987, p. 2), e o seminário sueco foi intitulado “Centros nacionais de documentação museológica - pedras angulares de uma rede internacional de documentação de museus?”²³⁵ (ICOFOM, 1987, p. 3).

Quadro 11 - Seção, títulos e autores dos textos científicos relativos aos Seminários publicados em *Museological News* n. 10

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
Seminar Finland 1987 - The need for museology	The state of museology in Finland	Markku Lahti
Seminar Finland 1987 - The need for museology	Museology - an intellectual extravagance or a useful and needed tool for the work of museums and other institutions in handling the heritage of man?*	Vinos Sofka
Seminar Finland 1987 - The need for museology	Theory and practice: On museology as an inevitable base for museum work	Zbynek Z. Stránský
Seminar Finland 1987 - The need for museology	Practice and theory: On museum work as a source of ideas for study and conclusions of general theoretical validity for the museum field	Peter van Mensch
Seminar Finland 1987 - The need for museology	The need for museology in Asia	Vasant H. Bedekar
Seminar Finland 1987 - The need for museology	On material culture, museums and museology	Flora S. Kaplan

²³⁴ Tradução livre do original: “The need for museology”. (ICOFOM, 1987, p. 2).

²³⁵ Tradução livre do original: “National museum documentation centres - corner stones of an international museum documentation network?” (ICOFOM, 1987, p. 3).

Seminar Finland 1987 - The need for museology	The need for museology in Africa	Alpha O. Konaré
Seminar Finland 1987 - The need for museology	The need for museology in Latin America	Tereza M. Scheiner
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	RINDOK - Swedish Travelling Exhibitions Information and Documentation Centre for Exhibitors	Ulla Keding Olofsson
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	Museum Documentation Centre: From a specific case to a specific museological problem	Tomislav Sola
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	Project of the national system of documentation by the National Board of Museums	Nelly Decarolis
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	Museum Documentation	Andreas Grote
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	African views on museum documentation	Alpha Konaré; Fidelis Masao; Manyando Mukela
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	Meeting the need for museum documentation in India	Mohan L. Nigam
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	To document the heritage: Experience from the Brazilian Memory of Electricity	Tereza M. Scheiner
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	The Unesco-ICOM Documentation Centre: Past plans, experience and lessons to draw	Suzanne Nash
National museum documentation centres – corner stones of an international museum documentation network?	Today's realities and views to the future	Susanne Peters

Fonte: Adaptado de *Museological News* n. 10 (1987) pelo autor, 2022.

Além dos vinte e quatro textos referentes aos Estudos de Caso e aos Seminários, outros três textos foram publicados na seção “Painel de Debates do ICOFOM 1987 - Um dilema de mídia: O texto nas exposições de museu”²³⁶ (ICOFOM, 1987, p. 4), também em antecipação ao tema do Painel de Debates que ocorreria na Suécia (Quadro 11).

²³⁶ Tradução livre do original: “ICOFOM discussion panel 1987 - A media dilemma: Texts in museum exhibitions” (ICOFOM, 1987, p. 4).

Quadro 12 - Seção, títulos e autores dos textos relativos ao Painel de Debates publicados em *Museological News* n. 10

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
ICOFOM discussion panel 1987 - A media dilemma: Texts in museum exhibitions	Too much to read - too little to see: Exhibition techniques and the 2-D syndrome	Manfred Tripps
ICOFOM discussion panel 1987 - A media dilemma: Texts in museum exhibitions	Museum exhibitions as an object of theoretical investigation	Jerzy Swiecimski
ICOFOM discussion panel 1987 - A media dilemma: Texts in museum exhibitions	The behavior of visitors to the Salar Jung Museum: A psychological study	Anita B. Shah

Fonte: Adaptado de *Museological News* n. 10 (1987) pelo autor, 2022.

A décima edição teve 219 páginas e 79 delas continham textos científicos, ou seja, 36% do total. Em consonância com as duas edições anteriores, os textos científicos publicados na décima edição serviram para introduzir com antecedência, para todos os membros do Comitê, as ideias que seriam apresentadas nos eventos do próximo encontro.

A edição de *Museological News* n. 11, publicada em 1988, apresentou quinze textos científicos, sendo dez deles numa seção novamente dedicada aos estudos de casos nacionais, dessa vez aplicados à Índia, e com os mesmos termos usados na edição anterior: “Estudo de Caso 1988 - Política cultural, patrimônio, museus e museologia na Índia”²³⁷ (ICOFOM, 1988, p. 4). Os outros cinco textos foram publicados na seção “Contribuições para tópicos especiais”²³⁸ (ICOFOM, 1988, p. 5) sobre a qual não foi apresentado qualquer texto introdutório que pudesse contextualizá-la, e tampouco os temas tratados pelos autores guardavam relação entre si. Com exceção desses textos, os outros novamente antecipavam o Estudo de Caso nacional que faria parte do encontro vindouro. Entre todas as edições do boletim *Museological News* aqui analisadas, a décima primeira foi a que teve o maior número de páginas impressas: 287 ao todo, e também o maior número absoluto de páginas dedicadas aos textos científicos: 147, ou seja, 51% do total daquela edição.

²³⁷ Tradução livre do original: “Case Study 1988 - Cultural policy, the heritage, museums and museology in India” (ICOFOM, 1988, p. 4).

²³⁸ Tradução livre do original: “Contributions to special topics” (ICOFOM, 1988, p. 5).

Quadro 13 - Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em *Museological News* n. 11

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Status and problems of conservation in South and Southeast Asia	O. P. Agrawal
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Analytical study of the state of museology in India	V. H. Bedekar
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	The storage areas of Indian museums	I. K. Bhatnagar
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Museology in India: problems and prospects	A. Ch. Bhowmick
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Museology in Banaras Hindu University	T. K. Biswas; S. K. Srivastava
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Three Tier Training Programme in the Indian Museum in Calcutta	S. Chakraborti
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Cultural policy, the heritage, museums and museology - Case Study Orissa	H. C. Das
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Training and research in museology at the University of Baroda	R. T. Parikh
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Psycho-aesthetic approach to museology in India	A. B. Shah
Cultural policy, the heritage, museums and museology in India	Museology and developing countries - help or manipulation? Case study India: A plan of action	O. P. Tandon
Contributions to special topics	Engineering works and scaled down models or the industry revealed. "New Deal" and new communication media for the industrial heritage	Marc-A. Barblan
Contributions to special topics	On theoretical museology	Renato Cialdea
Contributions to special topics	On the normalization factor of the museum equation	Renato Cialdea
Contributions to special topics	The content and form in the museum exhibition: the problem of their mutual relation and the designer's responsibility for their accuracy	Jerzy Swiecimski
Contributions to special topics	The Proper Business of the Museum: Ideas or Things?	Stephen E. Weil

Fonte: Adaptado de *Museological News* n.11 (1988) pelo autor, 2022.

Por fim, na décima segunda edição, publicada em 1989, a maior parte dos textos científicos foi apresentada em duas seções relativas aos seminários do encontro de 1989, um deles dedicado a realizar uma avaliação dos resultados obtidos pelo trabalho do ICOFOM desde a sua fundação, e outro dedicado ao tema da Museologia e a preservação da paisagem. Além disso, foram publicados outros quatro textos, sendo três deles numa nova seção intitulada "Relatórios, visões, opiniões"²³⁹ e

²³⁹ Tradução livre do original: "Reports, views, opinions".

um na seção “Contribuições para tópicos especiais”²⁴⁰, para as quais não foi apresentado um contexto ou justificção de sua publicação (Quadro 13).

Quadro 14 - Seção, títulos e autores dos textos científicos publicados em *Museological News* n. 12

SEÇÃO	TÍTULO	AUTOR
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	ICOFOM 1977-1983 and 1983-1989: some tendencies	Peter van Mensch
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	Survey of ICOFOM activities 1977-1988	Josef Benes
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	ICOFOM - an evaluation	Nelly Decarolis
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	Quelques impressions d'un muséologue sur l'activité de son Comité pendant neuf ans, suivies de quelques suggestions pour l'avenir	André Desvallées
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	ICOFOM evaluation	Vera R. L. Forman
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	Evaluation du travail passé du Comité	Norma Rusconi de Meyer
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	About the historical development of museology and the role of ICOFOM	Klaus Schreiner
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	A short unscientific appraisal of the work of ICOFOM	Judith K. Spielbauer
Seminar 1989 - ICOFOM 1977-1989: Assessment of achievements	ICOFOM 1977-1988	Zbynek Z. Stránský
Seminar 1989 - Museology and landscape preservation	Musée et sauvegarde du paysage	Mathilde Bellaigue
Seminar 1989 - Museology and landscape preservation	La conservation du paysage est-elle un problème muséologique?	Renato Cialdea
Seminar 1989 - Museology and landscape preservation	The reflection of the unity of natural and social processes in "deconcentrated museums"	Klaus Schreiner
Reports, views, opinions	ICOFOM - an international base for ISSOM activities	Zbynek Z. Stránský
Reports, views, opinions	La muséologie en France	André Desvallées
Reports, views, opinions	Introduction to museums in Indonesia	Muhammad Amir Sutaarga
Contributions to special topics	Réflexions sur l'action culturelle et pédagogique dans le musée	Michel van Praët

Fonte: Adaptado de *Museological News* n. 12 (1989) pelo autor, 2022.

²⁴⁰ Tradução livre do original: “Contributions to special topics”.

Novamente vemos se repetir o padrão de serem publicados, principalmente, textos que serviam para introduzir os membros do Comitê aos temas dos eventos do próximo encontro, como os dois seminários que estavam preparados para o ano de 1989.

Embora a quantidade total, em números absolutos, de páginas contendo textos científicos em *Museological News* n. 12 fosse inferior ao da edição anterior, a proporção de conteúdo científico em relação ao total de páginas foi a maior de todas as quinze edições, atingindo 62%, conforme pode ser visto no seguinte quadro.

Quadro 15 - Quantificação das páginas com conteúdo científico em edições de *Museological News*

N. da edição	Total de páginas	Páginas científicas	Porcentagem de páginas científicas
8	93	49	52%
9	97	25	25%
10	219	79	36%
11	287	147	51%
12	161	101	62%
8, 9, 10, 11, 12	857	401	46%

Fonte: Adaptado de *Museological News* (1983-1989) pelo autor, 2022.

Portanto, ao realizar um exame dos textos que compunham a parte científica do boletim informativo *Museological News*, identificamos que havia uma menor parte deles que não estava associada com os eventos realizados nos encontros do ICOFOM, e que, portanto, parecem fazer parte dos “[...] artigos interessantes enviados para o Editor [e que] também foram publicados lá.”²⁴¹ (SOFKA, 1995, p. 26). Com exceção desses casos, a maior parte deles eram relativos aos estudos de caso, seminários, palestras e painéis de debate que estavam programados para ocorrer no encontro seguinte à publicação daquela edição, de modo a oferecer um material de leitura que pudesse preparar os membros do Comitê para uma participação mais produtiva nos encontros.

Esse método de trabalho editorial é semelhante ao que era utilizado nas revistas ISS, nas quais os textos escritos pelos autores inscritos no simpósio eram

²⁴¹ Tradução livre do original: “[...] interesting papers sent to the Editor were also published there.” (SOFKA, 1995, p. 26).

publicados, na forma de *preprint*, antes da realização dos encontros, para que todos os participantes pudessem conhecê-los. Durante cinco edições de *Museological News* entre 1985 e 1989 - ou seja, do número 8 ao número 12 - o boletim, cujo projeto inicial previa apenas a publicação de conteúdo informativo, também serviu como um suporte para a publicação de *preprints* de artigos científicos com a diferença de que, enquanto nas revistas ISS os artigos abordavam especificamente o tema do simpósio anual do ICOFOM, no boletim *Museological News* - com exceção dos textos publicados como “contribuições para tópicos especiais” e que não guardavam relação com os eventos do encontro anual – foram publicados textos relacionados aos outros eventos científicos realizados nos encontros do Comitê, como as palestras, os seminários, os painéis de debate, e os estudos de caso.

A publicação desse conteúdo científico no boletim informativo *Museological News* parece ter sido motivada, pelo menos em parte, pela inviabilidade de o Comitê arcar com os custos de impressão da revista MuWoP, cuja segunda e última edição havia sido publicada em 1982²⁴². Contudo, pelo menos até o final da presidência de Vinos Sofka, ainda se mantinham esperanças de que ela poderia voltar a ser publicada, como pode ser lido nas sugestões que Stránský fez ao final de um texto no qual ele avaliou os dez primeiros anos de trabalho do ICOFOM, e que foi publicado na décima segunda edição de *Museological News*, em 1989:

Para garantir uma efetiva troca interna e externa de informações e publicidade, todos os esforços devem ser feitos para manter as formas existentes de publicação e, sobretudo, garantir que MuWoP seja novamente publicada regularmente.²⁴³ (STRÁNSKÝ, 1989, 86).

Se a revista MuWoP tivesse seguido o curso idealizado por Vinos Sofka, ela teria uma edição por ano. Isso quer dizer que até o ano de 1985, quando a oitava edição de *Museological News* passou a apresentar textos científicos, pelo menos duas edições de MuWoP já haviam deixado de ser publicadas. Nesse contexto, entendemos que, diante da impossibilidade de publicar artigos científicos na revista MuWoP, o editor Vinos Sofka aproveitou o boletim informativo *Museological News*

²⁴² Apesar de sua capa indicar o ano de 1981, a segunda edição da revista MuWoP atrasou e somente foi impressa em 1982.

²⁴³ Tradução livre do original: “To assure successful external and internal exchange of information and publicity, all efforts should be made to maintain the existing forms of publishing and above all to assure that the MuWoP is again published on a regular basis.” (STRÁNSKÝ, 1989, 86).

também como um suporte para a publicação de material científico, incluindo alguns artigos que estavam esperando para serem publicados em MuWoP e que, com a descontinuidade de sua publicação, acabaram ficando represados no escritório do Conselho Editorial do ICOFOM em Estocolmo, sob a presidência de Vinos Sofka.

Sendo assim, consideramos que Vinos Sofka, na posição de um importante agente do campo museológico durante a década de 1980, ao ocupar a presidência do ICOFOM e a editoração de suas publicações, foi capaz de investir seu capital científico institucional, obtido a partir da ocupação dessas posições-chave no ICOFOM, em uma operação de transformação do caráter e dos objetivos da publicação *Museological News*, transformando-a, em parte, numa revista científica que deveria, pelo menos parcialmente, suprir o vazio deixado pela descontinuidade da publicação da revista MuWoP, cuja função era precisamente publicar textos museológicos de caráter científico.

4.3 O aspecto arquivístico e museal do boletim *Museological News*

Não é surpreendente que um profissional de museu, pela própria natureza das atividades rotineiramente praticadas nesse âmbito profissional, tenha uma consciência especialmente sensível para os aspectos arquivísticos e memoriais de muitos dos atos que praticamos em sociedade. Em 1995, quando Martin Schärer, então presidente do ICOFOM, convidou Vinos Sofka a escrever algumas reminiscências de sua vida com o ICOFOM e a Museologia, um dos argumentos utilizados para convencê-lo foi de que ele deveria escrever aquelas memórias, pois:

De outro modo, tudo que você pensou, desejou, e experimentou, tanto o bom quanto o ruim, aproveitável e divertido, ou triste, irritante ou decepcionante, e que você tentou fazer e efetivamente fez durante seu tempo no Comitê, e especialmente como seu Presidente e Editor de suas três publicações periódicas, será esquecido e perdido.²⁴⁴ (SOFKA, 1995, p. 1).

Vinos Sofka aceitou o pedido de Martin Schärer e preservou suas memórias em relação ao ICOFOM ao escrever aquele relato autobiográfico. Assim como o

²⁴⁴ Tradução livre do original: “Otherwise, everything you thought, intended, and experienced, both good and bad, enjoyable and fun, or sad, annoying or disappointing, and that you tried to do and really carried out during your time in the Committee, and especially as its Chairman and Editor of its three periodical publications, will be forgotten and lost.” (SOFKA, 1995, p. 1).

registro escrito de suas palavras preservaram suas memórias pessoais, Sofka também reconhecia que o boletim *Museological News* havia ajudado a preservar a memória da Museologia.

[...] ele preservou, de um modo verdadeiramente museológico, como posso julgar agora enquanto escrevo a história do Comitê, o resultado do trabalho em comum da fraternidade museológica em todo o mundo durante aquele período.²⁴⁵ (SOFKA, 1995, p. 27)

Essa ideia de que o boletim *Museological News* serviu para a preservação de uma parte da memória do ICOFOM foi declarada de modo reiterado no texto de Vinos Sofka (1995). Ao escrever sobre uma proposta que foi apresentada ao Conselho Consultivo Editorial da revista *Museum* sobre a necessidade de apresentar ideias da Museologia teórica para os leitores daquela revista, Sofka afirmou que “A discussão em torno disso, ou uma parte dela, está agora preservada nesse artigo como um pedaço da história do ICOFOM.”²⁴⁶ (SOFKA, 1995, p. 28). Ao escrever sobre o documento intitulado “Proposta ao Comitê Consultivo do ICOM sobre um sumário das ideias, opiniões, e recomendações dos Grupos de Trabalho do Comitê Consultivo sobre a estrutura e política do ICOM e sobre a harmonização de seus Estatutos e Regras por Vinos Sofka”²⁴⁷, este afirmou que o documento seria “[...] um testemunho do envolvimento do ICOFOM e de seu presidente nas matérias do ICOM [...]” (SOFKA, 1995, p. 28). Sobre a presença desse texto em *Museological News*, Sofka é ainda mais enfático ao afirmar que ele estaria “[...] para sempre preservado em *Museological News* n. 11.”²⁴⁸ (SOFKA, 1995, p. 28).

Às vezes, alguém poderia ouvir: Tanto papel, para qual utilidade? Agora, enquanto folheio pelos ‘meus’ livretos amarelos - a cor de *Museological News* da terceira à décima segunda edição - daquele tempo, me sinto satisfeito por

²⁴⁵ Tradução livre do original: “[...] it preserved, in a true museological way, as I can judge now when writing the Committee's history, the result of the work in common of the museological fraternity all over the world during that period. (SOFKA, 1995, p. 27).

²⁴⁶ Tradução livre do original: “The discussion around it, or a part of it, is now preserved in this paper as a piece of ICOFOM history.” (SOFKA, 1995, p. 28).

²⁴⁷ Tradução livre do original: “Proposal to the Advisory Committee of ICOM (AC) on the summary of the ideas, views and recommendations of the Working Groups of the AC on structure and policy of ICOM and on harmonization of its Statutes and Rules by Vinos Sofka.” (SOFKA, 1995, p. 28).

²⁴⁸ Tradução livre do original: “[...] forever preserved in *Museological News* n. 11.” (SOFKA, 1995, p. 28).

ter neles preservado nossa história em comum, em preto e branco. (SOFKA, 1995, p. 28).²⁴⁹

A partir dessa perspectiva, na qual entendemos a publicação dos documentos do ICOFOM no boletim *Museological News* também como uma forma de preservação de sua história, apresentamos, no quadro 16, uma lista de todos os documentos publicados em *Museological News* e que consideramos que fazem parte dessa história do ICOFOM preservada no boletim.

Quadro 16 - Documentos relativos ao ICOFOM e que foram publicados em *Museological News*

Número da Edição	Título do documento
1	Proceedings of the Committee during the ICOM General Conference - Mexico, October 1980
1	Museological Working Papers: Projects and Realisations
1	Questionnaire for compiling the ICOFOM membership list
2	Agenda of the second session of the International Committee of ICOM for Museology
2	Analysis of the answers to the questionnaire attached to the first survey of the Committee, in order to compile a list of the members of the Committee by museological and museographical categories
3	Report of the Fifth meeting of ICOFOM - France, October 1982
3	List of participants in the Fifth annual meeting of ICOFOM, Paris 1982
3	Dr. Jelinek's letter of resignation
3	Report on ICOFOM's work in 1981-1982
3	Rules of ICOFOM
3	List of ICOFOM bodies and office holders in 1977-1982
3	Project for the organization of the colloquium Methodology of Museology and Professional Training
3	ICOFOM Action Programme with reference to ICOM '83 London. Work and time schedule. Period: January 1 - July 31, 1983
3	Members of ICOFOM
4	ICOM Triennial Programme 1983-1986 (second draft)
4	Agenda of the Sixth meeting and Third General Assembly of ICOFOM, London 1983
4	ICOFOM membership. Report on an inquiry
4	Rules of ICOFOM

²⁴⁹ Tradução livre do original: "Sometimes, one could hear: Too much paper, for what use? Now, when leafing through 'my' yellow booklets, the colour of *Museological News* (Nos 3-12), from that time, I feel satisfied that I preserved our common history in black and white in them." (SOFKA, 1995, p. 28).

4	Report on the activities of ICOFOM in the years 1980-1983
4	ICOFOM Policy 1983. Critical analysis of ICOFOM activities with conclusions and proposals for future work. (First Draft)
4	ICOFOM Triennial Program 1983-1986 (Draft)
4	Elections of ICOFOM bodies
4	ICOFOM Bodies
5	Report on the Sixth annual meeting and the Third General Assembly of ICOFOM
5	Results of the election of ICOFOM Executive Board
5	Report on the constituent meeting of the ICOFOM Executive Board
5	ICOFOM Triennial Programme 1983-1986
5	SUPPLEMENT to ICOFOM Triennial Programme 1983-1986. Clarifications, explanations and instructions for the accomplishment
5	Agenda of the Seventh meeting of ICOFOM (Draft)
5	ICOFOM membership 1983
6	ICOFOM Seventh Annual Meeting. Leiden, October 1984
6	ANNUAL MEETING 1984: Collecting today for tomorrow (Agenda)
6	ANNUAL MEETING 1984: The management training needs of museum personnel (Agenda)
6	List of the contributors to the symposium
6	Document 1: Aims & policy
6	Document 2: Long-term program (working draft by Judith K. Spielbauer)
6	Document 3: Internal Rules of ICOFOM
6	Document 4: Rules of procedure for ICOFOM meetings
6	ICOFOM meetings in 1985 and 1986
7	A news summary
7	Important dates for your planning
7	Results of the ICOFOM meeting 1984 - Report on the Seventh annual meeting of ICOFOM
7	Enclosure 1 - New members of ICOFOM
7	Enclosure 2 - List of the contributors to the symposium
7	Internal rules of ICOFOM
7	Rules of procedure for ICOFOM meetings
7	Zagreb - Yugoslavia: ICOFOM meeting point 1985 (Agenda)
7	Eighth annual meeting of ICOFOM: Issues to be discussed
7	ICOFOM symposium 1985: Originals and substitutes in museums
7	Lecture programmes 1985
7	Participation in the meeting: Registration and conditions
7	ICOFOM membership 1985
8	Agenda of the meeting, Zagreb 1985

8	ICOFOM Activities 1984/1985 - Annual report to the Advisory Committee and Executive Council of ICOM, July 1985
8	ICOM Triennial Programme 1987-1989. ICOFOM views on the medium-term activities of ICOM 1987-1989, and a long-term programme to 1995. February 1985
8	Proposal to the Editorial Advisory Board of Museum, Unesco - Paris. Some reflections on the need for presenting theoretical museological thinking to the readers of Museum. June 1985
8	Working group on information by Peter van Mensch
8	ICOFOM membership
9	A news summary
9	ICOFOM activities 1983-1986 - Triennial report to the Executive Council and the Advisory Committee of ICOM
9	Meeting programme 1986 (Agenda)
9	Elections 1986 - List of candidates nominated for elections
9	ICOFOM long-term programme
9	ICOFOM Triennial Programme 1987-1989
9	Meeting activities - Interdisciplinary Panel Session
9	Meeting activities - ICOFOM symposium 1986: Museology and identity
9	Meeting place 1987
9	ICOFOM membership
10	ICOFOM 1987 - Meeting programme (Agenda)
10	ICOFOM 1987 - List of participants at the meeting
10	ICOFOM 1986/1987 - Annual report to the ICOM Advisory Committee
11	ICOFOM 1988 - Meeting programme
11	ICOFOM 1988 - List of participants at the meeting
11	Annual report 1987-1988 to the ICOM Advisory Committee
11	ICOFOM long-term programme
11	ICOFOM Triennial Programme 1987-1989
11	Internal Rules of ICOFOM
11	Elections 1989
11	Proposal to the Advisory Committee of ICOM on the summary of the ideas, views and recommendations of the Working Groups of the AC on structure and policy of ICOM and on harmonization of its Statutes and Rules
12	ICOFOM 1989: Meeting programme (Agenda)
12	Triennial report 1986-1989 to the ICOM Advisory Committee
13	Report of the 12th annual conference of ICOFOM - The Hague, Netherlands 1989
13	ICOFOM Triennial Programme 1990-1992
13	Annual Conference 1990
13	ICOFOM Annual Symposium - Guidelines for the participants

14	Report of the 13th annual conference of ICOFOM - Livingstone-Mfuwe, Zambia 1990
14	ICOFOM 1990 Zambia - Museums and heritage preservation: conclusions and recommendations
14	Annual Conference 1991 (Agenda)
14	ICOFOM Annual Symposium - Guidelines for the participants
15	Report of the 14th annual conference of ICOFOM - Switzerland 1991
15	ICOFOM 1991 Switzerland - Resolutions
15	Annual Conference 1992 (Agenda)
15	Guidelines for the participants
15	Elections
15	Report on the triennial period 1989 - 1992

Fonte: Adaptado de *Museological News* (1981-1992) pelo autor, 2022.

Através desta pesquisa identificamos, nas quinze edições do boletim *Museological News*, noventa e seis documentos de diversos tipos, e entre os mais recorrentes encontramos: agendas de eventos, listas de participantes de eventos, condições para registro e participação nos encontros, regras de procedimentos para os encontros, relatórios sobre os encontros, relatórios sobre o trabalho do ICOFOM, regimento interno do ICOFOM, lista de ocupantes dos cargos do ICOFOM, projetos de organização de eventos, programas trienais e programas de longo prazo do ICOFOM, listas de candidatos e resultados das eleições do Comitê.

Sobre a publicação desses documentos, Vinos Sofka (1995, p. 22) escreveu que o boletim *Museological News* “[...] era, sobretudo, um fórum para uma discussão democrática sobre todas as minutas de documentos relativos à política, estrutura e programas do Comitê.”²⁵⁰ E no mesmo sentido: “[...] o boletim era um fórum para apresentação e discussão aberta de propostas relativas às matérias constitucionais do ICOFOM - objetivos e política, programas trienal e de longo prazo, regimento.”²⁵¹ (SOFKA, 1995, p. 26). Desse modo, a publicação desses documentos no boletim *Museological News* permitia que os membros do ICOFOM pudessem fazer “[...] reflexões democráticas sobre todas as proposições importantes relacionadas com a vida e a ação do Comitê” (SOFKA, 1995, p. 23).²⁵²

²⁵⁰ Tradução livre do original: “[...] was first of all a forum for a democratic discussion on all draft documents concerned with the Committee's policy, structure and programmes.” (SOFKA, 1995, p. 22).

²⁵¹ Tradução livre do original: “[...] the bulletin was a forum for presentation of and open discussion on proposals concerned with ICOFOM's constitutional matters - aims and policy, long-term and triennial programmes, rules. (SOFKA, 1995, p. 26).

²⁵² Tradução livre do original: “[...] democratic reflexions on all important proposals concerned with the Committee's life and action.” (SOFKA, 1995, p. 23).

No subcapítulo anterior, consideramos que a publicação de textos científicos em *Museological News* servia para preparar os leitores para os temas que seriam abordados nas palestras, estudos de caso, e seminários que ocorriam nos encontros anuais do Comitê. Contudo, as agendas desses encontros não eram apenas constituídas por eventos científicos, mas também por reuniões que deveriam permitir um debate aberto sobre as questões relativas ao funcionamento interno do ICOFOM. De modo análogo à forma como a publicação dos textos científicos preparava os participantes para as palestras, estudos de caso, e seminários, a publicação dos documentos de caráter administrativo servia para que os participantes pudessem obter informações adequadas que os preparassem para debater e tomar decisões sobre as questões administrativas e organizacionais que seriam debatidas nos encontros, permitindo uma maior qualificação e democratização do debate entre os membros do Comitê.

Como vimos, além desse aspecto funcional da publicação desses documentos no boletim *Museological News*, notamos que Vinos Sofka considerava que a publicação desses documentos também era uma maneira de preservar a história do Comitê, pois para Sofka, “[...] todos os atos relativos à história do ICOFOM podem ser encontrados em *Museological News* [...]”²⁵³ (SOFKA, 1995, p. 28).

A princípio, se considerado do ponto de vista de um conceito tradicional do que seria um arquivo, a publicação desses documentos não poderia ser considerada como um verdadeiro ato de arquivamento. Contudo, essa visão tem sofrido mudanças.

Ao longo da história, a conceituação de arquivo mudou em conformidade com as mudanças políticas e culturais que as sociedades ocidentais viveram; os arquivos são um reflexo da sociedade que o produz e o modo de interpretá-lo também acompanha as mudanças que ocorrem. [...] Assim, não há uma conceituação de arquivo que seja definitiva. (RODRIGUES, 2006, p. 104)

Diante desse contexto, Rodrigues (2006) propõe a seguinte definição de arquivo, e que consideramos adequada para uma melhor compreensão do fenômeno arquivístico verificado em *Museological News*: “Arquivo é um conjunto de documentos produzidos e recebidos no decurso das ações necessárias para o cumprimento da missão predefinida de uma determinada entidade coletiva, pessoa ou família.”

²⁵³ Tradução livre do original: “[...] all the acts regarding the history of ICOFOM can be found in *Museological News*.” (SOFKA, 1995, p. 28).

(RODRIGUES, 2006, p. 105). Nessa perspectiva, o ICOFOM seria uma entidade coletiva que produziu documentos no decurso das ações necessárias para o cumprimento de sua missão, que consistia em desenvolver a Museologia. Para atingir esse objetivo, foram realizados encontros anuais que contavam com seminários, estudos de caso, palestras, painéis de debate, e simpósios, além das reuniões administrativas que serviam para organizar a gestão interna do Comitê. Por trás de todos esses eventos, havia uma necessária organização preparatória que gerava documentos como agendas, listas de participantes, condições para registro e participação, regras de procedimentos, além dos relatórios posteriores aos eventos.

Ademais, havia outros tipos de documentos que não estavam ligados diretamente aos eventos anuais, mas que se faziam necessários para a própria gestão do Comitê, tais como relatórios de atividades realizadas, regimento interno, listas de candidatos e resultados das eleições, listas de ocupantes dos cargos, programas trienais e programas de longo prazo do Comitê.

Sendo assim, consideramos que, através da publicação desses documentos no boletim informativo *Museological News*, houve uma ação de preservação da história institucional do ICOFOM em relação aos atos administrativos que foram praticados ao longo de sua gestão²⁵⁴, conferindo ao boletim, além dos aspectos informativo e científico, também um caráter arquivístico.

Além desse aspecto arquivístico, notamos que *Museological News*, não enquanto o boletim que foi atuante no campo museológico dos anos 1980, mas como registro sensível presente dessa memória passada, apresenta um caráter notadamente museal. Isso não deve surpreender se considerarmos que “um mesmo fenômeno poderá se encontrar no ponto de cruzamento entre diferentes campos [...]” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 55). Dado que a Arquivologia possui semelhanças com a Museologia em respeito à conservação de registros do passado, esse cruzamento entre o arquivístico e o museal é praticamente inevitável. Os “livretos amarelos”²⁵⁵ de Vinos Sofka, como ele mesmo chamou as edições de *Museological News* editadas por ele e que traziam uma distintiva capa amarela, ao se tornarem um

²⁵⁴ Considerando que a função primária da publicação desses documentos em *Museological News* consistia em oferecer aos membros do Comitê a possibilidade de se informar para poder participar das decisões, não fica claro, no relato de Sofka (1995), se ele já vislumbrava, desde aquela época, o aspecto arquivístico que a publicação desses documentos poderia adquirir, ou se essa foi uma tomada de consciência posterior.

²⁵⁵ Tradução livre do original: “yellow booklets” (SOFKA, 1995, p. 28).

objeto de referência na história da Museologia, adquirem um valor de musealidade, conforme esse conceito foi entendido por Ivo Maroevic (1997, p. 120):

A musealidade é o valor imaterial ou o significado do objeto que nos oferece a razão de sua musealização. [...] A proteção da memória requer a proteção do portador da memória, mas também de seus vestígios nos objetos. A proteção da documentação é da mesma importância. Nesse caso, uma parte da memória é transmitida para outras mídias. A memória do patrimônio cultural se instala assim gradualmente nas consciências dos homens e se torna uma memória coletiva.²⁵⁶

Enquanto as informações contidas nas páginas de *Museological News* conferem ao boletim o seu aspecto arquivístico, a própria materialidade de sua publicação - atualmente já transferida para mídias digitais - que remete às memórias acerca do desenvolvimento da ciência museológica, carrega consigo uma musealidade que tem o potencial de transformar as edições de *Museological News* em verdadeiros itens de museu. No contexto da museografia de uma eventual exposição, a apresentação de uma série dos livretos amarelos de Vinos Sofka poderia, por exemplo, representar o próprio desenvolvimento histórico da Museologia no âmbito do ICOFOM.

Como vimos no subcapítulo anterior, a publicação de textos científicos, da oitava à quinta edição do boletim informativo *Museological News*, havia sido uma escolha editorial com o objetivo de tornar disponível a leitura de textos de Museologia científica para os membros do ICOFOM, uma vez que *Museological News* era distribuído gratuitamente para todos os membros do Comitê. Por sua vez, a publicação dos documentos institucionais pode ter servido, além de informar os membros, também para reforçar a legitimidade do ICOFOM frente ao ICOM, especialmente em seus primeiros anos de atuação, quando tensões internas, especialmente em relação ao ICTOP, fizeram com que o próprio direito à existência do ICOFOM chegasse a ser questionada. O período de 1981 a 1983 representou uma época de crise no qual o ICOFOM quase se dissolveu (SOFKA, 1995). Diante desse

²⁵⁶ Tradução livre do original: “La muséalité est donc la valeur immatérielle ou la significacion de l’objet, qui nous offre la raison de sa muséalisation. [...] La protection de la mémoire demande la protection du porteur de la mémoire, mais aussi de ses empreintes convaincantes dans l’objet-meme ou autour de lui. La protection de la documentation est de la meme importance. Dans ce cas, une partie de la mémoire est transmise dans d’autres medias. La mémoire du patrimoine culturel s’installe ainsi graduellement dans le conscient des hommes e devient une mémoire collective. (MAROEVIC, 1997, p. 120).

contexto difícil, a divulgação, tanto da produção científica, quanto do trabalho do Comitê, servia também para legitimar a permanência do ICOFOM como um Comitê do ICOM que estava a cumprir os objetivos aos quais havia se proposto.

Em um primeiro momento, a publicação desse material servia um propósito imediatamente informacional, mas com o lançamento de novas edições, as informações das edições anteriores iam se tornando ultrapassadas e inúteis do ponto de vista de sua função primária, que consistia em informar oportunamente sobre os eventos vindouros. Desse modo, com a passagem do tempo, a publicação daquele material deixava de ter a função inicial de apenas informar os membros do Comitê e legitimar sua existência com a divulgação de seus trabalhos realizados, mas tornava-se também um registro material, conservável e público da memória institucional do ICOFOM. Essa ação só foi possível através de uma operação editorial.

A ação criadora do editor poderia ser dividida em três operações básicas: selecionar, produzir e distribuir. Essas três operações são solidárias e dependem umas das outras, ao mesmo tempo que se intercondicionam, formando um ciclo que constitui o ato de edição. (CLARO, 2007, p. 77).

A ação de editar uma publicação já é, por si só, um ato de produção: “[...] a figura do editor é essencial para a compreensão desse processo de ‘dotar de forma as ideias’ ou de transformar as ideias em uma realidade física.” (CLARO, 2007, p. 74). No caso de Vinos Sofka, sua atuação produtiva ia além da edição, pois vimos que ele escrevia não apenas os editoriais, mas também alguns outros textos que foram publicados sob sua própria editoração. Além disso, na função característica do editor, ele selecionava, entre os textos que lhe eram enviados e outros que ele mesmo solicitava aos autores, aqueles que seriam publicados em cada edição. Por fim, através do Escritório do Conselho Editorial do ICOFOM, localizado em Estocolmo, no museu em que Sofka trabalhava, ele distribuía sua produção editorial para todos os membros do ICOFOM. Sendo assim, notamos que Vinos Sofka exercia a ação criadora típica do editor, através das três operações básicas que consistiam em selecionar, produzir e distribuir.

Guardadas as proporções, pode-se assimilar a função do editor à de uma incubadora: não é a fonte de vida, não é aquele que fecunda, mas sem ele a obra concebida até os limites da criação não ascenderia jamais à existência. (CLARO, 2007, p. 77)

Essa ação do editor revela-se ainda mais importante quando lembramos que, ao longo da década de 1980, ainda não havia o uso disseminado da internet. Por conta disso, os contatos interpessoais se faziam de modo mais difícil e lento, o que tornava a distribuição das publicações do ICOFOM – e especialmente do boletim informativo *Museological News*, que tinha como destinatários todos os membros do Comitê – fundamental para a difusão do conhecimento museológico em um nível internacional.

Sendo assim, consideramos que a preservação dessas informações através de sua publicação em *Museological News* acabou por fazer desse boletim informativo um meio para a preservação da memória científica e institucional do campo da Museologia, no qual ficaram registrados tanto a produção científica quanto o trabalho administrativo e organizativo do ICOFOM, de modo que o boletim *Museological News* pode ser visto como um verdadeiro patrimônio do campo museológico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Museologia, de um ponto de vista histórico e entendida como uma disciplina científica a ser ensinada nas universidades, é um fenômeno relativamente recente. As pessoas mais jovens a participar da efervescência da ciência museológica durante a década de 1980 teriam em torno de vinte ou trinta anos na época, o que significa que estão ou estariam hoje com sessenta ou setenta anos de idade. Como nas belas palavras de Suzanne Nash (2021, doc. eletrônico) ao se referir aos autores da maioria dos artigos publicados pelo seu falecido esposo, Vinos Sofka, nas revistas do ICOFOM: “[...] a maioria já partiu para aquele grande museu no céu”.²⁵⁷

Hoje, ao tentarmos entender esse processo de consolidação da ciência museológica temos a vantagem de ter, em torno de quarenta anos depois, um certo distanciamento histórico que favoreça uma melhor avaliação do fenômeno, principalmente quando já conhecemos os resultados das ações realizadas no passado, o que permite traçar uma linha de relativa causalidade que retroceda até a origem do processo historicamente verificável. Se alguém fosse, atualmente, escrever a história de um curso universitário de Museologia, poderia apresentar, como o documento mais antigo que se refere ao curso, algo como uma ata que instituía uma comissão para fazer um estudo e produzir um relatório sobre a viabilidade de tal curso. Contudo, essa seria uma história limitada ao contexto interno da própria universidade. Uma outra possibilidade, de horizonte mais amplo, seria traçar a origem do curso não no ambiente universitário imediato no qual ele surgiu, mas numa rede cada vez mais remota de agentes intelectuais que agiram no campo científico e conformaram um subcampo científico específico, o da então nascente Museologia, que forneceu uma base epistemológica indispensável sobre a qual os cursos universitários puderam se constituir.²⁵⁸

Se, dessa perspectiva mais ampla, quiséssemos, por algum motivo, escolher uma publicação para representar o nascimento documental da Museologia científica, uma boa opção seria a primeira edição da revista MuWoP. O pioneirismo da

²⁵⁷ Tradução livre do original: “[...] who have mostly gone to that great museum in the sky.” (NASH, 2021, doc. eletrônico).

²⁵⁸ Um estudo desse tipo - e que se mostrou muito útil como referência para a produção desta dissertação - foi feito por Luciana Menezes de Carvalho (CARVALHO, 2017) em sua tese na qual a autora traçou a trajetória de constituição do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional/Escola de Museologia da UNIRIO, além do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST (PPG-PMUS).

publicação, o caráter fundamental do tema proposto - a própria cientificidade da Museologia e sua interdisciplinaridade - e o fato de ter sido publicada no que se revelou o mais influente local de atuação dos agentes do campo museológico - o ICOFOM - deram à revista um caráter marcante que a tornou uma referência do campo. Apesar disso, por conta do caráter dinâmico da teoria e da prática museológicas que estão sempre se renovando e buscando novas concepções mais bem adaptadas ao mutante mundo em que vivemos, essa referência talvez esteja, com o passar do tempo, se tornando cada vez menos intelectual e mais histórica.

Embora este não seja um trabalho de cunho historiográfico, iniciamos estas considerações finais refletindo sobre a escrita da história da ciência museológica porque, ao buscarmos soluções para o problema desta pesquisa, se não fizemos propriamente historiografia, esperamos que, pelo menos, pudemos fornecer mais alguns elementos que poderão subsidiar os atuais e futuros pesquisadores da Museologia.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em compreender, considerando a estrutura das publicações do ICOFOM, qual foi o papel desempenhado pelo boletim informativo *Museological News* durante o processo de construção e legitimação da ideia de uma museologia teórica e científica durante a década de 1980.

Para tentar resolver esse problema, inicialmente abordamos, no segundo capítulo, o processo de construção da Museologia como uma ciência. Na seção 2.1, traçamos um breve panorama histórico do desenvolvimento científico ocidental desde a Revolução Científica até a crise das ciências no século XX, considerando as concepções de ciência e de método científico em autores como Thomas Kuhn, Karl Popper e Paul Feyerabend. Uma vez compreendido esse cenário, vimos na seção 2.2 como se deu a proposta de uma Museologia teórica e de base científica que pudesse ser ensinada nas universidades, conforme o objetivo proposto pelo ICOFOM, criado em 1977. Com isso, procuramos atender o objetivo específico de compreender o processo de incorporação da Museologia às ciências humanas no Ocidente.

No terceiro capítulo, abordamos o papel das revistas científicas no campo museológico e examinamos duas publicações do ICOFOM: as revistas *Museological Working Papers*, e *ICOFOM Study Series*. Concluímos que em ambos os casos se tratava de publicações que poderiam ser identificadas, de acordo com o conceito de espiral da cultura científica de Carlos Vogt (2003), como publicações de primeiro quadrante da espiral, ou seja, aquelas revistas escritas e direcionadas para cientistas,

e cuja função é produzir e difundir o conhecimento científico. Ambas as revistas apresentavam textos de museologia científica, mas vimos que a principal diferença entre essas duas publicações era que as revistas ISS eram especificamente destinadas a abordar o tema de cada simpósio anual do ICOFOM, enquanto a revista MuWoP não estava diretamente relacionada a um evento específico. Além disso, a revista MuWoP teve apenas duas edições publicadas, enquanto a revista ISS segue sendo produzida até hoje. O exame dessas duas publicações foi feito para atingir os objetivos específicos de compreender o papel desempenhado pelas publicações científicas na disseminação e consolidação do conhecimento científico, e examinar as publicações feitas pelo ICOFOM na década de 1980 e sua relação com o boletim *Museological News*.

Por fim, no quarto capítulo, chegamos ao nosso principal objeto de pesquisa, o boletim informativo *Museological News*, que foi abordado sob três perspectivas, cada uma delas em um dos três subcapítulos. No primeiro, analisamos os textos que foram publicados com autoria de Vinos Sofka, principalmente os editoriais de cada edição, buscando entender que tipo de mensagem o editor tentava transmitir aos seus leitores. Na segunda perspectiva, observamos o aparecimento e crescimento do volume de textos científicos publicados em *Museological News*, buscando entender o que poderia ter motivado essa mudança no perfil da publicação. No terceiro subcapítulo, vimos como a publicação de documentos institucionais ligados à gestão do ICOFOM, depois de servirem sua função primária de comunicar informações sobre os eventos vindouros, terminou por se transformar em um patrimônio do campo museológico, no qual foi preservada uma parte importante da memória científica e institucional da atuação do ICOFOM durante a década de 1980. Sendo assim, no quarto capítulo esperamos ter cumprido o objetivo específico de analisar o papel desempenhado pela publicação *Museological News* na dinâmica do campo museológico da década de 1980 a partir do ICOFOM.

De um ponto de vista metodológico, reconhecemos que esta pesquisa teria sido impossível sem todo o trabalho anterior que foi realizado para digitalizar e tornar disponível as trinta e três edições das três publicações do ICOFOM que serviram como fonte documental desta dissertação. Como vimos no capítulo anterior, entendemos que a preservação dessas publicações do ICOFOM forneceu um importante registro científico e institucional da história, não apenas do Comitê, mas do próprio

desenvolvimento da Museologia em sua condição de consolidar-se como uma disciplina científica durante a crucial década de 1980.

Ainda em relação à importância do registro da memória, não podemos esquecer o relato escrito por Vinos Sofka (1995) e sem o qual esta pesquisa, se não fosse inviabilizada, provavelmente seria menos elucidativa do problema proposto, pois perderia importantes subsídios de informação que nos conduziram em nossa linha investigativa sobre as funções das publicações do ICOFOM sob a direção de Vinos Sofka. Com suas trinta e duas páginas de uma escrita cientificamente despretensiosa e, em parte, autobiográfica, Sofka, falecido aos oitenta e seis anos em 2016, deixou um importante legado para os pesquisadores da Museologia. Contudo, seu texto não foi fruto de um projeto consciente e estruturado de preservação da memória da Museologia, mas foi provocada de forma quase acidental quando Martin Schärer, que era o presidente do ICOFOM no ano de 1995, teve a ideia de convidar Sofka para escrever suas memórias na ocasião em que as revistas ISS estavam sendo reimpressas. Isso nos faz refletir sobre a importância de, por algum meio, registrar as memórias dessas pessoas que fizeram a história da Museologia e que, um dia, não estarão mais aqui para nos contar sobre a sua jornada.

Durante esta pesquisa, também notamos a importância do esforço pessoal de agentes do campo museológico na elaboração de atividades que pudessem favorecer o desenvolvimento da Museologia. É comum alguém dizer que um museu ou um determinado comitê do ICOM fez algo. No entanto, essas instituições, por si só, não podem ser agentes de ação histórica, a não ser por meio dos profissionais que nelas atuam. Quando se diz, por exemplo, que um museu publicou uma certa revista, o que se quer realmente dizer é que determinados profissionais individualmente identificáveis editaram e publicaram uma revista sob o nome do museu. No contexto do ICOFOM da década de 1980, percebemos a relevância do investimento intelectual de Vinos Sofka em sua atuação no campo museológico e como ela foi determinante para o desenvolvimento da Museologia naquele contexto. Isso não significa que outras pessoas não tenham tido um papel importante naquele processo, ou que ele simplesmente não teria ocorrido se Sofka não estivesse lá, mas essa construção da Museologia no âmbito do ICOFOM certamente teria ocorrido, em maior ou menor grau, de algum outro modo se Sofka não tivesse sido presidente e editor das publicações do ICOFOM naquele período de consolidação do campo museológico. Vimos que a construção da Museologia enquanto disciplina científica foi um processo histórico

localizado no tempo e no espaço, e no qual atuaram agentes individuais que ocuparam posições importantes do campo e que deram a esse processo sua própria especificidade.

Esse fenômeno pode ser mais bem compreendido à luz do conceito de capital científico institucional, de Pierre Bourdieu (2004), que se acumula pela ocupação de posições importantes nas instituições científicas e que garantem um relativo controle sobre os meios de produção e reprodução do campo. Esse foi o caso de Vinos Sofka, que ocupou as posições de presidente do ICOFOM e editor de suas publicações, numa dinâmica de estratégias políticas internas ao próprio campo museológico e que lhe deram a oportunidade de investir esse capital científico institucional em ações que tinham como objetivo o desenvolvimento da ciência museológica através da organização dos encontros anuais do ICOFOM e a produção de suas publicações científicas.

O processo de construção da Museologia como uma disciplina científica foi um esforço internacional, coletivo e duradouro, que se baseou, principalmente, nas associações profissionais, como o ICOFOM, e na instituição de cursos universitários de Museologia. Nesta pesquisa, abordamos um terceiro elemento dessa equação que teve como resultado a instituição da ciência museológica: as publicações científicas, que foram responsáveis por permitir que pudesse haver, ainda antes do uso disseminado da internet, uma divulgação em âmbito internacional de trabalhos e pesquisas relacionados aos aspectos teóricos e científicos da Museologia. As publicações do ICOFOM durante os anos 1980, pela centralidade de seu local de produção e pela influência que exerceu sobre os pesquisadores do campo, desempenharam um papel fundamental na consolidação do campo museológico como um subcampo científico reconhecido e legitimado.

Ao longo de nossa pesquisa, vimos que as três publicações do ICOFOM se estruturavam dentro de um projeto editorial que fazia com que elas não se sobrepusessem em suas funções, mas se complementassem para cumprir o objetivo de promover a difusão do conhecimento museológico. A revista *MuWoP* foi concebida para ser um fórum central de discussão de teoria museológica em nível internacional, mas esse projeto teve um fim precoce, apenas após duas edições publicadas, embora houvesse um planejamento para edições subsequentes. A revista *ISS*, que costumava ter duas edições anuais, antes do simpósio servia como plataforma de divulgação dos *preprints* dos textos dos autores que participariam do evento, e após o simpósio servia

também para publicar as críticas e comentários sobre os textos previamente apresentados, de modo a estimular um desenvolvimento epistemológico crítico e coletivo dos temas propostas em cada simpósio anual do ICOFOM.

Por sua vez, o boletim informativo *Museological News*, complementava essa estrutura de publicações, oferecendo não apenas informações pragmáticas aos membros do Comitê, como era seu propósito inicial, mas também apresentando um conteúdo científico durante cinco de suas edições, em parte para compensar o vazio de publicação científica que havia sido criado pela interrupção da publicação de MuWoP. Além disso, notamos que através da publicação, não apenas dos artigos científicos, mas também dos documentos administrativos do ICOFOM, o boletim *Museological News* pode ser considerado um patrimônio museal e arquivístico do campo museológico, em cujas páginas ficou preservada uma parte importante da memória científica e institucional da Museologia. Sendo assim, consideramos que o boletim informativo *Museological News* desempenhou uma função importante em relação à organização administrativa do ICOFOM, ao servir como um boletim informativo que permitia que os membros do Comitê estivessem adequadamente informados a tempo de participarem das reuniões administrativas e encontros científicos do ICOFOM. Além disso, por um período que durou da oitava à décima segunda edição, ele também exerceu o papel de uma plataforma para a divulgação internacional de textos que abordavam a museologia de uma forma científica. Essas duas funções foram exercidas durante os anos 1980. Por fim, com o passar do tempo, o boletim também veio a tornar-se um patrimônio que preserva a memória científica e institucional do campo museológico.

Considerando os possíveis desdobramentos a partir dos resultados desta dissertação e ainda outras formas de abordagem das publicações do campo museológico, entendemos que pesquisas subsequentes poderiam, entre outras questões, buscar resolver problemas concernentes às representatividades nacionais e de gênero nas autorias dos textos publicados e nas posições de editoração dos periódicos museológicos, a receptividade e influência das publicações do ICOFOM no Brasil, a relevância de outras publicações externas ao ICOFOM no campo museológico, ou até mesmo a origem do conteúdo bibliográfico que foi usado nas disciplinas de teoria museológica nos primeiros cursos universitários de Museologia no Brasil. Enfim, entre essas e outras questões, há ainda um amplo campo de estudos

museológicos a ser explorado, e esperamos que esta pesquisa tenha oferecido sua própria contribuição para a construção desse conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAGHLI, Sid; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani. History of ICOM (1946 - 1996). ICOM: Paris, 1998. 104 p. Disponível em: <https://icom.museum/en/ressource/history-of-icom-1946-1996/> Acesso em: 26 out. 2022.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. *O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský*. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

BORIS, Georges; MELO, ANNA; MOREIRA, Virginia. Influence of phenomenology and existentialism on Gestalt therapy. In: **Estudos de Psicologia**. Campinas, 34(4), pp. 476-486, out/dez 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrcTSTMMm5jrJLyhdrsp4NC/?lang=en>. Acesso em: 11 abr. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BURCAW, G. Ellis. Comments on MuWoP No. 1. In: **Museological Working Papers**. N. 2. 1981.

BURKE. Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BURKE. Peter. **Uma história social do conhecimento - II: da Enciclopédia à Wikipedia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

CAPEL, Horacio. The history of science and the history of the scientific disciplines: goals and branching of a research program in the history of geography. In: **Cuadernos Críticos de Geografía Humana**. Barcelona, Ano XIV, n. 84, dez. 1989. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/geo84.htm>. Acesso em: 03 mar. 2022.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 118 p.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Do Museu à Museologia: constituição e consolidação de uma disciplina**. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro. 200 p.

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIES, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

CERAVOLO, Suely. **Da palavra ao termo: um caminho para compreender Museologia**. 2004, Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 231 p.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro o leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora Unesp, 1998. 160p.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 266p.

CLARO, A. T. Entre o livro e o leitor: o editor e a forma das idéias. In: **Cenários da Comunicação**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 73-80, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/11694> Acesso em: 19 out. 2022.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CROCHÍC, J. L.; MARTINELI, G.; SVARTMAN, M. B. P. A ideologia do cientificismo. In: **Psicologia USP**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 1-3, 2015. DOI: 10.1590/0103-656420152601. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/97589>. Acesso em: 21 mar. 2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (editores). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

ENGELMANN, Arno. A Psicologia da Gestalt e a Ciência Empírica Contemporânea. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan-Abr 2002, Vol. 18, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/XSh64nGNFPWSrfbBMXvLp7t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 abr. 2022.

FEYERABEND, Paul. **Against method: outline of an anarchistic theory of knowledge**. Londres: Verso, 1993. Disponível em: https://monoskop.org/images/7/7e/Feyerabend_Paul_Against_Method.pdf. Acesso em 3 abr. 2022.

FRANÇA, Tânia Maria Rodrigues de. **Museologia: a produção do campo como representação do conhecimento científico**. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) -- Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2017.

FUREGATO, Antonia; GATTÁS, Maria. Interdisciplinaridade: uma contextualização. In: **Acta Paulista de Enfermagem**. 2006; 19(3):323-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/zcxLWkprCCXBFcghb5qfYcp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 31 mar. 2022.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Carlos Antonio Fragoso. **O Novo Paradigma Holístico**. s.d. Disponível em: http://www.assepe.org.br/artigos/carlos_Holistica.pdf. Acesso em 08 abr. 2022.

HACKING, Ian. Ensaio introdutório. In: KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ICOFOM. **Museological Working Papers**. N. 1, 1980a.

ICOFOM. Report from the second meeting of the ICOFOM. In: **Museological Working Papers**, n. 1. 1980b.

ICOFOM. Excerpts from minutes or the 47th session of the executive council of ICOM. In: **Museological Working Papers**, n. 1. 1980c.

ICOFOM. **Museological Working Papers**. N. 2, 1981a.

ICOFOM. **Museological News**. N. 1, 1981b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 10 mai. 2022.

ICOFOM. **ICOFOM Study Series**. N. 1, 1983. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 10 mai. 2022.

ICOFOM. **Museological News**. N. 3, 1983. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 10 mai. 2022.

ICOFOM. **Museological News**. N. 4, 1983b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 10 mai. 2022.

ICOFOM. **Museological News**. N. 5, 1984a. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 17 mai. 2022.

ICOFOM. **Museological News**. N. 6, 1984b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 17 mai. 2022.

ICOFOM. Supplement to ICOFOM Triennial Programme 1983-1986. Clarifications, explanations and instructions for the accomplishment. In: **Museological News**, n. 5. 1984c.

ICOFOM. **Museological News**. N. 8, 1985. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 10 mai. 2022.

ICOFOM. **Museological News**. N. 10, 1987.

ICOFOM. **Museological News**. N. 11, 1988. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 10 mai. 2022.

ICOFOM. **Museological News**. N. 12, 1989.

ISAKSSON, Olov; PÄLSSON, Roland. Carry on, MuWoP! In: **Museological Working Papers**. N. 2, 1981.

JELÍNEK, Jan. MuWoP: We wish you well. In: **Museological Working Papers**. N. 1, 1980.

JELÍNEK, Jan. Letter from the chairman. In: **Museological News**. N. 1, 1981.

JENSEN, Villy Toft. Point for discussion: what is museology? In: **Museological Working Papers**. N. 1, 1980.

JENSEN, Villy Toft; SOFKA, Vinos. ICOFOM Policy 1983. Critical analysis of ICOFOM activities with conclusions and proposals for future work (First Draft). In: **Museological News**. N. 4. 1983.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LIMA JÚNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.44, p.36-51, 2021.

MAGALDI, M. B. A UnB é um Museu?: Pensando possibilidades de musealização. In: **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 9, n. Especial, p. 54–80, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35362>. Acesso em: 7 jun. 2022.

MAROEVIC, Ivo. The role of museality in the preservation of memory. In: **ICOFOM Study Series**. N. 27, 1997.

MOLES, Abraham. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**, 2003. p. 73-94. Disponível em: https://biblio-2008.webnode.com.br/_files/200000040-76a3b771d5/fontes_de_informacao_para_pesquisadores_e_profissionais_parte_001.pdf. Acesso em: 3 abr. 2021.

NASH, Suzanne. 2021. Mensagem recebida por alisson.almeida@ufrgs.br em 16 out. 2021

NASSI-CALÒ, Lilian. Avaliação por pares: ruim com ela, pior sem ela. **SciELO em perspectiva**, 2015. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2015/04/17/avaliacao-por-pares-ruim-com-ela-pior-sem-ela/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Editora Scala, 2013.

OLIVA, Alberto. **Filosofia da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2013.

PRIGOGINE, Ilya. **Order Out of Chaos: Man's New Dialogue with Nature**. Londres: Verso, 2017.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. In: **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/kNWMg5vmqhBjKTzPYqSw8BQ/abstract/?lang=pt> Acesso em: 12 out. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHEINER, Tereza. **Desvelando o museu interior**. Texto n. 4 da disciplina Museologia 01, Escola de Museologia da UNIRIO. 2005.

SOARES, Bruno Brulon. 2021. Mensagem recebida por carolina.gelmini@ufrgs.br em 11 out. 2021.

SOARES, Bruno Brulon. 2022. Mensagem recebida por alisson.almeida@ufrgs.br em 13 mai. 2022.

SOARES, Bruno Brulon; CARVALHO, Luciana Menezes de; CRUZ, Henrique de Vasconcelos. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. **90 anos do Museu Histórico Nacional: em debate (1922-2012)**, p. 244-262, 2014.

SCHREINER, Klaus. Common theses on museology: an attempt to summarize standpoints on the fundamentals of museology. In: **Museological News**. N. 8. 1985.

SOFKA, Vinos. Editorial. In: **Museological Working Papers**, n. 1, 1980a.

SOFKA, Vinos. Report on the activities of the Editorial Board of the ICOFOM. In: **Museological Working Papers**, n. 1, 1980b.

SOFKA, Vinos. Introductory summary by the Editor. In: **Museological Working Papers**, n. 1, 1980c.

SOFKA, Vinos. What next? Directions from the Editor. In: **Museological Working Papers**, n. 1, 1980d.

SOFKA, Vinos. Editorial. In: **Museological Working Papers**. N. 2, 1981a.

SOFKA, Vinos. Comments on comments by the Editor. In: **Museological Working Papers**. N. 2, 1981b.

SOFKA, Vinos. What next? Directions from the Editor. In: **Museological Working Papers**, n. 2, 1981c.

SOFKA, Vinos. What next? In: **Museological News**. N. 3, 1983a.

SOFKA, Vinos. Londinium ante portas: Some reflections before the opening of ICOM 1983. In: **Museological News**. N. 4, 1983b.

SOFKA, Vinos. Where are we going to meet in 1984? In: **Museological News**. N. 5, 1984a. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. Before Starting in Leiden. In: **Museological News**. N. 6, 1984b. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. Before you write your paper. Some words from the ISS Editor. In: **ICOFOM Study Series**. N. 6, 1984c. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. Some post-London thoughts by the chairman of ICOFOM. In: **Museological News**. N. 5, 1984d.

SOFKA, Vinos. In the interval. In: **Museological News**. N. 7, 1985a. Disponível em:

https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. Stand-in for the editorial: Meeting news 1985 by Vinos Sofka. In: **Museological News**. N. 8, 1985b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. In the spirit of the theme: substitute for an editorial by Vinos Sofka. In: **ICOFOM Study Series**. N. 8, 1985c. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 18 mai. 2022.

SOFKA, Vinos. ICOFOM: Obstinacy in publishing. In: **ICOFOM Study Series**. N. 11, 1986a. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 18 mai. 2022.

SOFKA, Vinos. Just a few words by the chairman of ICOFOM. In: **Museological News**. N. 9, 1986b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. ICOFOM panel debate: Cultural policy, museums and museology in Latin America. In: **Museological News**. N. 11. 1986c.

SOFKA, Vinos. ICOFOM: Ten years – ten meetings and twenty-seven volumes. Editorial by Vinos Sofka. In: **Museological News**. N. 10, 1987. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

SOFKA, Vinos. Museology research marches on: The museum communication on the agenda. In: **ICOFOM Study Series**. N. 19, 1991. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 23 mai. 2022.

SOFKA, Vinos. **My adventurous life with ICOFOM, museology, museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series**. 1995. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1mMBFbp6YAAwQnKNOJfGwhWPHQclp1efU>. Acesso em 20 abr. de 2021. 32 p.

SPIELBAUER, Judith. A short unscientific appraisal of the work of ICOFOM. In: **Museological News**. N. 12. 1989.

STRÁNSKÝ, Zbynek. A provocative check list by Zbynek Z. Stránský. In: **ICOFOM Study Series**. N. 6, 1984. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y5ifh_Bf8mBg7DfERQpYC25EpeDMHPSA. Acesso em: 09 jun. 2022.

STRÁNSKÝ, Zbynek. Classification system of museum terms. In: **Museological News**. N. 8. 1985.

STRÁNSKÝ, Zbynek. Working group on terminology. In: **Museological News**. N. 8. 1985a.

STRÁNSKÝ, Zbynek. ICOFOM 1977-1988. In: **Museological News**. N. 12. 1989.

VALLE, Bortolo; OLIVEIRA, Paulo. **Introdução ao pensamento de Karl Popper**. Curitiba: Champagnat, 2010. 172 p.

VAN MENSCH, Peter. **Towards a methodology of museology**. 1992. Tese (PhD). Universidade de Zagreb. 240 p.

VAN MENSCH, Peter. Museological News – a clearing house for museological information. In: ICOFOM. **Museological News**. N. 5, 1984.

VARINE-BOHAN, Hugues de. Entrevista com Hugues de Varine-Bohan. In: ROJAS, Roberto (org.). **Os Museus no Mundo**. Rio de Janeiro: SALVAT Editora do Brasil, 1979, p. 8-21; p.70-81.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. 2003. Disponível em: www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml. Acesso em 18 set. de 2021.